ELVIS AMSTERDÃ DO NASCIMENTO PACHÊCO

A DIALÉCTICA-ONTOLÓGICA DE MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do Título de Mestre em Filosofia

Orientador: Prof. Dr. João Eduardo Pinto Basto Lupi

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

P116d

Pachêco, Elvis Amsterdã do Nascimento
A Dialéctica-ontológica de Mário Ferreira dos Santos. / Elvis Amsterdã do Nascimento Pachêco. Orientador, João Eduardo Pinto Basto Lupi. Florianópolis, SC. – 2019.

164 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2019.

Inclui Referências

1. Filosofia. 2. Dialéctica-ontológica. 3. Axioma. 4. Ponto arquimédico. 5. Verdades evidentes por si mesmas. 5. Filosofia Positiva e Concreta. I. Lupi, João Eduardo Pinto Bastos. III. Título.

CDU 140

A DIALÉCTICA-ONTOLÓGICA DE MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do Título de Mestre em Filosofia

Aprovada em 25 / 04 / 2019

____

Professor Dr. Roberto Wu
Coordenador do Programa de Pós-graduação em Filosofia
Universidade Federal de Santa Catarina

BANCA EXAMINADORA

____

Professor Dr. João Eduardo Pinto Basto Lupi (Orientador)
Programa de Pós-graduação em Filosofia
Universidade Federal de Santa Catarina

____

Prof. Dr. Alberto Cupani
Programa de Pós-graduação em Filosofia
Universidade Federal de Santa Catarina

____

Prof. Dr. Wesley Felipe de Oliveira
Estudos Especializados em Educação do Centro de Ciências da Educação
Universidade Federal de Santa Catarina

À Virgem Santíssima Nossa Senhora de Fátima.

AGRADECIMENTOS

A Nosso Senhor Jesus Cristo e a Sua Mãe Maria Santíssima. **εὐχαριστία**, muito obrigado!

A Maria de Mãosalém do Nascimento Pachêco, minha mãe e meu telhado espiritual contra os respingos de meus inimigos. Muito obrigado!

A Raimundo Pachêco, do País dos Mourões, de São Vicente Férrer, meu pai. Muito obrigado!

Eucharistia,

A Ellen Amêniten, Elton Robert e Antônio Vicente, meus irmãos.

A Jefferson Nascimento, meu sobrinho.

A Kerlianny Araújo Bezerra, com amor e esperança.

Ao meu orientador Professor Dr. João Eduardo Pinto Basto Lupi, por ter dado a um completo desconhecido a chance totalmente improvável de expressar, no Mestrado, seu amor pelo Brasil. Jamais esquecerei o carinho, respeito e brandura na correção de meus erros e exageros. Um *eletrizante* muito obrigado!!

Aos professores Alberto Cupani e Wesley Felipe de Oliveira, titulares desta banca, Roberto Wu e Jefferson Crescêncio Neri, suplentes, com o desejo das bênçãos de Santa Catarina de Alexandria aos que amam e buscam a Sabedoria. Assim seja!

Aos super-heróis Dona Maria Oneide, Frederico Oliveira Araújo (Cônsul Adjunto do Brasil em Lisboa, ele próprio um amante do Mário Ferreira dos Santos) e Levy Geralte. Sem vocês eu já teria voltado para a roça! Que a Virgem os abençoe! Amém!

[*In illo tempore*...

Andei com os Cristos da Estrada de Emaús (Praça João Lisboa e Praça da Trindade e a Praça de frente para o Hotel Abeville): Frei Rogério Beltrami de Milão, 94 anos, exorcista, Frei Gilson Baldez, Frei Luís Giudici, Frei Frigo, Frei Portela, Frei Valdo, Frei Raimundo, Frei Pinto e Pe. Osvaldo. Pelo Pão dos Anjos, muito obrigado!]

Aos amigos do Grupo de Estudos de Filosofia Ibero-Brasileira: Cleiton Imamura, André Vaz Bez (pelos cavalos de Moçambique, muito obrigado!!), Gabriel Dalla Vecchia, Ana Cláudia Colla, Jimmy Timmermans, Lucas Cardoso, Lucas Faraco, Maria de Fátima, Natan Votre, Sheldon Martins, Felipe Hugo e Cléber Szczepanik. Amém!

Ao clã do IFMA: Débora Rodrigues, Lorena Almeida, Adriano Henrique, Victor Hugo, Emanoel Gomes, Bruno Vieira, João Porto, Jhowerlison Silva e João Zuão. Amo vocês.

A Marcelo Marques, irmão do Oeste de Santa Catarina; Cinthia Berwan, *Shalom!*; Lucas Marra, de Santos, Zurich e Principado de Lichtenstein; Bernardo Leite Costa, Rodrigo Cardoso Pereira, Rafael Campos Quevedo, Cledson Ribeiro e Marcos André, de Saint Louis Island, Ilha do Amor, no País do Maranhão; Priscila Moreira e Moisés Lemos, das faldas de Galaad; Caroline Scalmana, de Brescia, na Lombardia; Wandeilson Miranda, do País do Piauí – Província Peito de Moça; Lucas Senra, do País dos Carismáticos, e Cecília Catharina Gondo, do Espírito Santo, o Consolador.

A todos do Instituto Santo Agostinho – ISA, os isagógicos: Fábio, Suellen, Tobias and John Peter Miotto; Patrícia, Tarcísio, Rafael e (Santa) Gianna Bronislawski Figueredo. − Pueri Sancti, orate pro nobis!

A Andressa Lobato, Kamila Hoffmann, Fernanda Dutra, Marcela Guitarrara, Yasmin Bogo El Messane, André Santos, Gutto Heinzen, Ed Charles, pelos Movimentos do Corpo Banhado no Espírito, e Diego Mise, do País do Equador.

A Thomaz Szechir Dias, Sir Joaquim Alfredo Lhullier da Cunha – sobrinho do Mário Ferreira e Lord dos Pampas, nobre pelo sangue e pelo hábito, que me cobriu de gentilezas durante uma semana maravilhosa no Cerrito Alegre, muito obrigado! −, Cíntia Torma, Carlos Lhullier da Cunha (*in memoriam*) e Beatriz Wetzel.

Às Sras. Roseane Marques e Ana Berenice Reis, do Ginásio Gonzaga de Pelotas-RS, e Jéssica Vitória, do Centro Universitário do Cerrado (UNICERP), de Patrocínio-MG.

Ao Professor Olavo de Carvalho com as palavras de Daniel 12,3: "no fim dos tempos os sábios resplandecerão como o fulgor do firmamento, e os que tiverem ensinado a muitos para a justiça serão como estrelas para sempre, eternamente".

À Universidade Federal de Santa Catarina e ao estipêndio da Capes, dos frutos dos irmãos brasileiros, de onde o pão que tomei e o vinho que bebi, Eucaristia e muito obrigado!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Por um nada não são poucos os que chegam à glória eterna; por um tudo, ao contrário, muitos se defrontam com seu próprio sepultamento sob as dunas do esquecimento e da morte. (Ângelo Monteiro, *Tratado da Lavação da Burra ou: Introdução à Transcendência Brasileira*)

RESUMO

A dialéctica-ontológica é um dos métodos empregados na Filosofia Positiva e Concreta de Mário Ferreira dos Santos. Consiste, propriamente, no uso de termos e juízos com conteúdo ontológico, de fundamentação necessária, e possíveis de ser empregados em todos os setores do ser. A dialéctica-ontológica, exposta em *Filosofia Concreta*, parte de um ponto arquimédico e desenvolve as teses subseqüentes como uma construção axiomática, inspirada na filosofia pitagórica, para a qual a única autoridade é a demonstração. Antes de tocarmos nesse tema, investigamos o autor sob o ponto de vista bio-bibliográfico e damos tratamento noológico à pergunta *o que é o homem?* a fim de apresentá-lo de modo mais universal e paulatinamente atingirmos aspectos mais específicos de seu pensamento.

Palavras-Chave: Dialéctica-ontológica. Axioma. Ponto arquimédico. Verdades evidentes por si mesmas. Filosofia Positiva e Concreta.

ABSTRACT

The ontological dialectic is one of the methods applied in the Positive and Concrete Philosophy of Mario Ferreira dos Santos. It consists properly of the use of terms and judgements with ontological content, with necessary fundament, and possible of being applied to every sector of the being. The ontological dialectic revealed in *Filosofia Concreta* starts from an Archimedean point and deducts the subsequent statements as an axiomatic construction inspired by the Pythagorean philosophy, for which the only authority is the demonstration. Before reaching this topic we investigated the author under a biobibliographical point of view and gave noological treatment to the question "what is the human being?" in order to present him in a more universal way and gradually reaching more specific aspects of his mind.

Keywords: Ontological dialectic. Axiom. Archimedean point. Self-evident truths. Positive and Concrete Philosophy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: *ARGUMENTUM CAMELUMPARDALIS OU* CASTELA MISERÁVEL DESPREZA TUDO QUE IGNORA

"Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que *Iahweh* teu Deus te dá." (Ex. 20, 12). Assim diz o Senhor para que guardemos na memória do coração nosso primeiro mandamento civil: o respeito para com os pais e a promessa de vida longa na terra.

Afinal, quem são nossos pais? Uma entre tantas possibilidades de paternidade é a exercida em nosso sangue pelos grandes homens do país, filhos que somos de Camões, Padre Antônio Vieira, Gilberto Freyre e Manuel Bandeira. Quem gerou o Brasil é o seu pai, ou seu avô, ou bisavô, de Nuno Álvares Pereira[1] a Gerardo Mello Mourão[2]: aquele, na batalha de Aljubarrota nos gerou; este, ao pé da Serra de Ibiapaba no Ceará. O patriotismo, compreendido dessa maneira, é uma modalidade do quarto mandamento e é o que provavelmente garantirá a sobrevivência do Brasil sobre a terra. Só nos resta delimitar quem pariu o Brasil, quem pariu o Maranhão, quem pariu o Ceará, ou pelo menos quem deixou os elementos fecundos para a geração de mais brasis, maranhões e cearás.

Certamente, nossa busca por uma árvore genealógica completa nos obriga a uma detenção maior em Mário Ferreira dos Santos, porque é fruto do que há de melhor na tradição escolástica lusitana, mas que é absorvida em sua filosofia juntamente à seiva de outras tradições incorporadas e aclimatadas – melhor seria dizer acomodadas – em seu próprio sistema. Honrar Mário Ferreira dos Santos, aqui, é o cumprimento de um dever filial para com o país, a tentativa de observância de um mandamento ditado por Deus que não contesto e não ponho em causa, porque, se Deus disse que assim iremos sobreviver, assim o Brasil sobreviverá sobre a terra.

---

[1] Nuno Álvares Pereira (1360-1431) ou São Nuno de Santa Maria, o Santo Condestável, herói português da Batalha de Aljubarrota (1385), que consolidou D. João I como rei de Portugal. A *Crônica do Condestável de Portugal*, de um anônimo do século XV, narra os feitos heróicos de D. Nuno.

[2] Gerardo Mello Mourão (1917-2017), poeta cearense que concorreu ao Nobel de Literatura em 1979; notabilizou-se pela obra *O País dos Mourões*, reunida na trilogia *Os Peãs*, e por livros como *Cânon & Fuga*, que conta com poesias como *O que as sereias diziam a Ulisses na noite do mar*. Foi membro da Academia Brasileira de Filosofia.

Porém, nós brasileiros padecemos de desconfiança quanto a nossas possibilidades, porque, em geral, achamos, por desconhecimento dos grandes feitos de alguns dos nossos autores, que certos avanços nos são impossíveis, como se estivéssemos determinados metafisicamente a não ter metafísica alguma, o que não é verdade de modo algum, podendo apenas expressar uma situação, mas nunca uma determinação inexorável. O próprio Mário Ferreira dos Santos sentiu isso na pele quando certa vez estava numa palestra em que o conferencista exaltava Dan Andersen, autor de *Se a Esfinge Falasse*, como um excelente pensador europeu radicado no Brasil. Algum dos presentes o avisou de que Dan Andersen estava na palestra e, é claro, ele prontamente se interessou em conhecê-lo. Grande foi a surpresa quando se deu conta de que Dan Andersen não era um europeu radicado no Brasil, mas um dos pseudônimos de Mário Ferreira dos Santos, só um brasileiro, o que esfriou o entusiasmo do conferencista.

Já outra vez, dada a sua obra volumosíssima, perguntaram-lhe "mas é possível um brasileiro fazer tais coisas?", ao que respondeu:

> Nosso colonialismo passivo, que infelizmente domina muitas mentes no Brasil, leva-nos a descrer, totalmente de nossos homens, o que impele a muitos se terem aliado aos grupos de detratores de nossos homens, e também de terem destruído muitos valores que não encontraram em sua pátria o apoio que mereciam. Essa prática é contumaz e monótona na nossa história. Citar nomes seria alongar demais estas notas. Realmente muitos duvidam de que um brasileiro seja capaz de realizar obra tão vasta como a minha, apesar dela existir, não em promessas, mas em ato, de "argumentum camelumpardalis" (argumento da girafa). Diz-se que alguém, que antes nunca vira uma girafa ao ver animal de pescoço tão longo, exclamou: "É impossível, este animal não existe!" (SANTOS apud GALVÃO; SANTOS, 2001, p.20)

Mário Ferreira preferiu não apostar na descrença como um elemento construtor, mas sim nas possibilidades reais que nós brasileiros temos, porque somos um povo capaz de assimilar elementos contrários, como muito bem vivemos na dialéctica de nossas raças, mas que podemos também viver na filosofia, dada a nossa posição: um povo

sem tradição filosófica e que não se vê obrigado a abraçar nenhum -ismo; teríamos, assim, condição de avaliar todas as correntes e assimilar o que nos for adequado e necessário. Nessa base, Mário Ferreira dos Santos se fez girafa entre nós, precisamente em São Paulo, ante os olhos estupefatos de uma platéia que não entendia nada do que estava acontecendo. Esse animal, a girafa, existe, malgrado qualquer disposição em contrário. Pensando bem, por que seria impossível a filosofia entre brasileiros? Culpa da degeneração congênita de nossa natureza? Obviamente, não. Portugueses, negros e índios não são tão ruins assim. E me ocorre que nenhuma *natureza* nasceu para morrer, mas para a vida eterna.

Na palestra *A influência da oratória na formação dos líderes*[3], o filósofo relata que, quando procurou alguém que publicasse os seus livros, trombou com a seguinte situação: o editor "deu a entender que era o maior absurdo editar um livro de filosofia num país de analfabetos", que somente venderia algum livro a muito custo, com muita publicidade, e que "nós não podemos empatar nosso capital na edição de livros desta espécie". Mário afirma que só não saiu correndo do escritório porque o editor era delicado... Mas lhe disse que faria uma experiência própria, com dinheiro emprestado: criar sua própria editora. (A INFLUÊNCIA..., 1967). O sucesso foi tamanho que pagou em trinta dias um crédito que era para noventa. Porém, apesar de ter vendido muitos milhares de cópias, atingindo mesmo a casa do milhão, fenômeno inédito no Brasil e penso que também inaudito no resto do mundo, Mário foi vendido, mas não foi lido, ou pelo menos não foi entendido, uma vez que as sementes que lançara não deram frutos. Não vou narrar a parábola do Bom Semeador, mas em nenhum dos casos do texto bíblico a culpa é da semente, mas dos reveses dos terrenos em que germina. O fato é que as sementes lançadas por Mário Ferreira dos Santos ainda não deram os frutos que presumo estar contidos em suas obras, que acredito gestarão outros caminhos para nosso país. Ainda na mesma palestra, combate a terrível sensação de inferioridade que nos acomete e, na condição de "terapeuta" de nosso povo, nos lembra de que "Capistrano de Abreu [...] disse que o Brasil só seria uma grande nação no dia que vigorasse a lei de que 'todo brasileiro devia ter vergonha na cara'". (A INFLUÊNCIA..., 1967). Mário Ferreira dos Santos não via o Brasil como aquele editor: "Eu lutei dentro das minhas forças e dentro

---

[3] Proferida em 16 de agosto de 1967 no "Othon Palace Hotel" de São Paulo. O trecho referido está nas páginas 53 e 54 da coletânea de palestras ainda não publicada de Mário Ferreira dos Santos.

das minhas possibilidades, não me contive, não aceitei aquela maneira abjeta que aquele brasileiro se colocava ante o Brasil.” (A INFLUÊNCIA..., 1967). Assim, superabundava-lhe o que Capistrano de Abreu supunha faltar em muitos de nós.

Foi em São Paulo, capital filosófica do Brasil, que Mário Ferreira dos Santos desenvolveu os aspectos mais relevantes e maduros de sua biografia, justamente na cidade que leva o nome do Apóstolo Filósofo, a cidade de maiores filósofos. A *Escola de São Paulo*[4] compreende os círculos de Miguel Reale e Vicente Ferreira da Silva/Eudoro de Sousa[5], mas certamente o termo não é suficiente para expressar tudo o que a cidade tem a nos oferecer; porque, se há uma Escola de São Paulo, Mário Ferreira é um *homeschooler*. Ademais, se levarmos em conta a presença de outros nomes como Vilém Flusser (1920-1991), Stanislavs Ladusãns (1912-1993) e, muito depois, Olavo de Carvalho, compreendendo um arco histórico mais dilatado, vemos o quão notável é a contribuição da cidade e do estado de São Paulo à Filosofia do Brasil. Esses são os autores visíveis, mas há também filósofo mais discreto (com o qual já tive a honra de privar) que desenvolve um trabalho relevantíssimo e de expressão nacional, mas que prefere ter seu nome ocultado das listas de bibliografia e muito mais da mira dos holofotes, verdadeiro filósofo das catacumbas de concreto – vive um silêncio semi-monástico do *ora et labora* que sua vocação lhe determina.

---

[4] Ver: *Haverá uma “Escola de São Paulo”?*, por Antônio Braz Teixeira, e *O Círculo Vicente Ferreira da Silva*, por Gilberto de Mello Kujawski, apêndices da obra *O Grupo de São Paulo*, de Constança Marcondes César.

[5] Miguel Reale (1910-2006), autor da *Teoria Tridimensional do Direito*, é certamente o júris-filósofo brasileiro de maior expressão, situação garantida também por trabalhos como *Filosofia do Direito* e *Lições Preliminares do Direito*. Já o filósofo Vicente Ferreira da Silva (1916-1963), embora menos conhecido, mostra seu valor pelo pioneirismo de seus estudos em lógica, mas também por seus trabalhos sobre mito, que influenciaram até mesmo o filósofo e filólogo português Eudoro de Sousa (1911-1987). Em *O Grupo de São Paulo*, a professora Constança Terezinha Marcondes César assim o diz no capítulo *O Conceito de Mito em Eudoro de Sousa*: “Uma antropologia filosófica; uma epistemologia; uma filosofia da religião e da história; uma poética: tudo isso encontramos, de modo implícito, ao seguir as reflexões a respeito do mito, ao longo dos escritos do filólogo português.” E acrescenta: “Como fontes relevantes, explicitamente citadas, de seu pensamento, é possível assinalar: Schelling, Bachofen, Heidegger e o nosso Vicente Ferreira da Silva.” (CÉSAR, 2000, p. 31).

Apesar da cidade possuir nas décadas de 50 e 60 tantos e tão gabaritados escritores, mesmo os que se envolviam com filosofia não chegaram a reconhecer o trabalho de Mário Ferreira, como o mestre Miguel Reale, que o via como um comentador de Nietzsche, o que é verdade no que diz respeito à sua infância filosófica, mas depois suas obras seguem um rumo tão diferente que o Nietzsche encontra dificuldades em ser incorporado à filosofia de Mário Ferreira dos Santos, o que me permite dizer que o Mário é duzentas coisas mais importantes do que ser comentarista de Nietzsche. Porém, isso é compreensível em parte: Miguel Reale e Mário Ferreira são gênios que não se entendem e que não se importam um com o outro.

O filósofo brasileiro Olavo de Carvalho[6] assim explica a situação:

> A obra do Mário coloca para todos nós uma obrigação urgente, inadiável, da qual depende, creio eu, a própria dignidade da cultura brasileira. Porque o Mário teve dois problemas. Primeiro, o horizonte de consciência dele transcendia infinitamente o de toda a cultura brasileira do seu tempo, ou seja: não havia ali ninguém qualificado nem entre os filósofos de ofício nem entre os escritores nem entre os universitários de modo geral; ninguém qualificado para entender o que ele estava fazendo, para perceber a grandeza do que ele estava fazendo. A tendência imediata era, evidentemente, empinar o narizinho. E vendo essa coisa, eu sempre lembro o verso do Antonio Machado: *Castilla*[7] *miserable, ayer dominadora, / envuelta em sus andrajos deprecia cuanto ignora.* Castela miserável, outrora dominadora, / envolta

---

[6] Olavo de Carvalho, nascido em Campinas – SP em 1947, é autor de títulos como *A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra & Antônio Gramsci*, *Aristóteles em Nova Perspectiva*, *O Jardim das Aflições*, que inspirou filme homônimo, e *Os EUA e a Nova Era* — um debate entre o filósofo brasileiro e Alexandre Dugin, mentor intelectual de Vladimir Putin —, livro que conta com tradução para o inglês e o romeno. Sua obra pedagógica principal é o *Curso Online de Filosofia* – COF, pelo qual já passaram 20.000 alunos. Igualmente relevantes são seus cursos avulsos sobre a obra de filósofos como Roger Scruton, Eric Voegelin, Louis Lavelle e o próprio Mário Ferreira dos Santos.

[7] Olavo diz *España* e não *Castilla*, por lapso, bem como ao traduzir: *Espanha* e não *Castela*.

> em andrajos, ela despreza tudo que ignora.[8] (CARVALHO, 2017).

Essa profunda incompreensão me faz também recordar o diálogo do cego com o entrevado de que falava Ortega y Gasset (1960). O cego pergunta para o entrevado: "como andas?". O entrevado: "como vês". Nem Mário Ferreira dos Santos pode ser compreendido por quem não tem capacidade de enxergar o que ele faz, nem ele teve o cuidado e o tempo de desfazer os aleijamentos estilísticos de sua obra, nem tampouco teve interesse pelos problemas da sua situação histórica, o que poderia tornar-lhe o pensamento mais assimilável pelo contorno. Além do mais, ainda há o problema de empinarem o narizinho... Somado ao *será?* De um lado se esnoba o que ele fez de grande, de outro lado se duvida de feitos tão grandes. Se são grandes, não me interessam; até porque são impossíveis: modalidade tupiniquim do *tertium non datur*.

Aqui, pretendo ensinar certa lição de zoologia: a girafa existe, para além de todo desprezo, como um fato inegável, porque nos vale mais o que nossos olhos ensinam do que a opinião alheia sobre o olhar. Não nos resta dúvida de que Mário Ferreira dos Santos não gestou o Brasil − pois o encontrou junto com a água do banho, mas ainda deu para salvar o menino! − todavia, deixou-nos as sementes que engendrarão outro Brasil, como possibilidades a ser atualizadas no terreno da história, na biografia de nosso povo, pois ele creu em nossas possibilidades.

De sua obra, pretendo testemunhar a relevância e fazer a exposição adequada de alguns de seus passos mais importantes, que disponho através de três momentos: uma breve investigação bio-bibliográfica, a resposta a uma questão noológica e antropológica – o que é o homem? – e finalmente pela exposição de seu método dialéctico-ontológico[9].

---

[8] Informação retirada do Curso *Mário Ferreira dos Santos*, AULA 1, 1h 13min 46s.

[9] As obras de Mário Ferreira dos Santos são acompanhadas da seguinte ADVERTÊNCIA AO LEITOR, estampada antes mesmo do índice de cada livro: "Sem dúvida, para a Filosofia, o vocabulário é de máxima importância e, sobretudo, o elemento etimológico da composição dos têrmos. Como, na ortografia actual, são dispensadas certas consoantes (mudas, entretanto, na linguagem de hoje), nós as conservamos apenas quando contribuem para apontar étimos que facilitem a melhor compreensão da formação histórica do termo empregado, e apenas quando julgamos conveniente chamar a atenção do

O objetivo principal deste trabalho é fazer uma apresentação da dialéctica-ontológica de Mário Ferreira dos Santos, que intensifico precisamente no capítulo que dá título à dissertação, e seus objetivos secundários são: 1. apontar o valor dessa filosofia tendo em vista a extensão da obra e a profundidade dos temas atingidos, mormente no que concerne à fundamentação da Metafísica enquanto disciplina segura, que progride e dá respostas às questões emergentes, e 2. identificar nessa resposta o elemento universal, ainda que nacional, à fundamentação e as possíveis implicações do seu método. Este trabalho quer ser além disso um convite a essa filosofia, por conta disso a abordagem histórica que também utilizo. Tenho um limite estrutural em seu desenvolvimento. Faço uma exposição da filosofia do Mário Ferreira dos Santos, mas não a confronto suficientemente com outras possibilidades; seria necessário colocar um do lado do outro, Mário e Kant, Mário e Hegel, Mário e Santo Tomás, Mário e Pedro da Fonseca, tarefa que adio para momento oportuno. O que aqui desenvolvo fica disposto a seguir.

No **Capítulo 1**, *Apontamentos Bio-bibliográficos sobre Mário Ferreira dos Santos*, em que coordeno alguns elementos da vida do filósofo e de sua formação escolar no Gymnasio Gonzaga, escola jesuíta de Pelotas - RS em que estudou, e disponho de algumas informações sobre a sua família e certos elementos vivenciais que possivelmente acabaram por influenciar nos temas de sua predileção. Para tanto, utilizo a bibliografia disponível, como as obras de Pedro Caldas e Yolanda Santos, igualmente a biografia escrita por suas filhas, a *Monografia sobre Mário Ferreira dos Santos*, e o prefácio de *A Sabedoria das Leis Eternas*. Também coletei alguns dados na Bibliotheca Pública Pelotense, da qual recolhi um artigo do jornal *A Opinião Pública*, no qual o próprio Mário explica o porquê de sua detenção em 1930, e três documentos do periódico *Diário Popular*:

---

leitor para êles. Fazemos esta observação sòmente para evitar a estranheza que possa causar a conservação de tal grafia."
Por conta disso, conservamos a escrita conforme a encontramos na obra do filósofo. De modo coerente, para evitar descompassos, preferimos a grafia de outras palavras conforme eram escritas antes da enésima reforma ortográfica a que fomos sujeitos, por não acreditar que reformas governamentais infundadas devam atingir o vocabulário do povo e muito menos o da Filosofia.
Quanto ao hífen de dialéctica-ontológica, ora o autor opta por essa grafia ora não. Parece-me que seu emprego deixa a expressão mais engenhosa, daí minha predileção.

Jury, em que está registrada sua estréia como advogado, e dois artigos de 1942: *A história que ainda não foi contada* e *Uma nova Idade Média*. Tive a felicidade de conhecer os irmãos Joaquim Alfredo Lhulhier da Cunha e Carlos Lhulhier da Cunha, sobrinhos de Mário Ferreira dos Santos – na verdade, consagüineamente da parte da esposa do Mário −, que me deram informações orais que podem preencher lacunas dessa biografia e sugerir algumas cogitações, como sobre as predileções ideológicas do filósofo. Complementarmente, conforme o ANEXO A, obtive dados do registro do Gymnasio Gonzaga (atualmente Ginásio Gonzaga) enviados por sua bibliotecária, Sra. Ana Berenice Reis, e encaminhados por e-mail, e consultei pessoalmente o livro *Lembrança do Gymnasio Gonzaga – Pelotas*, do qual retirei a foto do ANEXO C e o registro do ANEXO D. Acredito que essa pesquisa historiográfica seja útil para melhor compreensão do homem Mário Ferreira dos Santos, autor da sua filosofia. Ainda nesse capítulo, recolho os comentários de cinco autores sobre a obra de Mário Ferreira dos Santos, com o objetivo de organizar sua fortuna crítica, que não estabeleço de modo exaustivo, que mesmo não caberia no escopo desta dissertação. Os trabalhos de Olavo de Carvalho, Pe. Carlos Beraldo e Jorge Jaime, e os comentários do Pe. Stanislavs Ladusãns e de Jaime Cubero são as fontes das quais me valho para gizar alguns pontos de sua filosofia e, sobretudo, para tornar conhecido o que já foi dito de importante sobre ele.

No **Capítulo 2**, *Breve Incursão nos Estudos Noológicos de Mário Ferreira dos Santos*, tomo os livros *Noologia Geral* e *Invasão Vertical dos Bárbaros* para responder à pergunta *o que é o homem?*, dúvida eminentemente filosófica, que será abordada sob dois aspectos: diferença entre homens e animais e diferença entre homens e máquinas. Assim, segundo Mário Ferreira dos Santos, quais seriam os elementos distintivos do homem. Considero importante essa pergunta, porque o homem é propriamente o animal que se faz essa questão, o animal que filosofa, e, consoante a resposta dada sobre o que ele é, podemos aceder em certas concepções filosóficas. Ainda nesse capítulo, exponho a *teoria dos juízos virtuais* contida na obra do Mário, mas que precisa ser recolhida de títulos os mais variados e, para tanto, utilizo a palestra em áudio *Filosofia Concreta*, o próprio livro *Filosofia Concreta,* seu *Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais* etc. A compreensão desse ponto é fundamental para o melhor entendimento da dialéctica-ontológica, que lança mão desse tipo de juízo.

No **Capítulo 3**, *A Dialéctica-ontológica de Mário Ferreira dos Santos*, utilizo dois dos mais representativos livros de sua filosofia: *Filosofia Concreta* e *A Sabedoria dos Princípios*, que são os que melhor

expõem a sua idéia de que é possível uma filosofia basear-se num ponto arquimédico, numa sentença apodítica, isto é, numa verdade necessária. Traço aqui a sua concepção metafísica e a sua meditação sobre o problema do ser, bem como exemplifico alguns princípios de sua filosofia que ele considera verdades *per se notae*, isto é, verdades evidentes por si mesmas: *alguma coisa há*, por exemplo, é o princípio da *Filosofia Concreta*, que pretende ser ao mesmo tempo um tratado de Axiomática e de Ontologia, mas sem perder de vista os elementos propriamente dialécticos, uma vez que Mário Ferreira dos Santos aproveita vários momentos dessa obra para confrontar idéias contrárias às suas.

Na **Conclusão**, que aspiro seja uma nova introdução, *Introdução a um novo começo*, mais do que apresentar certos elementos conclusivos, pretendo enunciar certas outras possibilidades de estudo da obra de Mário Ferreira dos Santos.

Em alguns momentos, guardei no tom desta dissertação o que determinadamente o filósofo expressou em *Invasão Vertical dos Bárbaros*: “A religião, a filosofia e a ciência têm novamente de entrosar-se. O que precisamos são de homens que façam essa tarefa e não daqueles que se excluem num especialismo vesgo e deformador.” (SANTOS, 2012, p. 111) Não é meu objetivo aqui provar nenhuma verdade de Fé, mas deixo espaço para a Fé, quando não são exigidos outros elementos de prova, sobretudo nos pontos não essenciais deste trabalho, quando no estilo me dou liberdade para a Esperança; de maneira que não creio que de Mário a Maria haja propriamente uma lacuna epistemológica, quando honestamente anunciado com sinceridade e clareza.

Sempre que possível, preferi as edições da obra do Mário da *Logos* e da *Matese*, casas editoriais do próprio filósofo, a edições mais recentes que por vezes conservam os erros das edições anteriores e acrescentam novos escolhos. Adiro a essa regra exceto quando não tenho as edições antigas à mão.

Este é um trabalho acadêmico, mas não totalmente decantado de disposições não-acadêmicas. Agradeço ao PPGFil da UFSC por aceitá-lo e financiá-lo e espero que ele possa ser semente de novos trabalhos acadêmicos e não acadêmicos que visam a conhecer a verdade da Filosofia de nosso país.

Não quis fazer uma exposição meramente técnica, para especialistas em Mário Ferreira dos Santos, porque não os há, e nem para especialistas em Filosofia em geral, porque esses comumente são desinteressados dos problemas da Filosofia do Brasil. Assim, antes de

atingir o terceiro capítulo, sobre a dialéctica-ontológica, o objetivo principal desta dissertação, abordo outros temas com a finalidade de tornar mais comezinho e desossado um repasto de difícil assimilação, para que qualquer brasileiro de educação razoável e com algum hábito de leitura possa aproveitar as informações aqui contidas. Espero que, deste modo, cumpra devidamente meus objetivos, mas que eu também não acumule o leitor com meus embaraços devidos às minhas dificuldades na compreensão da obra, culpa das edições antigas e atuais, culpa dos inéditos ainda cheios de lacunas a ser preenchidas por um bom editor e culpa minha, obviamente, *mea culpa, mea maxima culpa*: este aqui é um treino da exposição dessa filosofia, pois pretendo melhorar não só a combinação entre a obra do Mário e sua vida, mas também o impacto que ela pode ter sobre a vida de quem a estuda ou simplesmente de quem a lê. Assim, acredito que podemos alcançar um saudável patriotismo, que não seja patriotismo de biblioteca, mas a transformação radical de quem ama a Verdade e se deixa conduzir pelo verbo português de um irmão mais velho ou um avô, nessa busca incansável de vida longa na terra e vida eterna no Céu.

1 APONTAMENTOS BIO-BIBLIOGRÁFICOS SOBRE MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

Afirmar-se que o regionalismo nega o nacionalismo, seria o mesmo que afirmar que o nacionalismo nega o universal. [...] Se há regionalismos divergentes, que buscam negar o todo, se há 'células culturais' que funcionam em aparente oposição ao organismo universal, não é isso atributo de todos os regionalismos. E muito menos se poderia afirmar quanto ao regionalismo gaúcho. Nem o nordestino com suas 'células culturais' – porque lá há várias – negou o Brasil. O regionalismo não é desagregante porque difere. (Mário Ferreira dos Santos, *Células Culturais do Regionalismo*, em *Páginas Várias*)

A filosofia de Mário Ferreira dos Santos é o maior empreendimento do pensamento nacional na busca de constantes universais da realidade – absolutamente universal e eminentemente nacional, uma vez que essa busca perseguida por todos quantos foram grandes filósofos da história, de Pitágoras a Suárez, de Platão a Santo Tomás, foi coordenada por sua Filosofia Positiva e Concreta, em sua inteireza uma empresa original não só na forma e na exposição, mas também original nas soluções apresentadas a problemas velhos e aos atuais.

Hoje é difícil dizer qual a fonte inspiracional dessa filosofia, o terreno em que ela brotou, qual a angústia primeira que despertou no coração do filósofo: seu primeiro espanto, seu primeiro beijo na realidade, o que levou Mário Ferreira dos Santos a uma busca tão desesperada por certezas, o que o conduziu a um modo de fazer filosofia que a nada se assemelha a tudo que já tinha sido feito no Brasil nem pela extensão nem pela intensidade das razões arroladas. Buscamos traços regionais em sua filosofia e não os encontramos, buscamos a cor local e não a achamos, mas certamente precisamos apurar nossos olhos e nossa imaginação em busca de alguns outros dados.

Mário [Dias] Ferreira dos Santos (1907-1968) é filho do português Francisco Dias Ferreira dos Santos[10] e da acreana Maria do Carmo Menezes Rabello. Francisco Santos, nascido no Porto, era de família tradicional: afilhado de Camilo Castelo Branco e filho de juristas, sendo que sua mãe, Urbana Dias Ferreira, é tida como a primeira mulher a graduar-se advogada em Portugal. Francisco Santos chegou a Belém-PA em 1903 com os atores da companhia Teatro do Príncipe Real, que em poucos meses se desfez devido a um surto de febre amarela, o que levou alguns a regressarem sem demora a Portugal. (SANTOS; CALDAS, 1994, 1995)

Francisco Santos permanece no Brasil e atua por outras companhias, mas temos registrado que em 1907, já com a Grande Companhia Dramática Francisco Santos, está em Tietê-SP, lugar do nascimento de Mário Ferreira dos Santos.[11] Francisco Santos vive uma vida itinerante, por várias cidades de vários estados do país, mas em 1909 está em Pelotas-RS, cidade escolhida para estabelecer-se. (SANTOS; CALDAS, 1995). Agora, começa um pedaço da história que só posso anunciar: Francisco Santos, além de ator e dono de companhia teatral, é um dos sócios fundadores do maior cine-teatro de sua época, o Teatro Guarany[12], bem como de uma rede de cinemas no Sul do país. Certamente o seu feito mais notável é criar uma produtora de filmes em Pelotas, a Guarany Filmes, e ser responsável pelo primeiro longa-metragem da história do cinema da América Latina, *O Crime dos Banhados*[13] (1914), e pelo filme de ficção do qual se tem o registro mais antigo: *Os Óculos do Vovô*[14] (1913), em que Mário Ferreira dos Santos com uns 5 ou 6 anos de idade atua como o netinho e Francisco Santos como avô.

Francisco Santos era maçom e desde a juventude desenvolveu atividades anticlericais, mas, ao se aperceber de que o filho desde menino tinha pendor para a filosofia, reconhece que os padres

---

[10] Ver: *Francisco Santos: pioneiro no cinema do Brasil* e também *Guarany: O grande teatro de Pelotas*, ambos de Pedro Henrique Caldas e Yolanda Lhullier dos Santos.

[11] Os autores de *Francisco Santos: pioneiro do cinema no Brasil* acreditam possível que ele tenha residido no interior de São Paulo em 1907, uma vez que além do Mário nascera também Carlos, filho do sócio e amigo de Francisco Santos, Francisco Vieira Xavier, conforme nota 8, p. 32.

[12] Em homenagem à ópera de Carlos Gomes.

[13] Do qual só restou um fotograma.

[14] Os óculos... (2015)

jesuítas eram os mais competentes para educá-lo. Assim sendo, foi ao Gymnasio Gonzaga, dos jesuítas, e afirmou que, se o filho de um maçom fosse aceito na escola, jamais se anteporia a qualquer idéia defendida pela criança em casa. Dadas essas condições, Mário foi educado pelos padres. A atitude surpreendeu os amigos de Francisco Santos, que o consideraram um desertor, e isso o levou a abandonar suas atividades de ateu e anticlerical, conforme testemunhou o próprio Mário Ferreira dos Santos em seu auto-retrato filosófico. (SANTOS apud LADUSÃNS, 1976). Acrescente-se o fato de que em Pelotas havia uma escola da maçonaria, com professores maçons, direção maçônica e vinculada ao Grande Oriente do Rio Grande do Sul: o Gymnasio Pelotense, criado em flagrante contraposição à escola jesuíta. (AMARAL, 1999)

Em complemento dos dados da participação paterna na formação do filósofo, vejamos este trecho de uma carta de 22/04/1953 do Mário a Augusto Meyer, diretor do Instituto Nacional do Livro:

> Quando moço, iniciado nas alegrias e tristezas, nas angústias e felicidades do conhecimento, meu pai me expunha as fábulas famosas e as explicava, para que lhes entendesse o sentido ético e humano, comenta-me muitas vezes que era triste para ele verificar que, se o homem conhecia progressos em certos campos, noutros estagnava desoladamente. E esses setores, dizia-me ele, era o da ética, o das relações humanas, e sobretudo o da filosofia. Costumava-se chamar a atenção para a verdadeira maneira de venerar o passado, a qual consistia em aceitá-lo, e levar avante o facho do conhecimento. Mostrava-me quanta sabedoria há nas fábulas e apólogos, que vinham de longínquas eras, perdidas origens da memória dos homens, mas ainda ali vivas a dar ensinamentos. "Precisamos continuar", dizia-me ele, "Nosso caminho não tem fim, enquanto brilhe uma lágrima em olhos humanos..." E incitava-me sempre ao estudo, ao saber, a um ideal de cultura que havia sido o de nossa família, que já dera um Gaspar Dias Ferreira, um José Ferreira, um Santos Valente, um José Dias Ferreira, um Castelo Branco, e muitos outros. Havia que continuar, avançar, prosseguir...

> Estas palavras construíram em um desejo de ilustração que como uma sede devoradora invadiu-me a alma e dominou-me totalmente.
> Desde então procurei o que fazer nesse setor. E certo dia, ao ouvir uma aula de filosofia, de um professor que nela me iniciou, afirmava-me ele com tanta clareza a crise que se estabelecera no conhecimento, no saber epistêmico, que havia necessidade de mais uma vez tentar-se fundi-lo num único saber, sem divórcio, sem desconfianças, como sempre sucedera nos períodos mais altos da humanidade, e como depois reconheceria eu ao estudar o ciclo das culturas. (SANTOS apud GALVÃO; SANTOS, 2001, p.27).

Pelo extrato citado, é visível que não apenas havia um forte vínculo do Mário com Francisco Santos e a força cultural de sua família, mas também – ainda que o trecho seja tímido em comparação com outros mais – com os professores. Certamente a família e a escola não forjaram Mário Ferreira dos Santos, mas a família e a escola concederam a topografia de onde ele partiu. Maria do Carmo Santos, sua mãe, era mulher católica e contrastaria diametralmente com o ateísmo militante e maçônico do esposo. Essa oposição entre as concepções religiosas dos pais foi um dos motivos a afinar o interesse filosófico do Mário.[15] (TEMAS..., 1967)

No Gymnasio Gonzaga, ele aprendeu os caminhos da filosofia positiva[16], mas também da cultura em geral, porque no

---

[15] Apenas por curiosidade: Em sua palestra ainda não publicada, *Temas Brasileiros e Filosóficos*, de 02 de maio de 1967, ao responder uma pergunta sobre internacionalização do Amazonas, Mário Ferreira afirma: "A minha família é do Amazonas, minha mãe é do Acre, a minha avó era amazonense, eu conheço bem o problema do Amazonas, porque vivi este problema na minha infância, e acompanhei muito das conversações sobre o assunto. O primeiro marido da minha mãe foi o maior seringueiro do Amazonas, José Claudino, que surge na história do Brasil assim como minha avó como financiadores daquela luta pelo Acre contra a Bolívia." (página 37 dos originais digitados) Daqui se pode ter uma idéia do volume de informações que passavam pela casa da família Santos: teatro, cinema, literatura, administração, filosofia, política, Brasil, Portugal, *and so on and on and on*...

[16] Filosofia positiva, tética (de tese), afirmativa, e não filosofia crítica, céptica, agnóstica ou nihilista. Filosofia positiva e não positivista, como a de Augusto

currículo da escola (ANEXO A) não faltavam latim, alemão, francês, inglês, do lado de história natural, canto e geometria. Aqui e ali, ele expressa veneração pelos seus professores, como o Pe. Bücher, aos quais certamente deve a instrução extraordinária que a genialidade exige para transformar em obras. Cumpre notar que, entre os filósofos visitados e mesmo ressuscitados por Mário Ferreira dos Santos, destacam-se sobretudo os da escolástica da Península Ibérica – Pedro da Fonseca, Francisco Suárez, Benedito Pereira, entre outros, muitos deles jesuítas como os seus mestres de Pelotas. Também devemos observar que, obstinado que foi em criar sua própria posição e não aceitar cargo público, consentiu em dar aulas no final da vida na Faculdade Nossa Senhora Medianeira, da Companhia de Jesus. Com os padres aprendeu também técnicas de concentração, que acredito inspiradas nos Exercícios Espirituais, que lhes foram úteis na vida prática. Certamente, nessa atmosfera nasceu o mais universal dos brasileiros, filósofo gaúcho, nascido no Tietê, alimentado na erva mate da escolástica e nutrido também pelo amor paterno de um maçom "submisso" à Companhia de Jesus e de uma mãe submissa à companhia de Cristo.

Mário Ferreira dos Santos graduou-se em Direito e Ciências Sociais[17] (1925-1928) em Porto Alegre, atuou como advogado e foi nomeado como "2º suplente do juiz municipal do termo de Pelotas pelo prazo de 5 anos"[18]; escreveu para periódicos da capital sul-rio-grandense e de Pelotas: *Diário Popular*, *A Opinião Pública* (jornal por ele dirigido), *Diário de Notícias* e *Correio do Povo*. (GALVÃO; SANTOS, 2001). Em Porto Alegre, manteve contato com autores como Érico Veríssimo, Mário Quintana, Athos Damasceno Ferreira, o que nos permite supor que no futuro encontraremos cartas trocadas entre o Mário e gente dessa qualidade, o que muito ajudará a compreender o ambiente social em que ele estava metido.

Comte (1798-1857). Por vários motivos não é positivista: quer seja pelo valor dado à Metafísica e à Religião como instâncias elevadas de saber, sem necessária oposição à Ciência, quer por repudiar o materialismo e o sensualismo que à filosofia positivista são correspondentes. Porém, a hostilidade do positivismo à Metafísica já o distingue claramente da filosofia positiva; a única semelhança que lhes resta é de serem ambas filosofias e de terem nomes parecidos, mas com propostas tão diferentes que nos permitiria dizer que é como a semelhança que existe entre boi e peixe-boi.

[17] Seu sobrinho Joaquim Alfredo Lhullier da Cunha me disse que Mário chegou a começar o curso de Medicina.

[18] *Monografia sobre Mário Ferreira dos Santos*, nota 5, p. 5. Não sei se exerceu a função.

A Livraria do Globo o contratou em 1943 e 1944 para traduzir *Vontade de Potência*, de Nietzsche, *Les Pensée* e *Lettre Provinciales*, de Blaise Pascal, *Journal Intime*, de Amiel e *La Phisiologie Du Mariage*, de Honoré Balzac. (GALVÃO; SANTOS, 2001, p. 11) Segundo Carvalho (1997, p. 5), "[...] a edição brasileira da Comédia Humana de Balzac [da editora Globo], a edição completa, ganhou um monte de prêmios internacionais e talvez seja a melhor edição da Comédia Humana que se fez no mundo", que nos indica um sólido ambiente cultural de que participava, ainda que não propriamente sob o ponto de vista filosófico, mas certamente sob o aspecto lingüístico.

Mário também verteu para o português *Assim falava Zaratustra, Aurora* e *Para Além do Bem e do Mal*, de Nietzsche, *Das Categorias*, de Aristóteles, *Isagoge*, de Porfírio, os diálogos *Protágoras* e *Parmênides*, de Platão, os *Comentários aos Versos Áureos de Pitágoras*, de Hiérocles, *Enéadas*, de Plotino, *De Primo Principio*, de Duns Scot[19], *Saudações do Mundo*, de Walt Whitmann, *Adolphe*, de Benjamin Constant, *Hermann e Dorotéa*, de Göethe, entre outros. Aí temos várias línguas em concurso, mas todas ou quase todas certamente aprendidas no Gymnasio Gonzaga, como depreendemos de seu currículo escolar e das premiações recebidas pelo bom desempenho em francês, inglês, conjunto das matérias, português, gramática etc. (ANEXOS A e D).

Posto que é impressionante que alguém traduza, de tantos idiomas, obras tão decisivas para a história do pensamento humano, a simples narrativa desse feito não dá o quadro geral dessa personalidade tão versátil. Levando-se em conta que pulei a parte em que Mário Ferreira dos Santos passou a administrar a rede de cinemas fundada pelo seu pai, o que exige – diferentemente das habilidades de tradutor – a capacidade administrativa e contabilista de um empresário, ressoa devidamente este trecho em que Olavo de Carvalho determina com precisão o tipo caracterológico do Mário: "Homem de atividade vulcânica – típico *colérico* da tipologia de Le Senne – e dotado de gênio empresarial." (CARVALHO, 2001, p. 14). Gênio esse que será mais uma vez comprovado quando da criação de seu *Curso de Filosofia por Correspondência* e da criação das editoras Logos e Matese.

Acredito que no futuro poderemos biografar melhor a obra deste grande brasileiro e visualizo Pelotas, Porto Alegre e São Paulo como as capitais desse empreendimento biográfico. Em São Paulo

[19] As traduções de Plotino, Hiérocles e Scot restam inéditas.

também porque, quando se mudou para essa cidade em 1945, Mário padecia de sérios problemas econômicos que de modo algum conseguiram lhe sufocar o ímpeto original, pois nas duas últimas décadas de sua vida é que surge o filósofo que aqui vai interessar verdadeiramente. Parece incrível, mas o tradutor dos parágrafos anteriores, ou o empresário da rede de cinemas, ou o jornalista, ou o autor de obras de teor filosófico-literário como as que escreveu na juventude e assinou com pseudônimos, todos esses Mários cedem lugar a este aqui: o autor da *Filosofia Positiva e Concreta* ou, como prefere no final da vida, da *Mathesis Megiste*. De fato, algo pode ter operado em seu coração desde a juventude, *ma chi lo sa*? Talvez, o que também é verossímil, algo brotou nele subitamente como um clarão.

Apresentarei o filósofo em São Paulo, durante toda a dissertação, eventualmente com outros pontos biográficos e certamente com muitas outras referências bibliográficas, mas o que em todo momento salta aos olhos de quem o estuda é seu desejo de universalidade aliado a certas qualidades como a praticidade de empresário. De um lado traçamos sua geografia, nascido em três cidades – ainda que veio à luz no Tietê –, de outro lado apresento sua força argumentativa, que ultrapassa qualquer territorialismo. Nas três localidades hei de encontrar personagens que me ajudem, no futuro, a conhecer melhor o homem por trás da obra; agora, cuido da obra do homem e daqueles que conseguiram enxergar em Mário Ferreira dos Santos um filósofo de verdade, ainda que pudesse parecer só mais um brasileiro na imensa capital paulista.

1.1 Olavo de Carvalho & Mário Ferreira dos Santos: ante o Logos desencarnado e a Encarnação do Logos

Quando em 2002 apresentei a um grande amigo minha mais nova aquisição, *O futuro do pensamento brasileiro* (de Olavo de Carvalho), ele me animou à leitura ao afirmar que jamais compraria um livro com esse título, porque o pensamento brasileiro não tem futuro. Assim preparado, deparei-me com as quatro grandes contribuições do gênio nacional elencadas pelo autor: Mário Ferreira dos Santos, Otto Maria Carpeaux, Miguel Reale e Gilberto Freyre e, claramente, pude ver com meus próprios olhos que não apenas tinha um futuro, mas tivera já um passado que assentava condições reais para novas realizações. Os três últimos são do conhecimento de qualquer estudioso do pensamento nacional, não carecendo de sorte alguma qualquer apresentação uma figura como Gilberto Freyre. Porém, a presença concedida ao Mário

Ferreira dos Santos não foi de modo algum uma decisão acanhada; muito pelo contrário, pois Olavo a ele se refere nos seguintes termos: "Ninguém neste país ergueu mais alto o estandarte da inteligência nem levou o pensamento de língua portuguesa mais perto de uma universalidade supratemporal do que o filósofo paulista Mário Ferreira dos Santos". (CARVALHO, 1997b, p. 64)

Já nesse livro, de caráter sintético e programático, um livro que não pretende ser uma análise dos autores considerados, li esta nítida notícia da realização filosófica do Mário:

> Um dos segredos dessa originalidade é justamente a absorção e superação de um imenso legado filosófico. Dono de uma cultura prodigiosamente vasta, Mário se ocupou de buscar, na filosofia universal, as constantes ocultas, os pressupostos latentes que, por trás da variedade e dos antagonismos aparentes entre os sistemas, configurassem o *quod semper*, *quod ubique*, *quod ab omnia credita est* (aquilo que todos, em toda parte, sempre acreditaram). E não somente encontrou um núcleo de princípios que estruturam algo como uma *unidade transcendente das filosofias*, mas ainda o formulou em expressão sistemática e lhe deu variadas aplicações na solução de alguns dos mais difíceis problemas da metafísica, da teoria do conhecimento, da ética e da filosofia da história. (CARVALHO, 1997b, p. 65)

De 25 e 26 de julho de 1997, mesmo ano da publicação da obra citada, data *A filosofia de Mário Ferreira dos Santos*, aula do Olavo no Seminário de Filosofia, mas que ainda não foi publicada em livro. Nessa aula já constam observações sobre a vida do filósofo, bem como sobre a filosofia positiva e concreta, que eu poderia classificar de incontornáveis: estudar a filosofia do Mário em desconsideração ao que escreveu o Olavo sobre ela pode dificultar em certos pontos a compreensão da relação todo/parte da obra, já que é justamente Olavo quem observa que a *Enciclopédia de Ciências Filosóficas e Sociais* está dividida em três partes, seguindo o próprio método do Mário: síntese, análise e concreção. A primeira série, sintética, compreende 10 livros e a terceira série, concreta, também está disposta segundo essa década; já a série intermediária, não, justamente por ser uma fase analítica. Além

disso, os livros da primeira e da última série também estão organizados triadicamente: síntese, análise e concreção; mas também cada livro está organizado desta maneira: com lições sintéticas, outras analíticas e, enfim, lições concretas. Para uma maravilha adicional ante essa catedral filosófica escrita em português: as 10 primeiras teses do livro *Filosofia Concreta* seguem as 10 leis do pitagorismo.

Não entrarei nos detalhes da exposição do Olavo, porque não cabem aqui e exigiriam um capítulo todo especial, exigiriam mesmo uma obra, uma vez que a percepção da arquitetura de uma filosofia não é tarefa de somenos importância, como vemos pela história dos estudos aristotélicos ante o trabalho de Andrônico de Rodes. Olavo torna mais clara essa estrutura da *Enciclopédia* na *Introdução* de *A Sabedoria das Leis Eternas*[20] e inclusive dispõe os dados em uma tabela (FIGURA 1). Assim, aconselho a quem quiser ler um livro do Mário observar a posição desse livro no conjunto da obra de maneira a não fazer logo no começo um juízo apressado sobre o que quer que seja. A *Enciclopédia* começa por *Filosofia e Cosmovisão*, mas esse certamente não é o livro que melhor introduziria a obra do Mário. O próprio Olavo varia em suas sugestões de introdução: *Tratado de Simbólica* é o que indica no seu trabalho a *A Sabedoria das Leis Eternas*; mas prefere *Filosofia Concreta* na aula de 1997, para em 2017 aventar que *Pitágoras e o Tema do Número* seria a melhor saída para o ingresso em sua filosofia. Não vejo contradição. Então, por qual obra começar a ler Mário Ferreira dos Santos? Conforme Pitágoras, o começo é a metade do caminho... E mais: a filosofia não costuma ter uma única porta de acesso. Todas essas são entradas possíveis à Filosofia Concreta, mas com resultados

[20] Na apresentação de estudo acadêmico sobre o Mário, registro aqui o pioneirismo de Wadson Machado Neto que em 1988 defendeu sua dissertação de mestrado *Perspectivas Filosófico-sociais na Obra de Mário Ferreira dos Santos* na Universidade Federal de Juiz de Fora - MG, sob orientação de Aristóteles Ladeira Rocha, e que na banca contou com a presença do filósofo brasileiro nascido na Colômbia Ricardo Vélez Rodríguez, Ministro da Educação do Presidente Bolsonaro. Em seu trabalho, Machado Neto compendia informações sobre *Filosofia da crise*, *O homem perante o infinito*, *Invasão vertical dos bárbaros*, *Sociologia fundamental e Ética fundamental* e *Brasil, um país sem esperança?* Mas sua escrita é carente de uma visão de conjunto da filosofia do Mário; erro justificável porque, afinal de contas, a verdade é filha do tempo e, assim, precisa do tempo para amadurecer. E todos os que temos alguma visão de conjunto dessa filosofia debitamo-la à *Introdução* de Olavo de Carvalho ao livro *A Sabedoria das Leis Eternas*, publicada apenas em 2001.

variados. Então, cada uma dessas indicações permitirá ao leitor um certo caminho que pode ser ou não ser o mais compatível com as suas disposições. Talvez até mesmo *Meu filosofar positivo e concreto*, um inquérito respondido oralmente pelo Mário Ferreira dos Santos e que já fora publicado, e cujo áudio continua acessível a todos, seja uma boa introdução – não à *Enciclopédia*, mas a seu pensamento... Comecei por *Origem dos Grandes Erros Filosóficos: Erros crítico-ontológicos*, livro maravilhoso que eu não aconselharia a ninguém.

ESTRUTURA DA
ENCICLOPÉDIA DAS CIÊNCIAS FILOSÓFICAS

SÍNTESE	I	Unidade	*Síntese*	SÉRIE I
	II	Oposição	*Análise*	Dez
	III	Relação		volumes,
	IV	Reciprocidade		numerados
	V	Forma		segundo
	VI	Harmonia		a ordem
	VII	Mutação		das
	VIII	Assunção		categorias
	IX	Integração		pitagóricas
	X	Unidade Transcendente	*Concreção*	
ANÁLISE	I			SÉRIE II
	II			Numeração
	III			livre
	Etc.			
CONCREÇÃO	I	Unidade	*Síntese*	SÉRIE III
	II	Oposição		Numeração
	III	Relação		pitagórica
	IV	Reciprocidade		
	V	Forma	*Análise*	
	VI	Harmonia		
	VII	Mutação		
	VIII	Assunção		
	IX	Integração		
	X	Unidade Transcendente	*Concreção*	

FONTE: CARVALHO, 2001, p. 42-43.

Em 2017 Olavo de Carvalho ministra o curso on-line *Mário Ferreira dos Santos*, em cinco aulas transmitidas direto de sua residência em Richmond, no estado da Virgínia, nos Estados Unidos. Entre as inúmeras lições que podemos tirar desse curso, o essencial diz respeito ao que o Professor Olavo chama de "vocação filosófica de Mário Ferreira dos Santos", como sendo eminentemente pitagórico-platônica, a vocação de um construtor de sistemas.

Olavo afirma que a tentativa do Mário de criar uma metalinguagem de todas as filosofias, uma metamatemática que seria uma sabedoria arquetípica, uma sabedoria dos princípios, ou como diz aqui também o Olavo aproveitando o título de Frithjof Schuon, uma *unidade transcendente das filosofias*, é um empreendimento de absoluto bom êxito. No curso on-line acima referido, Olavo de Carvalho afirma que não discorda de nada do que está disposto em *Filosofia Concreta* (1957) e em *A Sabedoria dos Princípios* (1967) e que tudo foi dito com riqueza demonstrativa de maneira a solapar os argumentos das filosofias modernas que a ele se contraporiam. Porém, o desejo que o Mário nutria de ser o educador do Brasil mostrou-se incompatível com o desejo nutrido de ensinar uma doutrina, afirma Olavo. O verdadeiro educador não dá uma doutrina pronta, mas possibilita o florescimento das possibilidades melhores de seu aluno. Essa não chega a ser uma crítica ao conteúdo nem à forma da Filosofia Concreta, chega unicamente a ser uma observação prudente ante a vocação de professor e a vocação do construtor de um sistema, entre um sniper de ofício e um professor da escola de tiros, entre Mozart e o professor de piano. As duas tarefas não se opõem contraditoriamente de modo algum, mas observam regras próprias para a sua realização, porque um grande músico pode dar aula de música, mas não enquanto cria o *Requiem*. Assim, a tarefa de professor do Mário Ferreira ficou – pelo que advertem as lições do Olavo – atrapalhada ante sua vocação de matemático. Olavo observa que, na primeira Série da *Enciclopédia*, Mário oscila freqüentemente entre o didatismo e a exposição de sua filosofia, entre dar aula de filosofia e a exposição de sua decadialéctica, da pentadialéctica etc.

Na minha opinião, não há o que contestar quanto a isso, bastando pegar *Filosofia e Cosmovisão*, bem como *Lógica e Dialéctica*, como provas certas dessa operação de ensino de uma disciplina velha aliada à exposição de algo totalmente novo. Porém, o desejo do filósofo é justificável porque ele estava diante de uma platéia ignorante de matérias filosóficas; ele queria educá-la no básico e elevá-la a graus de proficiência especialíssimos e tudo isso num prazo muito curto, como são os 16 anos entre a publicação do primeiro livro da *Enciclopédia* e a

morte do filósofo. Em *Filosofia Concreta*, em muitos dos volumes da fase analítica e na terceira fase do Mário Ferreira, já não há mais essa oscilação estilística, mas acredito que ele ainda conservava no coração o desejo de educar o Brasil, como Olavo o mostra no curso sobre o Mário ao citar um trecho de *Meu filosofar positivo e concreto* que trata da educação da juventude, da elevação das massas.

A verdadeira vocação filosófica de Mário Ferreira dos Santos permite a quem o lê um encontro com a verdade, porém a verdade demonstrada, a verdade de um juízo axiomático, a verdade de uma sentença, a verdade dos processos, a verdade captável dos mecanismos, a verdade organizável num sistema. Aqui, Olavo de Carvalho faz uma consideração bastante importante sobre o problema: a Verdade é uma Pessoa. A verdade da sentença não anula a Verdade da Pessoa, a verdade do juízo não impugna a presença de alguém, como a captação de uma verdade num axioma não diminui o reconhecimento da verdade nas mais variadas situações da vida em que não cabem sentenças, axiomas, sistemas. Nesse ponto, Olavo não se opõe a Mário. A bem da verdade, Olavo e Mário são coordenáveis e podem a bom termo determinar maneiras congraçadas de abraçar a verdade.

Na aula 4 de seu curso online *Mário Ferreira dos Santos*, Olavo diz:

> "O Mário tinha a pretensão de fazer uma filosofia cristã; ele não fez. A filosofia dele não é contraditória com o Cristianismo, mas ela está esquecendo um ponto central: Nosso Senhor Jesus Cristo disse "Eu sou a Verdade", ele não disse "Eu estou dizendo a verdade", ele não disse "Eu sou o portador da verdade". Ele disse "Eu sou a Verdade". E a Verdade aparece na revelação cristã sob a forma de quê? De uma doutrina, de uma teoria, de uma seqüência de afirmações? Não. Aparece sob a forma de uma Pessoa. Portanto, no meu entender, a Verdade só pode ser conhecida não como você conhece uma doutrina ou não como você conhece uma seqüência de proposições, ou um sistema de proposições, e sim como você conhece uma pessoa. O conhecimento

> que você tem de uma pessoa é ao mesmo tempo imediato, óbvio e indizível." (informação verbal)[21]

E mais à frente ele completa, quando um aluno lhe faz uma pergunta sobre Aristóteles:

> Olavo: "A filosofia de Aristóteles termina num enigma, que ele não resolveu. Ele diz o seguinte: tudo o que conhecemos é mediante conceitos universais e tudo o que existe é individual, então, a modalidade do conhecimento não corresponde à modalidade da existência, daí Aristóteles morreu e nada mais disse nem lhe foi perguntado e sobrou este tremendo abacaxi. Este é o abismo que o Mário está tentando saltar pela via da exposição doutrinal e que eu tento saltar pela via da impregnação da consciência no reconhecimento da pessoa, que é uma coisa completamente diferente."
> ALUNO: "Que é o enigma da realidade."
> OLAVO: "Sim. O que ele está expondo, tudo o que ele expõe é uma parte do Logos, uma parte da Razão Divina, um aspecto da Razão Divina, que não esgota a Razão Divina, mas certamente pega algo dela. Eu digo: bom, mas esse é o Logos desencarnado. A Razão Divina é o Logos Encarnado. Se o Logos encarnou e ele disse: o Logos não era só aquele lá, é este que está aqui, então, opa!! Temos que ter uma outra modalidade de conhecimento. E aí eu digo: o problema essencial da filosofia é a formação da personalidade e da consciência e não a questão doutrinal." (informação verbal)[22]

Diante do Logos desencarnado podemos ter uma preparação bastante robusta para o advento da Encarnação, como os filósofos Reis Magos que perseguiram em seus estudos razões naturais que os conduziram à adoração do Verbo de Deus. É verdade que Mário Ferreira queria fazer uma filosofia cristã, coisa que ele já tinha aprendido com os jesuítas do Gymnasio Gonzaga em Pelotas e que se

---

[21]Aula 4, a partir de 1h 03min 25s do curso online sobre Mário Ferreira Santos.
[22] Aula 4, a partir de 1h 08min 09s do curso online sobre Mário Ferreira Santos.

mostra em livros como *O Homem Perante o Infinito*, *Invasão Vertical dos Bárbaros*, *Cristianismo: a religião do homem*, na sua obra final *Deus* etc. Eu mesmo me servi de muitas de suas razões sem carne em busca do Deus de carne, o que pessoalmente me faz acreditar que além das razões racionais posso falar em nome de razões vivenciais.

Mas é bem verdade, como diz o Professor Olavo de Carvalho, que as coisas no Mário são muito abstratas e que, mesmo quando ele fala de concreção, isso não significa nada mais do que uma abstração mais profunda e que ele mesmo não chegou a usar devidamente os seus métodos na análise de dados concretos. Olavo prova que isso não impugna seus métodos, porque o próprio Olavo opera com a decadialéctica e a pentadialéctica na análise do comunismo histórico e prova que esses métodos são excelentes. (CARVALHO, 2017) Mas continua verdade que a obra do Mário carece de encarnação, do Verbo e muito mais, e que isso se deve a vários fatores, como o fato de que ele escreveu mais de cinco dezenas de livros em 16 anos e que não teve tempo para, além de criar o método, aplicá-lo nessas situações, conquanto os usou na análise de conceitos.

Olavo afirma que, em *O Homem Perante o Infinito,* Mário Ferreira dos Santos perdeu uma excelente oportunidade de mostrar quem é esse homem em concreto; certamente seria ótimo encontrar nessas páginas o Mário Ferreira dos Santos perante o Infinito. (CARVALHO, 2017). Mas não resisto em associar isso com o fato de que, quando o Mário estava nos seus momentos finais no leito de morte e percebera que era chegada a hora da partida, "pediu que os familiares o erguessem. Morrer deitado, afirmou, era indigno de um homem. Morreu de pé, recitando as palavras do *Pai-Nosso*". (CARVALHO, 2001, p. 16). Como o Pai-Nosso é uma oração pessoal, familiar, ensinada pelo Verbo de Deus, acredito que nesse momento a vocação do construtor de sistemas cedeu lugar para a vocação de quem busca a salvação pessoal, mas é verdadeiramente lamentável que não haja a obra de punho próprio *Mário Ferreira dos Santos Perante o Infinito*, como um testemunho de sua voz da sua relação com o Pai nosso que está nos céus.

Segundo o Professor Olavo, isso que falta ao Mário deve ser acrescentado por aqueles que o estudam: além de aproveitar o domínio da conceituação em suas obras, sua linguagem escolástica, devem acrescentar à sua técnica as contribuições agostinianas da confissão, da presença do indivíduo ante a Verdade e da presença da Verdade ante o indivíduo, ou melhor: do indivíduo movimentando-se na Verdade, eu diria. Desta maneira, certamente os que o estudam

conseguiremos incorporá-lo à cultura brasileira, com os efeitos que o Professor Olavo qualifica de “explosivos” (informação verbal)[23], porque se perderá o tom asfixiantemente abstractista de muito de seus livros.

***

E para encerrar esse ponto, algumas curiosidades. Olavo de Carvalho não conheceu Mário Ferreira dos Santos, mas eles tiveram um amigo em comum, o padre letoniano Stanislavs Ladusāns (por sua vez, amigo pessoal do Papa São João Paulo II). Olavo tomou conhecimento da obra do Mário em 1983, 15 anos depois do seu falecimento, e teve contato com os originais, com as fitas gravadas, com a família do Mário, de modo que ele é certamente a maior autoridade em sua filosofia. Não resisto em fazer mais uma citação, em que podemos ver com clareza quem Olavo pensa que Mário Ferreira dos Santos é:

> Eu não sou matemático, eu não sou construtor de sistema, eu não sou arquiteto, eu sou outro negócio completamente diferente e por isto mesmo eu acho que eu fui o primeiro a entender o Mário Ferreira. Eu sei o que ele está querendo fazer; entendo o que ele está querendo fazer e entendo que por esta via, da construção de um sistema, da arquitetônica das proposições, ele chegou no mais alto que alguém pode chegar. Por isso que eu digo: ele é o maior dos platônicos. O esforço dele é essencialmente platônico e não tem nenhum outro platônico que se compare com ele ao longo de toda a história humana.
>
> Por isso é que eu digo: esse é um dos maiores filósofos da humanidade, não um dos maiores filósofos do Brasil. Ser um grande filósofo brasileiro... o maior filósofo de um lugar que não tem filósofo nenhum... Eu também sou o maior filósofo do Brasil! Por quê? – Porque não tem outro. Eu sou o maior por absoluta falta de concorrência. [O maior por] W.O. Quem é o concorrente? É o Leandro Espiritual? ‘tá brincando comigo?
>
> Então, o Mário, enquanto viveu, foi não só o maior dos filósofos brasileiros – o que era até covardia, era W.O.! – mas ele foi um dos grandes

[23] Curso Online sobre *Mário Ferreira dos Santos*, por Olavo de Carvalho. Aula 4, aproximadamente 1h 16 min.

> do mundo. Este homem está na altura do Bernard Lonergan, do Eric Voegelin, do Louis Lavelle, ele está mesmo aí, ele não está brincando! E as possibilidades da filosofia compreendida como arquitetônica, ele as levou mais alto do que ninguém, mais alto do que o próprio Platão, meu Deus do céu!
> Se ele está dizendo, declarando em linguagem lógica e até matemática coisa que o Platão mal conseguiu insinuar e talvez ele tenha declarado no seu ensinamento oral, mas que nós não sabemos, então esse cara é o segundo Platão.[24] (informação verbal)

Certas sentenças do Olavo são mesmo apavorantes, pois parece que ele vai quebrar as letras do livro, com a força de suas palavras. O próprio Mário não diria algo do tipo porque, como afirmava: “elogio em boca própria é vitupério”; mas soa chocante que alguém declare isso com tanta raça sobre um filósofo brasileiro. Se forem verdade essas linhas, quais os efeitos que uma tal obra pode ter sobre a cultura brasileira? Afinal, sobra a pergunta: − Ninguém tem o direito de ser um segundo Platão? Ninguém em língua portuguesa? E pior dos piores: ninguém do Brasil? Antes que precisemos soltar hashtags de que Olavo de Carvalho sempre-sempre tem razão, basta alegar que segundo a filosofia de Platão é mesmo possível que alguém se eduque ao nível de um segundo Platão. Se não o Olavo, Platão tem razão.

Ainda assim, é surpreendente afirmar que Mário Ferreira dos Santos seria maior do que Santo Agostinho *em seu platonismo* ou maior do que Plotino, valores confirmados não somente pela qualidade intrínseca de suas obras, mas também pelos efeitos que elas operaram na construção do Ocidente; não obstante, não posso ocultar o juízo do filósofo Olavo de Carvalho sobre o filósofo Mário Ferreira e deixo, sinceramente, que o tempo paira a verdade; verdade que nem dez doutorados poderiam provar sem o concurso do tempo. Porém, a chave é o fato de Mário Ferreira dos Santos ter declarado “em linguagem lógica e até matemática” o que outrora não se tinha feito; sob esse aspecto, sua grandeza é inegável. Deixo aqui o registro bruto do juízo do Professor Olavo de Carvalho sobre a matéria, porque neste capítulo apenas reúno opiniões sobre o filósofo, mas muitos hão de questionar-lhe o juízo; não

---

[24] Curso Online sobre *Mário Ferreira dos Santos*, por Olavo de Carvalho. Aula 4, aproximadamente 1h 05 min. 45s)

lhes tiro a razão do questionamento. Serve a opinião de contrapeso ao descrédito ante nossas capacidades, mas é igualmente uma antevisão de certas possibilidades contidas na obra do Mário. O tempo será o justo juiz dos exageros e da prudência, dos supostos exageros e da falsa prudência. [25]

1.2 Outras quatro considerações sobre Mário Ferreira dos Santos

Para completar o *status quaestionis* da obra do filósofo brasileiro, neste tópico pretendo apenas compendiar algumas notas e referências a sua filosofia. Escolho quatro autores que emitiram alguma opinião que considero importante pela capacidade de síntese, pela eminência do comentarista ou pela relevância da expressão de alguém próximo do autor: Pe. Carlos Beraldo e Pe. Stanislavs Ladusãns, ambos soldados da Companhia de Jesus, dois estrangeiros que se aperceberam da grandiosidade da obra de Mário Ferreira dos Santos e que possuíam o treino filosófico devido para avaliá-la; Jorge Jaime, autor da *História da filosofia no Brasil*, em quatro grossos volumes de quatrocentas e tantas páginas, que dispensa comentário sobre a erudição necessária para ajuizar devidamente a questão; e, por fim, Jaime Cubero, anarquista do Centro de Cultura Social, amigo do filósofo.

O padre italiano Carlos Beraldo[26] escreveu um extenso verbete sobre Mário Ferreira dos Santos para a *Enciclopedia Filosofica* do *Centro di Studi Filosofici di Gallarate* e é espantosa sua capacidade de compreensão do filósofo, de maneira que sua leitura é muito mais

---

[25] Além das obras de Olavo de Carvalho citadas neste tópico, há outras publicações de sua autoria direta ou indiretamente sobre o assunto, mas de menor relevância, como o artigo *Mário Ferreira dos Santos e o nosso futuro* (publicado na *Dicta&Contradicta*), *Carta a Papai Noel* (em *O Imbecil Coletivo I*) entre outros, além de inúmeras declarações no *Curso Online de Filosofia* - COF, no *True Outspeak*, no *Facebook* e em entrevistas como a que concedeu ao programa *Os Pingos nos Is*, da Jovem Pan, em que afirma: "o maior dos brasileiros para mim foi o Mário Ferreira" (OS PINGOS...2018, a partir de 1h 13min 08s) ou na sua vídeo-conferência ao I Encontro da Juventude Conservadora da UFMA em 2016 (CARVALHO, 2016), em que aproveita para falar da cultura brasileira à luz de *O futuro do pensamento brasileiro*, livro então relançado; e registro minha satisfação em ter participado desse evento como palestrante, logo após mestre Olavo.

[26] Para maiores informações sobre ele, consultar seu auto-retrato filosófico em *Meu Depoimento Simples e Panorâmico* inserto em *Rumos da Filosofia Atual no Brasil em Auto-retratos*.

instrutiva do que a quase totalidade do que já vi escrito em prefácios a obras do Mário. Duas observações que Olavo também faz sobre esse documento é que ele acerta quando afirma que Mário tem uma "síntese filosófica... tradicional e pessoal" e que concilia Pitágoras e Santo Tomás. Como se pode observar, Pe. Beraldo não conhece a estrutura triádica da obra, mas isso não faz com que tropece na compreensão do que ela tem de mais profundo e amplo, além de verdadeiro. Sem querer acumular citações quilométricas, um trecho do miolo do artigo:

> A síntese filosófica de F. dos S. é, ao mesmo tempo, tradicional e pessoal. Aproveitando as descobertas mais recentes sobre Pitágoras, realizadas, especialmente, pela Associação Internacional do [*sic*] Pitagóricos, sob a direção do Dr. Sakellariou, da Universidade de Atenas, ele procura uma conciliação entre a pitagórica *Mathesis Megiste* e a *sabedoria infusa* de Sto. Tomás, especialmente, como é apresentada no comentário *De Hebdomadibus* de Boécio. Ela conseguir-se-ia, segundo o próprio Aquinate, por meio de uma *co-intuição sapiencial* e de certo *instinto divino*. Nisto, segundo M. F. dos S., consiste a filosofia como ciência ou melhor como super-ciência e *sabedoria* dos princípios. Ela é *concreta*, porque nos faz conhecer a própria realidade das coisas em suas íntimas raízes, e não tem por objeto idéias *a priori*; deve ser *positiva*, quer dizer, construtiva e não puramente crítica e negativa; ela é *apodítica* e não só problemática e provável. Ela poderá lançar uma ponte entre a metafísica e a religião cristã revelada e poderia constituir um novo método de apologética e de catequese especialmente dado aos ambientes culturais de hoje. [...]. (BERALDO, 2000, p. 237-238, grifo do ator).

Além da justeza dessas palavras, na hora de citar as obras mais importantes, Carlos Beraldo soube distinguir intuitivamente os trabalhos das fases sintética e analítica da fase propriamente concreta, intitulada *Mathesis Megiste*; além do que se mostrou também consciente de que outros trabalhos do Mário tinham um teor mais literário e não propriamente filosófico, sem contar que notou as contribuições que o filósofo recebeu de filosofias contemporâneas incorporadas na sua

"síntese tradicional e pessoal". Ou seja, além de compreender o conteúdo da filosofia de Mário Ferreira dos Santos, captou-lhe certos aspectos estruturais, posicionou essa filosofia ante a tradição filosófica, bem como ante as filosofias coetâneas. No meu entender, para um verbete de dicionário sobre um filósofo que escrevia em português, quando o lexicógrafo em italiano, além de que os próprios brasileiros parece não compreendiam o Mário e ainda estão por compreendê-lo, sinceramente, verbete perfeito. Para completar a precisão de sua escrita, Carlos Beraldo afirma que essa filosofia é "perene" e "ecumênica", o que é verdade sob muitos aspectos, sobretudo se não se perde de vista a síntese pessoalíssima que Mário Ferreira dos Santos lhe confere, para que não se compreenda ecumênico como um simples agregado de idéias sem unidade.

Já o padre Stanislavs Ladusãns é o responsável pela obra *Rumos da Filosofia Atual no Brasil em auto-retratos*, que consiste num inquérito com um punhado de perguntas a que autores como Henrique Cláudio de Lima Vaz, Huberto Rhoden, João Camilo de Oliveira Torres, Leonardo Van Acker, Mário Ferreira dos Santos, Miguel Reale, Vilém Flusser, entre outros, responderam. O capítulo dedicado a Mário Ferreira dos Santos, intitulado *Meu filosofar positivo e concreto*[27], consiste nas respostas dadas a XIV perguntas como "quais são os seus dados pessoais e o 'curriculum vitae', em síntese?" ou "a filosofia é uma ciência objetiva ou uma produção pessoal, puramente subjetiva, do pensamento?" Mas o que interessa saber aqui é que Ladusãns tomava o Mário na mais alta conta, como expressou por palavras e atos. No dia 18 de dezembro de 1968, declarou o seguinte sobre o filósofo de São Paulo:

> Estou realizando uma pesquisa científica sobre a situação atual do pensamento filosófico brasileiro, a fim de constatar, com objetividade, em que ponto se encontra a Filosofia hoje no Brasil, como ela se desenvolve, que metas está visando e que

[27] Noto um detalhe curioso: pequenas diferenças entre a versão oral, que o filósofo deixou para ser transcrita e publicada, (SANTOS, 2015) e a versão que a editora Loyola (São Paulo: 1976) efetivamente publicou. Onde Mário dita "meu pai, português, era Grão-mestre da Maçonaria e caracterizava-se por uma tendência marcante anti-clerical" a Loyola edita: "Meu pai, português de nascimento, caracterizava-se por acentuado ateísmo e por uma marcante tendência anticlerical" (p. 411). Foi-se embora o *Grão-mestre da Maçonaria*...

> objetivos deve atingir. Durante esta pesquisa científica, ainda em curso, descobri um Pensador de extraordinário valor − Dr. Mário Ferreira dos Santos, nascido no dia 03 de janeiro de 1907 e falecido no dia 11 de abril de 1968. A descoberta deste Filósofo solitário, dedicado a uma intensa atividade de pensamento e produção literária, surpreendeu-me não pouco e proporcionou-me a grata oportunidade de entrar em freqüentes contatos pessoais com ele, homem, que ainda não foi encontrado no Brasil. (LADUSÃNS apud GALVÃO; SANTOS, 2001, p. 35)

Como ato concreto, Ladusãns despachou a obra do Mário para várias bibliotecas da Europa, entre as quais cito: "Facolta de Filosofia 'Aloisianum', Gallarate, Itália; Facultad de Filosofia Alcalá de Henares, Madrid, Espanha: [sic] Universidad Pontificia Comillas, Madrid, Espanha; Collegio S. Roberto Bellarmino, Roma, Italia; Biblioteca do Teologado, Innsbruck, Áustria; Facultad de Teologia, Granada, Espanha; Facultades de Filosofia y Teologia, Barcelona, Espanha; Berchmanskolleg, Pullach, Alemanha." (GALVÃO; SANTOS, 2001, p.35). Certamente, essa foi a ação mais generosa que alguém poderia fazer pela cultura de nosso país, confiar em suas possibilidades universais ante tantos autores compulsados nessas universidades.

Considero agora o capítulo *Mário Ferreira dos Santos: o portentoso criador da filosofia concreta*, de Jorge Jaime, no segundo volume de sua obra já citada. Pelo sub-título o conhecereis: *o portentoso criador da filosofia concreta*. *Portentoso* é palavra que já não se escuta no ônibus ou mesmo já não se lê nos livros de filosofia e que, segundo o Aulete digital, significa extraordinário, prodigioso, "que é invulgarmente inteligente ou culto", insólito, raro etc. Assim, o historiador da filosofia brasileira considera o filósofo e lhe dá voz, com remissões ao *Filosofia Concreta*, *Sociologia Fundamental e Ética Fundamental*, *Tratado de Simbólica* etc. O ponto que considero mais emblemático é o comentário feito por Jorge Jaime a uma resenha do *Filosofia e Cosmovisão* (1952) assinada por Luís Washington Vita na *Revista Brasileira de Filosofia*, em que este se atém a um único ponto da obra do qual discorda, em desconsideração total para com tudo o mais que ela possa ter de relevante. (VITA, 1953). Em termos bastante enfáticos, Jorge Jaime declara:

> [...] Insisti em mostrar essa resenha longamente – não na sua totalidade – para que se verifique como a crítica filosófica ainda é rudimentar, facciosa, mal esclarecida, virulenta, mais perniciosa do que esclarecedora, uma vez que nada relata, nada divulga, nada esclarece, ao contrário, sabota, deturpa, faz politicagem, "panelinhas", enfim, é o fim dos fins. A maldade aí está, resenhada, nas entrelinhas... Dessa grande perversidade resultou que um homem de pensamento, um filósofo brasileiro, foi condenado ao silêncio durante toda a sua vida, dedicada à filosofia e aos seus cursos, divulgando-a, escrevendo dezenas de preciosas obras. Não se pense que eu tenha conhecido pessoalmente o senhor Mário Ferreira dos Santos; não o conheci. (JAIME, 2000, p. 340-341)

Mais à frente, na mesma página, Jorge Jaime cita a nota de falecimento publicada também pela *Revista Brasileira de Filosofia* em 1968 e igualmente assinada por Luís Washington Vita e na qual, passados 16 anos, não parece que lhe tenha despertado o interesse em compreender devidamente a obra do Mário. Digo passados 16 anos e muitas dezenas de livros publicados, como *Pitágoras e o tema do número*, *O um e o múltiplo em Platão*, *Filosofia Concreta*, *Métodos Lógicos e Dialécticos* ou *A Sabedoria dos Princípios*, passado tudo isso e mais um pouco, ainda assim eis o tipo de declaração: "Com o falecimento do professor Mário Ferreira dos Santos perde o pensamento brasileiro o último *abencerrage* de um estilo de prática filosófica inaugurado no Brasil por Tobias Barreto, atento ao movimento especulativo internacional, porém, inserindo-o no contexto nacional com vistas às nossas exigências e peculiaridades." (VITA, 1968 apud JAIME, 2000, p. 341) Não são palavras de crítica, porque o caixão do filósofo mal tinha saído da sala, mas certamente não exprimem a contento sua figura; e, em comparação com o texto de Carlos Beraldo, precisaríamos rever o que se entende por comparação... Gostaria muito de saber de onde saiu a idéia de "último *abencerrage* de um estilo de prática filosófica inaugurado no Brasil por Tobias Barreto".

***

Aqui não pretendo exaurir tudo o que já foi dito sobre o Mário, até mesmo porque não tenho ainda as fontes necessárias para uma investigação dessa importância, e também porque nem sei o que

seria "exaurir tudo o que já foi dito sobre o Mário", acrescentando-se que muita gente preferiu nada dizer sobre ele, o que faz eloqüente a mudez dos silentes. Porém, quando o espólio do filósofo estiver disponível a todos, acredito que irão surgir cartas, declarações, poemas, críticas, motejos, artigos de jornal e revista, inéditos ou esquecidos sem fim que colorirão o universo preto-e-branco de que dispomos no momento. Rezo ao bom Deus para colocar as mãos nessas delícias e poder, dentro de minhas capacidades, tornar mais claro e apetecível e mais cheio de significado esse patrimônio cultural que nos foi legado.

Certamente irão surgir declarações como a de seu amigo, o anarquista Jaime Cubero (1926-1998)[28]:

> [...] No Centro de Cultura[29] passou a freqüentar, já em 45, um filósofo muito importante, o Mário Ferreira dos Santos. E todos os sábados à noite havia as conferências. Lotava tanto que o pessoal quando estava indo falava: "Vamos logo senão não vamos pegar lugar para sentar...". E o Mário Santos, depois que começou a freqüentar fez uma palestra para nós, a tal ponto que passado um tempo nós não nos preocupávamos em arrumar conferencistas (procurávamos, é claro, alternar). Mas ele chegava lá e sempre que não tinha ninguém para falar, púnhamos o Mário. Ele sentava-se a mesa e perguntava: "Sobre o que vocês querem que eu fale?". O pessoal escolhia um tema e ele discorria. Ele tinha uma capacidade fantástica, a pessoa mais culta que eu conheci em toda a minha vida (olha que eu conheci reitores de universidades, escritores, muita gente), nunca vi uma cultura e uma capacidade tão grande como a do Mário para expor idéias de um modo tão profundo. Ele falava como se estivesse lendo um texto super elaborado, tanto que eu tenho um livro dele em que aproveitou as palestras que dava na casa dele. Ele acabou me convidando para ir aos cursos dele. Eu não tinha dinheiro para pagar e ele

---

[28] Há uma dissertação de mestrado sobre ele, da autoria de Maira Moraes dos Santos: "Jaime Cubero: uma trajetória de práticas libertárias para a educação e para a vida", defendida na USP em 2015.

[29] Centro de Cultura Social, um centro anarquista situado na cidade de São Paulo.

> vivia de dar cursos. Depois fundou uma editora. Você já pensou em vender mais de 2 milhões de livros de filosofia na década de 50? Foi ele que bolou esse negócio de vender as coleções muito bem encadernadas, bonitas, para esse pessoal que compra livros e mete para enfeitar paredes. Então ele vendeu muito mas nessas condições, ele tinha os vendedores que iam vender nas casas. O Mário Santos, dentro da minha formação, foi fundamental, foi meu grande guru. Assistia às palestras dele e ficava até de madrugada lendo seus livros. (CUBERO, 1997, p. 11-12)

Essa entrevista foi concedida em 15 de novembro de 1997, quando Jaime Cubero já tinha 70, e nela há outros pontos mais em que recorda seu amigo filósofo. No trecho citado, o que é muito fácil de comprovar pelas gravações de suas aulas, a alusão a sua excelente capacidade expressional, afinal de contas Mário publicou três livros sobre o tema: *Curso de Oratória e Retórica*, *Práticas de Oratória* e *Técnica do discurso moderno*; dom que parece que o acompanhou desde sempre. Quando ainda no Rio Grande do Sul, na sua estréia como advogado, absolve seu cliente acusado de homicídio com discurso que lhe granjeou o aplauso de todos, além do registro elogioso no jornal *Diário Popular* de 14 de novembro de 1928 (ANEXO H): “O talentoso academico Sr. Mario Santos, que fez brilhantissima estréa na tribuna judiciária, mostrou reaes dotes de tribuno, além de predicados de estudiosos, demonstrando assim, que um futuro promissor lhe aguarda na vida pratica.”

Jaime Cubero (1997) também menciona o fato de que alguns de seus livros são fruto de transcrição de aulas, o que faz com que haja imprecisões típicas da oralidade, necessitando, portanto, de um trabalho editorial adequado, que preencha os hiatos, incorreções ou coisas tais, por conta de uma produção muito extensa em tão pouco tempo.

Em trabalhos futuros, tentarei juntar outras alusões ao mestre de São Paulo, para que compreendamos melhor a atuação do Mário com os anarquistas[30], bem como o ódio por ele atraído dos

---

[30] Segundo os autores de *Francisco Santos: pioneiro no cinema do Brasil*, “há informações de que a [Tipografia e Litografia] Guarany publicava jornais e panfletos de grupos sindicais e anarquistas” (nota 4 da página 92), o que me leva a crer que Mário Ferreira aprendeu certo rudimento de anarquismo ainda na

comunistas, que nunca lhe perdoaram um debate em que, defendendo a posição anarquista contra o representante dos comunistas – o próprio Caio Prado Júnior –, desbancou-lhe fragorosamente: refez a palestra do oponente, por considerar que ele tinha defendido Marx de modo muito tíbio, para depois criticar Marx sob um ponto de vista mais justo, mais sólido, como Olavo de Carvalho narra no *True Outspeak* de 18 de dezembro de 2006. Em situação similar (talvez seja inclusive o mesmo evento), Mário Ferreira fez do marxismo exposição tão aguda, com o intuito de corrigir um conferencista que defendia Marx, que levou seus amigos a pensar ter o Mário mudado de opinião. Posteriormente rebateu criteriosamente as idéia de Marx para, então, assentar a concepção libertária, que considerava mais justa. (GALVÃO; SANTOS, 2001, p. 23)

Enfim, a própria fórmula política do filósofo é algo que pede por estudos. Quando entrevistei seu sobrinho, Sr. Carlos Lhullier da Cunha, em 25 de setembro de 2017, ele me afirma que a concepção política de Mário Ferreira dos Santos em certo período de sua vida era da cor de minha camisa: vermelha! Eu lhe pergunto: o senhor está me dizendo que Mário Ferreira dos Santos era comunista?? Ele dá a entender que não propriamente, porque possivelmente não seria o termo adequado. O irmão do senhor Carlos, Sr. Joaquim Alfredo Lhullier da Cunha, atestou que seu pai, Joaquim Monteiro da Cunha[31], teve relações cortadas com o Mário na época em que este virou **marxista**. Talvez o termo correto não seja marxista, porém, fica o registro[32].

Quando estive de 14 a 20 de novembro de 2018 em sua propriedade no Cerrito Alegre, em Pelotas – RS, Sr. Joaquim Alfredo também me relatou que Mário Ferreira dos Santos confessou-lhe que fora comunista e que sofreu atentado por desligar-se do grupo ainda em

---

casa do pai. A Tipografia e Litografia Guarany, mais um dos empreendimentos de Francisco Santos, ademais, publicou “a primeira tradução mundial de uma obra” (pág. 78) de Gibran Khalil Gibran: *Lágrimas e Sorrisos*.

[31] Segundo o Sr. Joaquim Alfredo Lhullier da Cunha, Mário Ferreira dos Santos participava de uma confraria com Joaquim Monteiro da Cunha (pai do entrevistado), (ANEXO E), Fernando Gomes da Silva, Francisco Gastal, Rubens (Rubem?) Amarante, entre outros. Mário falava em francês e latim com os confrades.

[32] Interessante observar o nome das filhas do Mário: Yolanda e Nadiejda. A primeira, com o mesmo nome da mãe; a segunda, com um nome russo, parece uma homenagem a alguma Nádia famosa, como Nadejda Konstantinovna Krupskaia, mulher de Lênin. Hipótese levantada por meu orientador Professor Dr. João Eduardo Pinto Basto Lupi.

Porto Alegre; alguém tentou matá-lo, com o qual teve luta corporal e, com um molho de chaves, nocauteou o bandido. Mário Ferreira dos Santos, disse-me o entrevistado, foi perseguido em Porto Alegre e depois em São Paulo; e que a perseguição em Porto Alegre foi um dos motivos que o levaram a mudar-se para São Paulo.

Ainda no Rio Grande do Sul, com seus 23 anos de idade, Mário Ferreira dos Santos foi preso no período do governo de Getúlio Vargas, episódio que relata na primeira página do jornal *A Opinião Pública* em matéria de 19 de dezembro de 1930 cujo título é "Porque fui detido" (ANEXO H). Foi acusado de promover a greve dos trabalhadores da *Light and Power*, ao que ele responde: "Entretanto cumpre-me declarar, e o faço em alto e bom som, que absolutamente não tive a honra de dirigir a greve dos empregados da *Light*, nem fui seu fomentador." E adita mais à frente: "O 'crime' de que fui accusado só me ennobrece [...]" e afirma que então está "duplamente diplomado": em direito e em jornalismo, considerando assim a sua prisão uma distinção como semelhante a um certificado de bacharel em jornalismo, que eu afirmaria ser *maxima cum laude.*

Muitos são os nichos de onde poderão surgir mais informações, sobretudo porque o Mário viveu em Pelotas, Porto Alegre e São Paulo, onde soube cultivar boas amizades, mas também inimizades, e certamente muita gente de seu convívio teve o que dizer a seu respeito. Coletando de arquivos pessoais, sei que ainda descobriremos maravilhas de grande importância para a compreensão desse pedaço da história da filosofia e da cultura do Brasil.[33]

---

[33] A todos quantos lerem este trabalho e desejarem me ajudar no levantamento arqueológico de dados biobliográficos de Mário Ferreira dos Santos, quer seja com fotos, artigos de jornal, manuscritos ou livros, quer seja com testemunho, peço que me contactem pelo e-mail *elvis_amsterda@yahoo.com.br* ou pelo whatsapp (98) 9 88366201. Asseguro que todos os créditos da fonte serão garantidos.

2 BREVE INCURSÃO NOS ESTUDOS NOOLÓGICOS DE MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

No mar tanta tormenta, e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade avorrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme, e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?

(Camões, Os Lusíadas, Canto I, estrofe 106)

Contra um bicho da terra tão pequeno, um fraco humano, já não se arma apenas o Céu sereno, porque aqui na terra já se armam todos quantos se opõem a qualquer resposta espiritual à pergunta *o que é o homem?* Quando o estado de Nova York aprova o aborto até o nono mês de gravidez e a Islândia erradica a síndrome de Down pela erradicação dos bebês com síndrome de Down, quando tropas soviéticas praticam estupro coletivo das mulheres alemãs, ou ainda quando assistimos à prática do infanticídio entre algumas tribos indígenas do Brasil, parece gritar a pergunta *o que é o homem?* Na verdade, a indagação nem sempre é gritante, porque pode ser fina e friamente conduzida sob a aura do corte epistemológico, da cientificidade, da capacidade de raciocinar. Tanta tormenta e tanto dano driblados pela arte de antepor palavras a um ponto de interrogação.

Haverá por acaso um meio de responder, como homens, à pergunta *o que é o homem?* Porque não haveremos de responder enquanto máquinas ou enquanto bichos que por vezes somos. Se não somos nada (ou nada de especial), desse nada fazemos a pergunta. Experimentarei uma resposta humana, com a confiança de que somos um pouco mais do que os abusadores do sentido do homem pretendem reconhecer. Para tanto, ingresso nos estudos noológicos que hei de exibir.

Noologia Geral (1956) é o penúltimo volume da primeira série da *Enciclopédia de Ciências Filosóficas e Sociais*, é o nono livro, aquele que é imediatamente anterior a *Filosofia Concreta* (1957), uma

das obras mais importantes de Mário Ferreira dos Santos e coroa da primeira fase de seu pensamento. O *nove* aqui atua em sua simbólica pitagórica e determina em grande medida a natureza dessa obra: "Como síntese pode-se considerar o nove como símbolo da reintegração na homogeneidade do Ser Supremo." (SANTOS, 1959, p. 256). Todas as coisas estão integradas num todo cósmico, que aponta para um algo que o transcende, o Bem, o Ser Supremo; bem como a *Noologia* aponta para a *Filosofia Concreta*, a síntese final dessa primeira fase de seu filosofar positivo e concreto. Assim como o cósmico aponta para o transcendente, os estudos noológicos apontam para a estrutura metafísica que os transcende. Para usar outras expressões[34], diríamos que a *Lei da Integração Universal* é superada pela *Lei da Unidade Transcendental* e as leis da Noologia, que já ultrapassam as leis da Psicologia, são ultrapassadas pelas leis da Ontologia Geral. Do nove se chega ao dez, do cósmico ao transcendente, da Noologia à Ontologia realista de *Filosofia Concreta*.

Segundo Mário Ferreira dos Santos,

> A Noologia é, em suas linhas gerais, a ciência do espírito (a *Geistelehre* dos alemães), e corresponde à Psicologia Metafísica dos escolásticos, pois não é apenas uma descrição do funcionar do psiquismo humano, mas uma especulação em tôrno de temas transcendentais, metafísicos, como a origem e o fim da alma humana, prova ou não de sua existência. (SANTOS, 1958, p. 11)

Além de *Noologia Geral*, duas outras obras completariam seus estudos noológicos: *Tratado de Esquematologia*, antepenúltimo título da terceira série de livros da *Enciclopédia de Ciências Filosóficas e Sociais*, que permanece inédito, e *O Problema da Alma*, da qual não tenho notícia. Acrescente-se, além dessas, *Psicologia*, que Mário Ferreira considera um ponto de partida desses estudos.

Enquanto disciplina constituída, a Noologia possui objeto material, isto é, o assunto de que trata, que pode ser compartilhado por várias disciplinas; objeto formal, o ângulo por meio do qual se estuda a matéria; e objeto formal terminativo, aquilo a que se destinam as perguntas feitas na investigação, a razão última que se quer dar, o que se quer finalmente responder.

---

[34] Ver *As Dez Leis de Pitágoras*, capítulo de *Pitágoras e o Tema do Número*.

> É a Noologia, portanto, uma ciência metafísica cujo objecto de estudo são os factos do espírito humano (*Nous*). Seu objecto formal-terminativo é a crítica da perfeição espiritual no homem, e o formal motivo, a análise do funcionamento psicológico, segundo suas polarizações, no que apresentam de tìpicamente distinto do meramente empírico. (SANTOS, 1958, p. 147)

Como regional da Metafísica, a Noologia estuda os fundamentos ontológicos do espírito humano, bem como se preocupa com seu funcionamento psicológico em seus aspectos somáticos e do entrosamento deste com o contorno histórico-social, o mundo da cultura. No mundo biológico há o fenômeno da *adaptação*, com acomodação e assimilação correspondentes, e Mário Ferreira dos Santos concebe a adaptação psicológica como acomodação dos esquemas[35] cognitivos naquilo que eles têm de semelhantes ao mundo externo e assimilação do diferente que será incorporado ao mundo interno, com a especificidade de que na assimilação psicológica o que é assimilado são *notas*, *informações*, e não partes físicas do objeto. Como na adaptação biológica, o que não é assimilado é expelido, ou poderíamos dizer virtualizado, porque um organismo não pode assimilar além de suas capacidades, já que a assimilação é proporcional à capacidade do sujeito − um agente não pode agir desproporcionadamente, pois a ação segue-se ao agente.

Como os demais animais, o homem apreende do mundo externo as informações que seus sentidos lhe permitem, porém, aqui está o primeiro distintivo entre o homem e o bruto: a capacidade criadora do ser humano. Já em *Psicologia* Mário Ferreira dos Santos afirma que o psiquismo humano se diferencia do animal pela capacidade de não apenas captar esquemas visuais ou auditivos, captar aquilo que esteja à mão dos sentidos, mas também aquilo que os sentidos imediatamente não apreendem, de conhecer o que visão e tato e paladar de imediato não conhecem, uma vez que conhecemos os sons que nossos ouvidos não ouvem e sabemos de cores que nossos olhos não enxergam. Captamos possibilidades de possibilidades, esquemas de esquemas, assimilamos através da acomodação de aparelhos que substituem nossos sentidos e

---

[35] “O **esquema**, em suma, é a estructura noético-eidética do homem, intencionalmente representativa dos objectos do conhecimento e do entendimento.” (Verbete ESQUEMA, do *Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais*, vol. II, p. 643)

convertem as informações para a linguagem adequada à nossa capacidade intelectiva. "**Dessa forma, a adaptação do homem é já noética e não puramente psíquica. E é noética porque o nous se manifesta nessa capacidade criadora de esquemas.**" (SANTOS, 1956, p.15, grifo do autor). E mais: "**O homem é apenas portador de um psiquismo, mas de um psiquismo que é capaz de fundar um espírito.**" (SANTOS, 1956, p.15, grifo do autor). Essa capacidade de conhecer funda o poder do homem sobre a natureza, porque lhe permite atualizar possibilidades cognitivas virtualizadas em sua herança somática e lhe permite dominar da natureza um campo que não lhe é imediatamente acessível, mas acessível mediante novos esquemas. A capacidade de construir novos esquemas cognitivos é a primeira diferença entre o homem e o animal, como explicarei a seguir.

2.1 Diferenças entre os homens e os animais: capacidade de construir esquemas de esquemas e capacidade de captar possibilidades de possibilidades

No Tema I, Artigo 3 de *Noologia Geral*, *Diferença Essencial Entre o Homem e o Animal*, Mário Ferreira elenca um número razoável de distintivos eminentemente humanos que nos permitem ajuizar que o homem se notabiliza entre os animais por fatores não meramente quantitativos, mas também qualitativos. O núcleo desse diferencial está na idéia de que as mudanças na fisiologia dos hominídeos, no sistema nervoso, no cérebro, na visão binocular etc., modificaram-lhe a estrutura:

> "[...] Se aceitarmos que uma modificação estructural modifica também a tensão de estructura, compreendemos que o hominídeo, quando sofreu tais modificações, sofreu também modificações qualitativas, que permitiram o desenvolvimento da sua inteligência, favorecendo-lhe um salto qualitativo." (SANTOS, 1958, p. 37)

Eis alguns elementos distinguidores: a capacidade de captar valores, de preferir e preterir (SANTOS, 1964), de não ver as coisas como indiferentes, mas umas mais preferíveis que outras, o que faz com que inclusive neguemos a natureza, quando necessário. O homem é capaz de negar seus instintos por uma finalidade considerada maior; como pode abster-se de comida, de bebida e sexo por motivos

considerados nobres, bem como colocar a honra acima da vida ou do valor econômico. Ademais, quando inverte a escala de valores acontece aquilo que José Ortega y Gasset disse em *Ensimesmamento e Alteração*: o tigre não pode destigrar-se, mas o homem pode desumanizar-se. (GASSET, 1960). Mas uma vez que já se falou que o homem capta possibilidades de possibilidades, é certo que ele capte valores, que são possibilidades melhores ou piores a ser preferidas ou afastadas consoante a adesão a uma hierarquia.

O homem é dotado de linguagem e capaz de criar conceitos e categorias. Não há nada similar no mundo animal à capacidade cognitiva e expressional do homem, por mais generosa que seja a interpretação da linguagem de golfinhos e papagaios; não se encontra paralelo com o que faz a linguagem e inteligência humanas através de conceitos. Acrescente-se, ainda com Gasset, que os animais param para comer e dormir, mas não param para pensar. Ou reagem ao mundo ou se esquecem do mundo no mundo do sono. O homem é o único animal que sai do mundo e entra no mundo interior. Nas palavras de Mário Ferreira: "[...] Podemos identificarmo-nos com o nosso próprio ser, e quando nos observamos, recolhemo-nos em nós mesmos, concentramo-nos em nós mesmos, e não nos consideramos como objecto; fundimo-nos em nós mesmos." (SANTOS, 1958, p. 39). O homem possui um universo de idéias, conceitos, linguagem, todo um mundo alternativo pelo qual vive, adoece e morre. "O homem é o único animal que" vive, morre e "pode adoecer por idéias". (SANTOS, 1958, p. 41)

"Os animais dizem sempre sim à vida, e o homem pode dizer *não*." (SANTOS, 1958, p.40) O homem desenvolve sua vontade e se humaniza eminentemente por ela, não apenas pela inteligência. Eu diria que inteligência, vontade e amor são três aspectos pelos quais o homem se notabiliza no reino animal: não apenas conhece, mas quer o bem e tem o *pathos* pelo bem. Acredito que podemos nos elevar pelo conhecimento, pelo controle da vontade e pela afectividade eminentemente humana. Porque o macaco tem uma afectividade, tem inteligência e tem querer, mas o modo como o homem conhece, ama e quer faz com que conheça, ame e queira a contrapelo de sua própria natureza a ponto de recusar o que ama, conhece e quer por um motivo superior.

"Os animais não rompem os limites, e ademais o homem é sequioso do novo, é a *bestia cupidissima rerum novarum*, o animal cúpido das coisas novas." (SANTOS, 1958, p.40) O homem diz **não** ao limite: **non possumus**! Muitíssimos e variegados seriam os exemplos de

transgressão humana aos limites na escultura, na culinária, na arte de cumprimentar, na pedagogia, na religião, na poesia e na mística, no transporte público, no folclore e no sexo. Há uma aversão profunda à mesmice entre os homens, sobretudo em épocas como a nossa de grande progresso tecnológico. Não que um animal não possa se entediar, por conta de sua privação de liberdade, por exemplo; mas o homem encontra espaço para a criatividade ainda que não haja liberdade, como atestam relatos das experiências em campos de concentração, como o caso do psicólogo austríaco Viktor Frankl, pai da Logoterapia[36], que inventava uma piada todo dia no cárcere.

"[...] O homem estabelece um fim, e o animal não estabelece fins. Êle estabelece uma meta a ser alcançada, e por isto o homem criou os primeiros instrumentos de trabalho, que lhe permitiram a construção da técnica." (SANTOS, 1958, p. 42). Essa habilidade de visar a um fim, de perfectibilizar um ato ou um objeto em certa direção, de conduzir uma possibilidade em direção ao seu aperfeiçoamento possível, capacidade de captar futuros contingentes e de preferir o melhor, se dá porque o homem compara, por exemplo, as perfeições de um instrumento (uma caneta, uma luva, um computador) com um instrumento possível que lhe satisfaça mais. O homem compara o instrumento atual com o possível que lhe supera. Mário Ferreira dos Santos chama de *tímese parabólica* − do grego *tímesis*, apreciação, e *parábola*, comparação − a essa apreciação por comparação, por meio da qual podemos medir os graus de aperfeiçoamento de um objeto, de um ato, de uma qualidade. Para medir quantidades, usamos uma unidade de medida menor do que a quantidade a ser mensurada – a área de um quarto, pelo m², porque a quantidade é menor do que a área a ser medida; a distância São Luís-Florianópolis, pelo km; a área de um país pelo km², etc. Claro que uma quantidade pode ter fração de sua unidade de medida, mas isso não altera a idéia geral a que nos remetemos. Para medir qualidades, não há fita métrica, porque a qualidade não se mede pelo menos; mede-se a qualidade pelo mais, pelo que ensina a *tímese parabólica*. A eficiência de um instrumento usa por padrão a máxima eficiência concebível; a qualidade de um jogador, por um jogador de

---

[36] Terceira escola psicoterapêutica de Viena, do lado das escolas de Freud e Adler. A Logoterapia é uma psicoterapia com base no *sentido da vida*, que pode ser encontrado no amor, no fazer ou no sofrimento. Dentre as obras do médico judeu Viktor Emil Frankl (1905-1997), destaca-se *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*, que relata suas experiências de luta para não se desfibrar ante situações-limite como a *Shoah*, o catastrófico holocausto.

qualidade. Se dissermos a uma mulher que ela é bonita feito Isabelle Adjani ou bela como Catherine Deneuve, isso sim é um elogio, porque a dispomos num padrão elevado; mas se comparada em beleza com a mulher feia, o elogio vira chalaça. A parábola aqui jamais toca a reta, como o eficiente jamais se torna a máxima eficiência concebível, ou o belo a máxima beleza realizável; quanto mais próximo do máximo eficiente, máximo bem, máxima verdade, valor, maldade e crueza, maior o grau de eficiência, bondade, verdade, valor, maldade, crueza. No reino animal, também observamos a capacidade de captar possibilidades melhores, mais belas, mais eficientes, conquanto só o homem estabelece um fim e se determina, cúpido de novidades, cúpido do progresso, coisa que não se dá com os animais, que nunca estão insatisfeitos com o presente em comparação com um futuro possível e isso, o futuro, não nos é indiferente.

Essa capacidade de apreciar é eminentemente humana, conforme diz:

> O homem realiza a tímese parabólica, a qual consiste numa apreciação, por comparação, entre o que temos e a perfeição específica da qual não temos uma posse actual, mas apenas virtual, como vimos em "O Homem Perante o Infinito", e que é para nós a origem e o fundamento da religião.
> E essa capacidade não se poderia incluir na tensão do animal, porque ela escapa à animalidade, e a transcende, pois já é algo que tange o teológico. (SANTOS, 1958, p. 213)

Essa capacidade de avaliar, de comparar pode encontrar análogos no mundo animal: análogos, como o símbolo é análogo. Mas em sua expressão eminente, é inequivocamente uma capacidade humana. "Tôda a vida é selectiva e até na química verificamos selecções nas combinações. À proporção que avançamos no estudo, verificamos que a selecção é crescente, e que [o] homem é o animal mais selectivo que existe. O conhecimento é a máxima selecção realizada." (SANTOS, 1958, p. 42). Esse é um tema propriamente da axiologia, melhor explorado em *Filosofia Concreta dos Valores*, mas também da teoria do conhecimento. Uma vez que não existe a indiferença absoluta entre duas possibilidades, uma tem de ser preferível a outra, ainda que não saibamos qual a preferível e qual a ser preterida, mas a indecisão do sujeito ou a ignorância quanto à preferibilidade não são provas de que as opções sejam indiferentes. Quando preferimos algo, preterimos outro

que esse algo, selecionamos, portanto, porque não podemos escolher tudo, porque não podemos captar tudo, já que temos uma vida limitada no tempo e no espaço e uma capacidade intelectual igualmente cingida a seus limites. “O conhecimento é a máxima selecção realizada” e podemos ver isso expresso concisamente num adágio escolástico usado por Mário Ferreira dos Santos: “o que é recebido é recebido segundo o modo de ser do recipiente” (SANTOS, 1959, p. 48), isto é: “o conteúdo é concebido à maneira do continente”. Continente é aquele que contém, é o recipiente em que um conteúdo é recebido – recebido à maneira e dentro das possibilidades daquele que o recebe, porque a ação do agente não lhe é desproporcional. Vemos isso quando abraçamos uma vocação e pretendemos levá-la a suas últimas consequências e à sua perfeita realização, o que requer uma selectividade acima do ordinário. A simples escolha desta e não daquela vocação, desta ou daquela “carreira” é um primeiro passo por meio do qual virtualizamos uma multidão incontável de possibilidades, jogamos tudo isso para o epimetêico do ser, isto é, para a reserva de possibilidades não atualizadas no passado. Dentro da vocação escolhida, outras decisões tornarão cada vez mais aguda nossa escolha primeira e mais e mais possibilidades serão preteridas em benefício do preferido. Toda a minha biblioteca, minhas horas de estudo, os temas sobre os quais volto minha atenção, o dinheiro que gasto com cursos, a aprendizagem destas e não daquelas línguas estrangeiras, meus lazeres prediletos, o aprimoramento de minha capacidade expressional, o meu vocabulário, meus amigos e colegas, a escolha deste ou daquele caminho indicam meus limites e a tentativa de superá-los. Se o homem não morresse, não teria problemas com o sentido da vida. Como o homem morre, a vida não pode tomar todos os sentidos, se quer chegar a um termo. Mesmo que a vocação não seja uma vocação de estudos, ela exige escolhas e exige conhecimentos que, ainda que não tenham de ser buscados nos livros, tem de ser buscados em alguma fonte certa. E não podemos beber toda a água da fonte, apenas aquela suficiente para preencher o continente de nossas capacidades. Só conhecemos dentro de certos limites do continente, mas também nossa vida é um repositório de limitações.

Para completar o quadro, no capítulo **Visão Decadialéctica da Antropogênese**, Mário Ferreira dos Santos compendia algumas contribuições da Antropologia na distinção entre homens e outros animais:

> 1. “O homem é inteligente, sabe distinguir entre meios e fins.”

> 2. “*É o homem um animal que conhece a morte.*”
> 3. “Verifica-se que o ser humano revela *um aumento de complexidade em sua vida*; realiza progressos, o que não se verifica pròpriamente nos animais.”
> 4. “*O homem é capaz de construir uma técnica*.”
> 5. “A *escolha*. Os animais escolhem, dizem, mas a escolha é diferente de a do homem, pois êste pode dirigi-la aos valôres, o que não é realizado pelos animais.”
> 6. “No homem há *autonomia*.”
> 7. “Mas o homem tem *consciência de si como pessoa*, acrescentam outros.”
> 8. “*O homem estabelece categorias*.”
> 9. “*O animal é essencialmente ação e o homem é pensamento*.”
> 10. “*O homem é capaz do acto inútil*, proclama Leconte de Nouy.”
> 11. “*O homem é um animal que faz promessas*.” (SANTOS, 1958, p. 73 – 79, grifo do autor)

Essas idéias não são completamente subscritas pelo filósofo brasileiro, como na sétima sentença, uma vez que ter consciência de si como pessoa não é algo que o homem já traga consigo, nem lhe é imediato, só podendo desfrutar desse acidente depois de muita experiência. Objeções também são levantadas contra a segunda sentença, já que também entre os animais há consciência da morte, mas os animais não se deparam com a morte com a carga de vivências que só o homem possui, porque a morte entre os homens ganha um sentido religioso. Morrer é a derradeira coisa que o homem faz na vida, afirma um provérbio francês, porque é uma experiência carregada de humanidade, não só de finitude, se me permitem dizer assim. Se pensarmos no poema de Bocage que começa com “meu ser evaporei na lida insana” e termina com “saiba morrer o que viver não soube”, já se tem uma idéia dolorida do drama da morte humana, demasiado humana. Porém, é preciso reconhecer que também entre os animais ela pode apontar a uma certa consciência do fim.

***

Em consonância com o que já anunciei anteriormente, Mário Ferreira afirma que o que verdadeiramente distingue os homens dos animais — e pode ser fonte de demais distinções — é a capacidade de *captar possibilidades de possibilidades*:

> Os animais revelam, portanto, que são capazes de captar possibilidades. Mas o homem é capaz de *captar possibilidades de possibilidades*. Êste ponto é diferencial, pois nunca se notou até agora que os animais fôssem capazes de captar as possibilidades que podem advir da actualização de uma possibilidade. (SANTOS, 1958, p.79).

Por isso o homem assina contratos e faz promessas, aposta em cavalos ou pede uma mulher em casamento, constrói pontes e declara guerra, inventa medicamentos e enterra seus mortos, porque antevê, entre futuros contingentes, possibilidades mais actualizáveis que outras e probabilidades mais factíveis que outras. A própria técnica depende dessa antevisão. O que seria do instrumento mais rudimentar sem essa aptidão? Não seria jamais aperfeiçoado e não seria jamais guardado para executar a mesma função em outras situações em diferente tempo e diferente espaço. Não haveria, assim, progresso tecnológico. Também a capacidade humana de captar valores, de valorar e valorizar[37], de preferir e preterir, se entrosa com a capacidade de captar possibilidades de possibilidades, porque vale mais aquilo que possui mais possibilidades positivas do que opositivas, como atestamos na escolha da mulher que amamos ou quando se aplica uma pena no julgamento de um criminoso. O que seria da percepção humana da morte sem essas opções de escolhas na vida?

Assim, encontramos dois aspectos que tornam o ser humano algo profundamente diferente no reino animal:

a) Capacidade de construir esquemas de esquemas para ampliar o seu conhecimento e;
b) Capacidade de captar possibilidades de possibilidades. Parece-me que a primeira depende da segunda, porque um esquema de um esquema é uma possibilidade de uma possibilidade.

---

[37] Valorar é captar valor; valorizar é aditar um valor a algo que já vale, como vemos em *Filosofia Concreta dos Valores*. Uma caneta vulgar pode valer ordinariamente R$ 1,00; porém, se a ganhei de presente de um parente que já se foi, eu a valorizo para além do valor monetário.

2.2 A Ficção

No artigo *A Tímese Parabólica e a Criação das Tensões*, da unidade *Característica Fundamental do Homem*, ainda em *Noologia Geral*, Mário Ferreira dos Santos diz que

> É mister, porém, observar que a imaginação criadora e a construção de esquemas novos, fundados em anteriores, é uma característica tôda especial do espírito humano, desde que consideremos que o homem *pode* combinar esquemas diversos e díspares, compará-los, com êles construir novos esquemas, sem que lhe corresponda um *suppositum*, *extra mentis*, que seja o *substractum* do esquema, como se vê quanto aos entes de razão, as ficções, etc. (SANTOS, 1958, p. 214, grifo do autor)

Desta maneira, ele encara a capacidade de ficcionar num sentido mais profundo do que se costuma atribuir, porque a imaginação criadora está presente no ofício dos poetas, dos cientistas, dos inventores, dos santos, dos místicos e, em primeira, última e mais profunda instância, no poder criativo de Deus. Assim, "nessa capacidade [de criar ficções], teríamos a diferença específica fundacional do espírito, fundamento da estética." (SANTOS, 1958, p. 217).

Foi nesse poder inventivo que se apoiou a criação do i-Phone, das catedrais, do Palácio dos Leões, da ponte Hercílio Luz, de Lady Macbeth e da física quântica, porque o i-Phone é uma ficção do poder *poiético* de Steve Jobs (ou do engenheiro que ele representa), como Lady Macbeth é do poder inventivo de Shakespeare. Pouco importa que nossas ficções não encontrem um conteúdo *extra mentis*, pois não nos interessa aqui a fundamentação dos universais, porque ainda que não haja conteúdo real, a ficção é real. Todavia, Lady Macbeth e Hamlet e Brás Cubas atuam como possibilidades de possibilidades na mente humana, porque não são meros nadas, não são possibilidades de coisa alguma, mas possibilidade de alguma coisa e, acrescente-se que atualizamos essas possibilidades em nós mesmos, em nossa imaginação ou em nossa história, quando agimos como Hamlet ou se cometemos crimes como Lady Macbeth, crimes que nem todas as águas conseguem lavar.

A criação de conceitos é também dependente de nossa imaginação poética e muitos desses conceitos e categorias têm

fundamento *in re*, têm apoio na realidade, como afirmaria o realismo-moderado; outros são distinções meramente formais, que não podem ser fisicamente discerníveis. Para o nominalista e para o conceptualista, a realidade dos conceitos seria ainda mais frágil, mas todos teriam de admitir que, conquanto não existissem fora da mente, existiriam pelo menos como ficções mentais.[38]

A tecnologia de que hoje dispomos também foi um dia poesia, possibilidade captada pela inteligência, sentida pela afetividade e querida pela vontade, mas não passava disso quando os meios técnicos de sua realização não estavam disponíveis. O mesmo se diz de outras áreas: "Nada está na política de um país, que não esteja primeiro na sua literatura", na sentença de Hugo Von Hoffmannsthal popularizada por Olavo de Carvalho. Porque um projeto de governo, uma estratégia de poder, a deportação de povos para a Sibéria, a criação de campos de concentração, a proclamação da República, o desembarque na Normandia são ficções imaginadas e feitas virtualidades efetivadas na história. A tecnologia e a política, a engenharia e a metafísica, a poesia e a caridade e a estratégia militar, e também o planeamento de um crime, são expressões do poder imaginativo do espírito humano que, ainda que não se expresse imediatamente em realizações concretas, opera na inteligência humana que antevê sua realização concreta.

---

[38] Podemos sumarizar a querela dos universais com a seguinte pergunta: os *termos*, os *conceitos* significam algo ou são meras palavras? Os termos *homem*, *maçã*, *cão* ou, digamos contemporaneamente, *celular*, *automóvel* e *hidrante* significam algo ou são simples sopro, nada, ou mesmo só existem no intelecto do sujeito cogitante? Para a compreensão desse problema, sugiro a leitura do capítulo A INDUBITABILIDADE DOS UNIVERSAIS no volume 1 de *Filosofia Concreta*, em que Mário Ferreira dos Santos assegura que a Metafísica se constitui num saber válido ao demonstrar a *objectividade dos objectos metafísicos* e que esses *objectos* "transcendem a experiência possível" (SANTOS, 1961a, p. 155). Com isso, nega tanto o *nominalismo rígido* (que afirma que os conceitos são *flatus vocis*, sopro, que não há objetividade dos universais), quanto o *nominalismo mitigado* (que aceita apenas que certas representações sejam universais, como as *imagens*), e igualmente combate o *conceptualismo*: "O conceptualismo é uma doutrina *subjectivista*. Admite que o conceito é universalmente válido, mas nega qualquer elemento cuja *sistência* esteja fora da mente humana." (SANTOS, 1961a, p. 156). Mário Ferreira dos Santos defende o "realismo moderado, que consiste em afirmar que há uma sistência objectiva, fora da mente cogitante, para os *universais*." (SANTOS, 1961a, p. 157)

> Em síntese, o espírito humano cria tensões, nêle subsistentes, independentemente, enquanto tais, de uma realidade histórica.
> Essa capacidade o separa de tudo o mais, e o torna análogo a Deus, com a diferença que êste daria realidade positiva ao esquema, entificando-o històricamente, enquanto nós homens só lhes podemos dar uma realidade-ficcional, fundada em nossos esquemas anteriores.
> Assim como criamos em nós, o *Possest* [o ser Supremo para Nicolau de Cusa] criaria em si mesmo.
> Nós transcendemos quando criamos, criamos em transcendência, e o *Possest* em imanência. (SANTOS, 1958, p. 220)

É esse poder de captar possibilidades de possibilidades que nos permite ficcionar, nos faz enxergar a necessidade e a contingência das coisas e assim determina a dimensão de outro aspecto demasiadamente humano, que é a liberdade. Assim como Deus é livre para fazer tudo o que pode ser, o homem é livre em seu poder criativo para inventar o que está além de si e para preparar, com sua imaginação, a ação futura.

2.3 Diferenças entre o homem e o computador

Abandono neste momento as meditações encontradas em *Noologia Geral* para tratar das diferenças entre homens e máquinas e, a partir dessas diferenças, expor como pode ser construída uma filosofia verdadeiramente positiva e concreta. Confesso que aqui gostaria de rascunhar uma resposta a um professor que enunciou duas sentenças absolutamente perfurocortantes em sala de aula: “o homem está mais próximo de uma máquina do que de um animal” e “no dia em que tivermos um computador bem desenvolvido, teremos de tratá-lo como um ser humano”; tudo isso proferido com o perfeito domínio da afectividade, sem nenhuma tremura na voz, como quem enuncia a mais chã das obviedades.

Basta passear no parquinho ou ter mãe ou se apaixonar para se revoltar com uma sentença desse jaez; não consigo despegar uma filosofia da realidade imediata que ela atinge, como a relação entre as pessoas, a disposição ante o nosso contorno histórico-social, sua implicação na interpretação do passado, na preparação do futuro, enfim. De imediato, veio-me a idéia de que Hitler desligou seis milhões de

"computadores", todos considerados softwares degenerados, hardwares de somenos importância, não a carne e o sangue do povo escolhido, mas uma peça rota e fracassada para o uso de engenheiros. Poderia ter pensado nos sete milhões de ucranianos que em 1932 e 1933 foram "reciclados", chamados para *recall* pela engenharia soviética na fome programada do Holodomor, ou ainda nos 800.000 mortos a golpes de facão que, em 100 dias do ano de 1994 na "Ruanda *Tech*", foram respeitados como alguém mais próximo de uma máquina do que de um animal, acredito. Reclamei ao professor que isso teria consequências gravíssimas num hospital, porque pensei de pronto nos idosos, cujo aplicativo da consciência falha, ou em crianças que seriam abortadas como se refuga um Android velho por um bebê da Apple todinho novo. Recebi em resposta considerações não tão equilibradas quanto o domínio de si esboçado no enunciado das sentenças, acusações contra a Igreja, o ataque do professor com o auxílio dos meus amados colegas. Radicais.

Aqui não apresento a resposta exaustiva, mas um ensaio. Qual a diferença entre homens e máquinas? No final de *Invasão Vertical dos Bárbaros* (1967), alguma luz:

> [...] Houve quem alegasse que a cibernética poderá perfeitamente substituir a inteligência humana. Na verdade nunca substituirá a sabedoria humana, que é criadora, profunda e nos leva à captação dos primeiros princípios, o fundamento matético. Jamais a cibernética no-lo poderá dar, porque estará sempre subordinada ao grau da nossa inteligência. Poderemos, sim, ampliar o campo das nossas máquinas de pensar; mas elas nunca ultrapassarão a profundidade do pensamento humano. Poderá realizar com mais rapidez, com mais precisão, certos pensamentos que podem reduzir-se ao meramente mecânico. (SANTOS, 2012, p. 160).

Acrescento o trecho abaixo, por reforçar o ponto em que desejo chegar, isto é, não o limite do homem, mas sim o limite da máquina:

> [...] O fetichismo consiste, precisamente, em julgar que determinada coisa possui poderes que lhe são desproporcionados. Quando o cibernetista

> acredita que é possível criar uma máquina de pensar superior a ele, nada a duvidar, mas superior a toda e qualquer outra pessoa, é fetichismo. Quando julga que é ela capaz de escrever, amanhã, obras que superem a tudo quanto já se fez, é fetichismo. Quando julga que é capaz de lhe dar até consciência, é fetichismo, e bem infantil! [...]. (SANTOS, 2012, p. 117)

O homem é capaz de captar os primeiros princípios, a máquina não. Acrescente-se que captar os primeiros princípios é fugir do operar de uma programação. Numa demonstração dada, os princípios são assumidos e o ato de operar do programa se faz mediante certos pressupostos já dados pelo programador. A captação dos princípios – dos primeiros princípios! − não se dá por operação demonstrativa, não se dá porque certas regras argumentativas são seguidas, mas sim é o *princípio* o fundamento de toda demonstração e de toda percepção e de toda afetividade e de toda sensibilidade e de toda inteligência. Tomemos o exemplo do princípio de não-contradição: é impossível que o mesmo predicado se aplique e não se aplique sob o mesmo aspecto e ao mesmo tempo ao mesmo sujeito. Se o considero sob o aspecto ontológico, como Mário Ferreira dos Santos também o fazia, não apenas os juízos contraditórios não podem ser simultaneamente verdadeiros, mas é que nas próprias coisas se dá esse princípio, apreendido intuitivamente, imediatamente, apofanticamente. Uma máquina não acrescenta princípios do ser ao patrimônio cultural que já temos. Todos os princípios foram captados por gente e continuará assim, porque é impossível à máquina a intuição apofântica, algo como um clarão iluminador na captação de uma obviedade. Só o homem reduz a realidade a seus fundamentos em obviedades.

Alguém pode perguntar: por que, então, seria *impossível* a uma máquina captar princípios? Porque ela sempre parte dos princípios dispostos pelo operador e não é a própria máquina quem se apercebe da natureza autoevidente desses princípios. Não seria possível que uma máquina, em alguma situação, rompesse a programação e atuasse para além desses pressupostos? A minha opinião é de que isso é possível sim por milagre; mas não suporia que quem não acredita na especificidade do pensamento humano adira à idéia da singularidade de um Deus que intervém na história e na operação de uma máquina. Não digo que uma máquina não possa programar outra, não. Afirmo que uma máquina jamais irá se aperceber do caráter autoevidente de um juízo.

O princípio de não-contradição está presente em todos nossos atos cognitivos, conscientes ou não. O que sinto respeita o princípio de não contradição, mas também o que penso, o que vivo, os objetos de meu contato imediato, bem como os objetos com os quais jamais terei contato. Que seja impossível afirmar e negar ao mesmo tempo é óbvio, porque não há intermédio entre ser e não ser. E mais: a habilidade dialéctica de analisar princípios, de extrair princípios da análise de conceitos, de analisar a realidade a partir desses princípios alcançados é uma competência essencialmente humana. Não apenas à máquina é impossível captar os princípios, mas também ela não opera dialecticamente na análise dos juízos contidos nesses mesmos princípios, porque uma série de outras sentenças decorrem do princípio de identidade, do de não-contradição, do terceiro excluído etc. Essas decorrências podem ser a raiz de muitas filosofias, de muitos outros enunciados que ali estão contidos.

A máquina não capta princípios, não cria idéias e não tem habilidade dialéctica:

> [...] jamais a cibernética superará a memória eidética, nem a criação de ideias, nem a dialética bem entendida. Ela é um auxiliar de grandes recursos, mas num âmbito determinado. Pretender que ela possa substituir totalmente o cérebro humano é a mais tola ideia que poderia surgir, e uma manifestação de barbarismo intelectual da pior espécie. [...] (SANTOS, 2012, p. 33).

A idéia de que a máquina possa substituir o cérebro humano é uma idéia que ocorreu a certos cérebros humanos, não a máquinas. Desta feita, nem essa idéia pode ser dita original nas máquinas, sempre humildes e obedientes às determinações de seu programador. Se as máquinas fossem suficientemente humanas, estaríamos dispensados de amar a verdade, bastaria um sucedâneo eletrônico para o cumprimento do sentido de minha vida. Porém, para quem desconsidera que "o homem está mais próximo de uma máquina do que de um animal" e "no dia em que tivermos um computador bem desenvolvido, teremos de tratá-lo como um ser humano", para quem considera essas sentenças como um abuso dos direitos da insanidade, ainda nos resta algo de eminentemente significativo no respeito aos mortos, nos tratados de paz, na conquista de um amor, numa oração de agradecimento, na súplica de um esmoler, na busca de Platão por

sabedoria, na busca de Pitágoras por sabedoria, na encarnação do Cristo como a própria Sabedoria, na dissertação humana sobre a sabedoria. Obviamente que não tenho balança para pesar esses valores, porque nesses casos a unidade de medida não é o quilograma, mas a excelência do Amor.

A biografia de um homem, seus dramas sem ensaios, seus improvisos radicais, jamais se resumirão a qüiproquós cibernéticos. O que é um fato é que toda a história das idéias em geral e da filosofia em particular é uma narrativa cujas personagens são homens, não máquinas; a suposição de que um novo momento será introduzido pela personalidade das máquinas é uma crença religiosa da qual eu sou ateu, e cujas consequências são bem marcantes, entre as quais a negação de todo o empreendimento filosófico de busca da Sabedoria e inclusive a negação da consciência como algo que não está presente em toda sua profundidade nos animais e de modo algum em máquinas.

Acredito suficientes os dados apresentados para caracterizar o homem: capacidade de captar possibilidades de possibilidades e esquemas de esquemas, capacidade de captar os princípios, de ter idéias e de fazer análise dialéctica. Assim, está justificado esse empreendimento da filosofia de Mário Ferreira dos Santos, justificado em sua absoluta singularidade humana, mas nos resta perguntar: Como, então, se dá essa captação dos primeiros princípios? O que é princípio? Como uma filosofia principia? Como se pode construir algo perene de um exercício meditativo absolutamente humano? Não irei me aproximar dessas questões antes de tratar da teoria dos juízos virtuais.

2.4 Juízos virtuais

Considerando essa capacidade tipicamente humana de captar possibilidades de possibilidades, levemos em conta agora o conceito de *virtual* tão reiteradamente suscitado por Mário Ferreira dos Santos em suas obras. Conforme seu *Dicionário de Ciências Filosóficas e Sociais*, no verbete que lhe dedica, assim está expresso: "**VIRTUAL** — Diz-se do que não está em acto, mas que se funda em algo em acto. Distingue-se da mera **possibilidade,** do **possível,** pois é o **possível** fundado em acto, que, de certo modo, já é." E exemplifica: "Assim a potência elétrica de uma cascata é virtual." Quem projeta uma usina hidrelétrica numa queda d'água capta as possibilidades ali contidas e os benefícios ali virtualizados, mas que serão atualizados pelo seu pleno funcionamento. Igualmente, quem está diante de uma realidade, de um

conceito, de um juízo pode explorar as possibilidades ali contidas de modo a desvelar tudo que lhe é embutido.

Ao tratar da *teoria dos juízos virtuais*, o filósofo afirma que esses juízos são o fundamento de sua dialéctica concreta. Assim, podemos captar razões contidas nas coisas, nos conceitos ou em juízos ou explorar possibilidades que certas possibilidades contêm, uma vez que uma possibilidade não se dá solta no ar, mas sim sustentada por um tecido de realidade. Para explicar esse passo de sua obra, topei trechos do livro *Filosofia Concreta*, de *As Três Críticas de Kant*, mas também do áudio de uma palestra homonimamente intitulada *Filosofia Concreta*.

Na palestra, Mário Ferreira dos Santos distingue a metafísica pitagórico-platônica e a aristotélica e diz que “a metafísica platônica parte das idéias propriamente e vai extraindo os juízos virtuais contidos nos diversos *logoi*”[39] (informação verbal). Ele exemplifica de duas maneiras: se temos o logos de *antecedente*, da análise do logos *antecedente*, encontramos o conceito de conseqüente porque todo antecedente é antecedente de um conseqüente, uma vez que não há antecedente que não tenha conseqüente ou conseqüente que não tenha antecedente. Da análise do *logos* de um se chega ao logos do outro e, do esplendor da análise desses *logoi*, a relação de prioridade do antecedente para com o conseqüente, expressa num juízo. Outro exemplo é o conceito de afirmação e o conceito de negação. Da análise da negação, chega-se à afirmação, porque toda negação é negação de uma positividade, é negação de alguma coisa, “a recusa de alguma coisa afirmada, porque negar nada seria nada negar”[40] (informação verbal); o inverso não é verdadeiro, porque a afirmação não exige o conceito de negação. Mas, da análise da negação, chegamos à afirmação, porque negar é recusar uma positividade.

Um ponto importantíssimo dessas operações de extração de um conceito a partir de outro e, como veremos, de um juízo a partir de outro, é que isso se dá sem o uso de *termo médio*, sem nada que sirva de intermédio, mas por operações imediatas: “usam apenas as ilações, as conversões, as inversões, as obversões, quer dizer, os juízos vão sendo virtuais, estão contidos num postulado, vão sendo retirados sem o uso de

---

[39] Informação retirada da faixa 2 do CD Filosofia Concreta: Mário Ferreira dos Santos. (1 min 18 segundos e tempo seguinte).

[40] Informação retirada da faixa 2 do CD Filosofia Concreta:Mário Ferreira dos Santos. (04min 51 segundos e tempo seguinte)

um termo médio"[41]. Enquanto no silogismo a conclusão é obtida através de um termo médio, correndo, portanto, os riscos das falácias relativas a esse termo, pelo desvelamento dos juízos virtuais já não se corre esse perigo, porque são utilizadas inferências imediatas, como as citadas, que são matéria da lógica, mas também modos analógicos de raciocínio.

Outro ponto fundamental da teoria dos juízos virtuais é a superação de certo dilema advindo da concepção kantiana dos juízos, segundo a qual, de um juízo dado, ou o predicado está contido no sujeito ou o predicado não está contido no sujeito; para Mário Ferreira dos Santos, esse dilema não supre todas as opções.

> [...] Outro pressuposto falso de Kant consiste na distinção que faz dos juízos sintéticos *a priori* [*sic*] e dos juízos analíticos. Não há apenas as duas condições:
> a) ou o predicado já está contido no sujeito, ou
> b) o predicado, *de nenhum modo*, está contido no sujeito.
> Há uma terceira condição que Kant esqueceu:
> c) o predicado pode estar contido *virtualmente* no sujeito.
> Essa virtualidade não é apenas a que pertence à imanência conceitual do sujeito, mas a que está correlacionada ao mesmo, e também aos juízos quando comparados, como vemos pela *dialéctica concreta*. É precisamente esta terceira condição que é o fundamento dessa dialéctica, e permite compreender a iluminação apofântica, que pode surgir pela análise dialéctica, como a entendemos e realizamos. (SANTOS, 1961a, p. 165)

Esse trecho citado de *Filosofia Concreta* não estava na edição de 1957; é introduzido posteriormente, copiado de *As Três Críticas de Kant*. Por ele fica claro que é possível extrair uma seqüência de juízos a partir de um conceito inicial, como ocorre em *Filosofia Concreta* a partir do axioma *alguma coisa há*. Da análise de *alguma coisa* e da análise do *haver*, algumas verdades surgem. Independentemente das inúmeras especulações que se façam acerca desse juízo, o fato é que ele é verdadeiro *a posteriori*, pois a experiência

---

[41] Informação retirada da faixa 2 do CD Filosofia Concreta:Mário Ferreira dos Santos. (15min 47 segundos e tempo seguinte)

prova que há alguma coisa, mas também *a priori*, porque para além de qualquer experiência não se pode postular o nada absoluto: *alguma coisa há e o nada absoluto não há*, incondicionalmente.[42] Mas o que importa aqui mesmo é que desse juízo incondicional, de sua verdade, podemos extrair outros juízos incondicionalmente verdadeiros, coordenados entre si. Além desse exemplo dado, em *As Três Críticas de Kant*, a extração de *juízos virtuais* é feita a partir da análise do termo *direito*[43].

Acrescente-se que a passagem citada acima afirma que a possibilidade de extrair os juízos virtuais é o fundamento da dialéctica de Mário Ferreira dos Santos, a *dialéctica concreta*, que fatalmente também trabalha com razões ontológicas e, portanto, os juízos virtuais fundamentam igualmente sua *dialéctica-ontológica*. Além de fundamentar a dialéctica, permitem compreender o que chama de *intuição apofântica*, uma intuição iluminadora. "**APOFÂNTICO** – (Do gr. **apô,** embaixo e **phaos,** luz) Etimològicamente o que ilumina, esclarece o que está oculto." (SANTOS, 1966a, p. 142) Essa intuição é a que nos leva à descoberta do juízo fundador de sua filosofia e, deste princípio, a outros juízos nele contidos: "[...] Chamamos de **método apofântico** o que consiste em extrair, pela deducção e pelo clareamento, os **juízos virtuais,** contidos implìcitamente num juízo já aceito, e que podem levar a conseqüências totalmente imprevisíveis **a priori** [...]". (SANTOS, 1966a, p. 142). Isso ficará bastante claro quando, no outro capítulo, listarmos algumas teses do *Filosofia Concreta*, todas derivadas do ponto arquimédico *alguma coisa há*. Da análise desse juízo, outros juízos se iluminam, como verdades dele decorrentes, como podemos ler na obra citada. Mesmo os princípios da lógica clássica, que não são o ponto de partida da obra do filósofo brasileiro, acabam sendo justificados, não justificados enquanto princípios, mas justificados por seus princípios, como decorrência rigorosa de sua filosofia.

---

[42] "O juízo *alguma coisa há* revela-se de modo exigente e positivo. Não é um juízo analítico, é sintético sem dúvida, e comprova-se pela mais comum experiência, como o exigiu Kant. Mas, note-se, é válido aposteriorìstiticamente e apriorìsticamente. É um *juízo sintético a posteriori*, quando a experiência o revela, e é *a priori*, porque dispensa até a própria experiência kantiana, porque dispensa a nós mesmos, a nossa experiência, pois poderíamos não ser, sem que *alguma coisa há* deixasse de ser verdadeiro apodìticamente." (SANTOS, 1961a, p. 196)

[43] Dadas as dimensões deste trabalho, não contrapus com o cuidado merecido as passagens de Kant e Mário Ferreira dos Santos, mas reconheço a obrigação de fazê-lo numa oportunidade futura.

A intuição apofântica tem uma participação fundamental na obra do filósofo brasileiro: ela é o início de seu filosofar. Em *Invasão Vertical dos Bárbaros*, Mário Ferreira dos Santos lembra que há algo no homem que a máquina não possui: a captação de princípios. (SANTOS, 2012, p. 160). Um computador não chega à conclusão de que *alguma coisa há e o nada absoluto não há*, ou a outros princípios lógico-ontológicos; uma máquina não atinge os primeiros princípios, mas opera a partir dos princípios já dados. Isso é importante porque ainda que o computador consiga realizar operações lógico-matemáticas que muitas vidas humanas não conseguiriam, nenhuma máquina jamais ombreará a inteligência de Aristóteles, de Platão, de Pitágoras, dos filósofos de verdade, que não operam apenas dedutivamente, mas também na redução da realidade dada a seus fundamentos, a suas razões.

Esse trabalho humano, presente na história da filosofia, é patrimônio cultural da humanidade e não podemos nos desfazer de todo esse longo exercício intuitivo, longo exercício lógico, penoso afã em busca da verdade, como se fosse algo que pudesse ser substituído por um computador mais rápido e com maior capacidade de memória. O trabalho dessa tradição, segundo Mário Ferreira dos Santos, nos rendeu muitos milhares de juízos que sobreviveram ao teste dos séculos: "[...] Das cerca de cinquenta mil sentenças que esses filósofos lançaram, apenas umas cem admitem controvérsia, por falta de dados suficientes." (SANTOS, 2012, p. 102). Esse trabalho de verdadeira sabedoria será incorporado à Filosofia Concreta não como uma colcha de retalhos velhos costurados por linha nova; é que os retalhos nunca envelheceram, no sentido de quem perde vigor: envelheceram para ganhar força com o testemunho do tempo. Acrescentar que, dessas milhares de sentenças, dispostas em uma nova unidade, Mário Ferreira dos Santos (1967, p. 135) irá "ampliar a especulação em tôrno dos juízos virtuais-implícitos, e explícitos também, que encontramos nas obras dos diversos autores", como promete em *A Sabedoria dos Princípios*. Assim, encontraremos a filosofia antiga e a medieval, inclusa a escolástica ibérica, coordenadas numa nova filosofia que extrai de suas obras as possibilidades nelas contidas e coordenadas numa verdadeira unidade de pensamento.

50.000 sentenças que esses filósofos lançaram... De onde Mário Ferreira dos Santos tirou esse número? Não o sei, mas não deixarei de enfrentar um dado dessa magnitude, de causar perplexidade e inquietação. Se consideramos o seguinte, vemos que 50.000 é um número bastante verossímil: apenas *Filosofia Concreta* enuncia 327 teses principais e *Filosofia Concreta dos Valores* tem 153 que, somadas às demais contidas nas cinco dezenas de títulos da *Enciclopédia*, nos

permitem atingir a casa do milhar. Analogamente, computemos dos livros de Boécio, Avicena, Platão, Aristóteles, Santo Agostinho e Santo Tomás, Bem-aventurado Duns Scot, João de Santo Tomás, Hugo de São Vítor, Plotino, Pedro da Fonseca, Maimônides e Francisco Suárez – isto porque cito o nome dos filósofos, sem lhes mencionar as Escolas (salmaticense, conimbricense, Escola de São Vítor, carmelita, jesuíta, franciscana, dos pregadores, Escola de Atenas e Crotona; todas com nomes tantos que fariam esta nota virar uma epopéia) −, contando de 30, 40 ou 50 grandes filósofos do passado, as proposições afirmadas em seus tratados, sumas e quejandos; assim, facilmente se chega às 50.000 sentenças que esses filósofos lançaram.

Muitas dessas proposições podem ser coordenadas numa nova *filosofia concreta*, desenvolvida por leitores de Mário Ferreira dos Santos, e daí ser extraídas as possibilidades nelas insertas. Em trabalhos futuros, para melhor compreender a *teoria do juízo virtual*, precisarei investigar a teoria medieval dos juízos em que constam os *juízos explicativos* e os *juízos extensivos*, bem como o uso dos termos *a priori* e *a posteriori*, conforme nos adverte o próprio filósofo, mas, por enquanto, apenas anuncio os meus limites, o “mapa de minha ignorância”, para usar a expressão do professor Olavo. Tudo o que aqui foi colecionado sobre esse tema está lançado de modo bruto. Parece-me exigível a releitura das obras do Mário em busca das possibilidades do termo *virtual*, que são muito maiores do que as aqui apresentadas, como quando aparece na *Decadialéctica*, em que se faz presente de modo tão intenso. Posso ainda mais investigar como esse conceito se comporta na dialéctica simbólica, na dialéctica noológica ou mesmo nas possíveis aplicações da filosofia concreta na ciência ou na retórica.

Na monografia ainda não publicada que suas filhas Nadiejda Santos Nunes Galvão e Yolanda Lhullier dos Santos escreveram há um trecho muitíssimo elucidativo sobre o método do filósofo no que diz respeito à capacidade de implicar uma idéia de outra, mas que também nos dá uma informação preciosa sobre sua origem:

> Foi graças aos conselhos de um grande mestre que fui desenvolvendo e criando para mim uma metodologia que me permite partindo de uma pequena idéia ir construindo uma série de idéias. É o método que chamamos dialéctico concreto, o qual permite partindo de uma idéia fazer uma grande construção. Assim é natural que de um grupo de idéias eu possa falar longamente sobre

> elas sem me perder, e sem fugir propriamente da matéria, mas é um método que também ensino.
> Isto foi me ensinado pelo meu mestre que foi aluno de um discípulo de Cuvier, e este discípulo de Cuvier falava muito a ele sobre aquele caso famoso da rótula. Cuvier com a rótula de um animal foi capaz de construir a fauna e a flora anti-diluviana [*sic*]. Na época todo mundo achou uma loucura, uma ficção científica, e depois com o tempo veio se comprovar que Cuvier tinha razão. Este discípulo inculcou a este meu mestre aplicar aquilo para a Filosofia, aquele método das comparações, etc., este meu mestre fez uma parte e me transmitiu como uma espécie de legado, que ele não podia levar avante. Era um filósofo alemão, muito meu amigo. Entregou-me e disse: "Você que é moço pode fazer isto, continue, leve isto avante." E eu levei e fui fazendo. Isto me facilita até a memorização. [...]. (SANTOS *apud* GALVÃO; SANTOS, 2001, p. 29.)

O método dialéctico concreto incorpora a dialéctica-ontológica? Apesar de não poder dar certeza total, porque não estudei a gênese e modificação desses conceitos, acredito que ora são equivalentes ora aquele abarca este. No que diz respeito à operação de extrair juízos virtuais, acredito que algum erro na minha compreensão da extensão dos conceitos concreto e ontológico, aplicados à dialéctica, não altera em nada o fato de que a metodologia de Mário Ferreira dos Santos com um ou outro nome haverá de fazer uso dessa operação.

Não alongo ainda mais a citação acima para não abusar da gentileza do leitor, mas o filósofo complementa que esse método lhe auxilia inclusive quando tem de falar de algum assunto, sendo também uma técnica de uso na oratória – o que ganha ainda mais vida com o fato de que Mário Ferreira dos Santos era um excelente orador. Além do mais, o fato de que fora inspirado no método de Cuvier[44] nos faz ver sua perfeita aplicabilidade na ciência e muito mais na filosofia, sobretudo quando a contingência não é levada em consideração.

De uma rótula se pode extrair as possibilidades nela apontadas, fazendo uso da proporção anatômica. O joelho de um homem

---

[44] Para uma boa notícia desse método, sugiro a obra de Felipe Faria *George Cuvier: do estudo dos fósseis à paleontologia* (São Paulo: Associação Filosófica Scientia Studia; Editora 34, 2012), sobretudo da página 109 à 115.

não se encaixa nas pernas de um cavalo ou de um tigre-de-dente-de-sabre, bem como uma aporia não se encaixa numa demonstração válida; assim como podemos presumir a harmonia anatômica de um homem, de um cavalo ou de um tigre-de-dente-de-sabre, também podemos exigir a coerência, a harmonia dos *logoi*, de uma filosofia.

2.5 Inconclusões[45]

O que é o homem? Essa foi a pergunta que nos acompanhou neste capítulo, para que respondamos sobre quem é esse que filosofa e sobre sua filosofia, sobre as possibilidades de atingir a verdade, mas também sobre a possibilidade da verdade atingi-lo.

Nas *Quaestiones Quodlibetales*, Quodlibet XII, Q.14 a.1, Santo Tomás de Aquino responde à pergunta: qual a maior força que move o homem — o vinho, a mulher, o rei ou a verdade? Cada um desses exerce força na sua esfera específica, o vinho para atingir a imaginação, a mulher para compelir o impulso concupiscível, o rei para dobrar a faculdade irascível e a verdade para mover a inteligência. (TOMÁS DE AQUINO, 2013). Porém, uma vez que essas faculdades estão ordenadas de modo a respeitar uma hierarquia e sendo que a inteligência é a mais alta de todas elas, é a verdade a maior força que move o homem! Essa tem sido a biografia da espécie humana e a biografia pessoal de cada um de nós, a busca da verdade e a Verdade em nossa busca. Se eliminamos os distintivos do homem e o igualamos aos animais ou a um computador, amputamos toda essa dimensão biográfica; já não teríamos verdadeiramente pessoas, só bichinhos ou jogos de computador.

Somos sim animalidade, mas mesmo sob esse aspecto carregamos diferenças tão trans-animais, digamos assim, que podemos assegurar que nossa animalidade é animalidade de homem, porque somos capazes de lutar com ela pela conquista de nossa autonomia. Por exemplo, quando jejuamos. Atingimos a animalidade em um aspecto primitivo, a fome, a sede, para com isso dispor o espírito e não só o corpo. A nossa humanidade é cravada na animalidade. Essas práticas ascéticas foram consideradas por Mário Ferreira dos Santos, como vemos quando afirma:

---

[45] Aproveito esse título, *Inconclusões*, do ensaio *O Pensamento Brasileiro no Futuro: um apelo à responsabilidade histórica*, inserido em *O futuro do pensamento brasileiro* (Olavo de Carvalho).

> É fácil compreender o que há de positivo nas práticas ascéticas e exercícios apresentados como úteis pelas religiões. O corpo, como predisponência, favorece ou não as actualizações das possibilidades anímicas, segundo a sua maneira de proceder. A emergência depende, em suas actualizações, da predisponência. Um corpo saudável permite actualizações sãs da tensão-anímica, como esta pode actuar sôbre a predisponência, como já vimos. (SANTOS, 1958, p. 209)

Somos, como disse, animalidade, mas não nos restringimos a isso. Assim, ainda que somos animais, temos animalidade ordenada a algo a mais. Temos também a capacidade operatória de uma máquina, ou melhor, a máquina tem algo de nossa capacidade operatória, mas é ela que se restringe a isso. "A humanidade, diz em *Invasão Vertical dos Bárbaros*, é ainda uma longa conquista do homem, porque ainda em nós predomina o animal, porque onde o homem é mais humano é na sua afetividade e, sobretudo, na sua racionalidade. [...]" (SANTOS, 2012, p. 139). Não tratei desse ponto, que deixo para futuras investigações: em que a afectividade humana o notabiliza entre os demais animais? Como Mário Ferreira dos Santos compreende a capacidade afectiva do homem? Ora, se tomamos a vida de alguns homens como Madre Teresa de Calcutá, Richard Wurmbrand, João Paulo II, Viktor Frankl, Francisco e Jacinta Marto e Irmã Lúcia, mas também figuras como Pitágoras ou muitos dos mártires anônimos do século XX, deparamo-nos com tipos capazes de um amor desmesurado, capazes de sentir a dor humana numa dimensão não apenas sensorial, mas profundamente metafísica, teológica, poética e simbólica. Alguns desses homens foram dotados de poderes que nenhum animal jamais teve ou que jamais alguém se atreveu a atribuir a uma máquina. Tudo isso faz parte da história humana, relatado, atestado, testemunhado.

Mário Ferreira dos Santos não despreza essas biografias, como vemos quando trata dos diversos tipos de inteligência e expõe aquilo que chama de *inteligência carismática*: "*Inteligência carismática* é uma *visio* do ainda não experimentado, que não tem esquemas de prévia formação, que surge num grau elevado da genialidade, em profetas, santos, místicos, grandes legisladores." (SANTOS, 1958, p. 207). Somente a cegueira historiográfica ou o embotamento cientificista poderiam negar a existência dessas possibilidades humanas. Sem entrar no mérito do levanta-te e anda, não podemos subescrever o reclina-te e

cai. As biografias dos grandes homens, profundos na inteligência e na afectividade, na capacidade de compreender e de amar, mostram a que pontos a humanidade pode atingir. A profunda relação entre nossa animalidade e nossa inteligência é notada milenarmente pelas doutrinas ascéticas de todos os quadrantes do mundo, sabedoras de que a nossa inteligência está encarnada num corpo animal.

Acredito que o estudo da obra de Mário Ferreira dos Santos trará respostas nobilíssimas à pergunta pelo homem, de maneira que nos permita uma autonomia inaudita ante as respostas que são dadas nos outros lugares do mundo, pois já não precisaremos esperar a última moda européia ou norte-americana para descobrir o que somos desde toda a eternidade.

3 A DIALÉCTICA-ONTOLÓGICA DE MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

Na obra *Filosofia Concreta*, Mário Ferreira dos Santos responde com proficiência ao problema da *insegurança* do pensamento humano, à incerteza ante nossas capacidades, à dúvida frente à possibilidade de um conhecimento certo, imprescriptível, que não ceda diante do trepidar de nossa hesitação. É a *securitas*, a segurança, a única resposta possível que preencherá não meramente as exigências psicológicas de quem duvida, mas a segurança ontológica que nos irá responder com a verdade às exigências das dúvidas radicais que nos perseguem.

Para atingir a uma filosofia certa, necessária, apodítica, o autor lança mão de uma multiplicidade de métodos recolhidos através da história e provados pelo tempo, como a lógica aristotélica, a dialéctica socrático-platônica e a pitagórica, o método de Raimundo Lúlio, a lógica matemática, os estudos dos lógicos e gramáticos da escolástica da península ibérica, e também “pelo emprego de nossa dialéctica ontológica, que inclui a metodologia da decadialéctica, da pentadialéctica e da dialéctica simbólica” (SANTOS, 1961a, p. 20-21). Ainda em *Filosofia Concreta*, páginas à frente, afirma haver um “raciocinar tríplice” representado: pela “dialéctica ontológica, em busca dos nexos de necessidade, [que] é o raciocinar ascendente”; pela lógica formal – a clássica e a logística moderna −, que “constitui a parte central”; e, por fim, pelas lógicas que trabalham com as singularidades, com as realidades factuais: “a dialéctica, no sentido clássico, a decadialéctica e a pentadialéctica, por nós estabelecidas como modos de pensar concreto-ôntico, ou um pensar que desce à onticidade das coisas, e estabelece a análise até das singularidades, constitui um raciocinar descendente.” (SANTOS, 1961a, p. 76)

Não cabe aqui a exposição de todas as dialécticas que o autor criou ou desenvolveu, sobretudo porque cada disciplina filosófica pode ter sua dialéctica, mas cabe determinar a natureza desta que aqui nos interessa, a dialéctica-ontológica, suas teses fundamentais, bem como suas contribuições mais originais, que acabam por reservar um lugar distinto para aquilo que de modo tão encabulado se costuma chamar de Filosofia Brasileira.

3.1 Natureza do método dialéctico-ontológico

A dialéctica-ontológica não é um método científico de análise, não é um método literário, mas eminentemente filosófico e permite compreender que, posto que algo não seja científico, ainda assim pode nos dar um grau de certeza que mesmo a ciência jamais obterá. A dialéctica-ontológica, sendo dialéctica, transita de postulado a postulado, de posição a posição, de conteúdo a conteúdo, tramita entre idéias, aquelas de natureza ontológica, e estabelece um nexo entre elas. O conteúdo de sua investigação é ontológico e o nexo entre os conteúdos é necessário; e para que um conteúdo seja dito ontológico precisa transcender a temporalidade e não depender das vicissitudes da imanência das coisas de modo a superar sua casca de contingência até suas razões últimas. Conceitos como *princípio*, *alguma coisa*, *haver*, *ser*, *identidade*, *belo*, *valor*, *verdadeiro* podem ser estudados de forma que esplenda a sua natureza íntima, o núcleo inegável, até o ponto de chegarmos a uma sentença irretocável e irretorquível que seja alcançada por uma intuição. A dialéctica-ontológica enquanto raciocinar ascendente trata de matéria da filosofia especulativa, mas que tem sua vigência nos demais setores do ser, nas metafísicas propriamente regionais.

3.1.1 A metafísica enquanto abstração de terceiro grau

Em *A Sabedoria dos Princípios* vemos que a metafísica é construída sobre abstrações de terceiro grau, enquanto as ciências são fundadas em abstrações de primeiro grau e as matemáticas em abstrações de segundo:

> As de primeiro grau são as que abstraímos da nossa própria experiência, como o conceito de mesa, conceito de cadeira, conceito de árvore; as de segundo grau são as que afastam a materialidade. As primeiras afastam apenas a accidentalidade, e consideram a materialidade, e as segundas afastam a materialidade e vão considerar apenas o aspecto quantitativo, como são as abstracções da matemática, no sentido vulgar que se conhece, e, finalmente, as abstracções de terceiro grau, que afastam a materialidade, afastam a accidentalidade, e vão considerar os aspectos formais, independentes de

> tôda e qualquer presença das coisas concretas. A mente toma-as apenas nas abstracções máximas, como são as da Metafísica, como *causa, efeito, anterioridade, objecto, gênero, espécie, sujeito e predicado*, conceitos que pertencem às abstrações de terceiro grau, as quais o homem usa junto com as de primeiro grau, pois todos nós, de qualquer maneira, quer queiramos quer não, fazemos sempre metafísica. (SANTOS, 1967, p. 21, grifo do autor).

A dialéctica-ontológica é uma maneira de fazer metafísica, mas num sentido bem determinado, porque não se pretende mais uma maneira de fazer metafísica, mas sim a maneira que dá à metafísica a dignidade de um saber correto, capaz de progredir no conhecimento do ser, constituído de matéria precisa, método válido e resultados de valor apodítico. A dialéctica-ontológica trabalha com conteúdos metafísicos, que operam em todas as realidades, físicas ou não; e apura esses conteúdos de maneira a atingir aquilo que eles possuem de necessário, impossível de não ser: "A principal providência da *dialéctica-ontológica* está, portanto, em procurar êsse conteúdo, pondo de lado tudo quanto pode não ser, até alcançar o *não-cedível*. Ademais o conteúdo ontológico deve decorrer de uma análise que ofereça sempre um nexo de necessidade. [...]" (SANTOS, 1961a, p. 37, grifo do autor)

Necessário é nec + cedo, o que eu não cedo, o incedível[46]; e, na busca desse nexo incedível, Mário Ferreira dos Santos constrói uma poderosíssima concepção filosófica que independe do homem enquanto fundamento, mas se serve dele enquanto meio de transmissão. Se os conteúdos são *ontológicos* e o nexo entre eles *necessário*, isso não depende de quem capta o conteúdo e o nexo, não depende de quem o transmite. As verdades captadas valem por si mesmas independentemente das circunstâncias de sua divulgação. Assim, ele afasta toda *doxa* (opinião) da filosofia, afasta a preponderância dos sedimentos estetizantes, dos resíduos de accidentalidade tão gritantes na Filosofia Contemporânea. A dialéctica-ontológica, pela evidência dos conteúdos ontológicos e do nexo de necessidade entre eles, objetiva a formulação de juízos universalmente válidos que nos permitam não somente conhecer o ser, mas avançar nesse conhecimento.

---

[46] "**NECESSÁRIO** — Do lat. **ne** e **cedo,** ceder, portanto incedível, não cedível, surge o termo **necessário,** o caráter do que é **incedível.**" (SANTOS, 1966a, p. 1005, grifo do autor).

3.1.2 A dialéctica-*ontológica* ante o problema do *ser*

Em *Filosofia Concreta*, Mário Ferreira dos Santos apresenta a noção de ser de Suárez (1548-1617), como aquilo que tem *aptidão para existir*, e existir é o *exercício do ser*. Mas, antes de nos debruçarmos sobre essa noção suareziana, precisamos nos dar conta de que o homem que filosofa o problema do ser é o homem perante o infinito, ou melhor: imerso no infinito. Poderíamos inclusive dizer como o apóstolo São Paulo (At 17, 28) ante os filósofos do Areópago: no ser vivemos, nos movemos e existimos; e completar: porque somos também de sua raça – da raça do ser. Se o que tem vida é ser, se respiramos ser e não há nada fora dele, perguntamos pelo ser do alto e do profundo de nossa imanência nEle. Do alto de nossa capacidade de transcender, do profundo de nossa imanência, do alto e do profundo é que nos vem o problema do ser.

Para o ser não podemos encontrar uma definição, pois definir é reduzir a algo, é determinar o gênero próximo e a diferença específica e, se o ser fora inserto num gênero, este seria ser, todas suas *diferenças* não seriam simples nada, mas ser, *indiferentemente* ser. Ainda que indefinível, o ser é explicável, uma vez que podemos apresentar uma notícia sua, um índice, pontos certos que distingam o ser do que não é, algum conceito em que resplandeçam suas notas características. Mário Ferreira dos Santos afirma: “[...] Êsse conceito é por nós captado na dialéctica ontológica de modo mais *pathico* que racional; revela-se a nós sem que o possamos prender dentro de esquemas, porque é êle o fundamento dos esquemas, e não êstes daquele. [...]” (SANTOS, 1961a, p.40, grifo do autor) Assim, temos do ser um conhecimento pelo *pathos*, vivencial, fronético[47], antes que um

[47] “**FRÔNESE** — Do gr. **phronesis** = que significa a sabedoria prática, a prudência, o conhecimento imediato adquirido na acção e no emprêgo dos meios para alcançar algum fim. Distingue-se do conhecimento teórico. Êsse têrmo indica o conhecimento imediato, intuitivo-afectivo, **páthico,** que se caracteriza pela ausência de dualidade entre sujeito e objecto, pois o objecto é o próprio sujeito, que sente em si mesmo, sem localização, ou conhece em si mesmo o que conhece, como nos fenômenos **simpatéticos,** onde o conhecimento de uma simpatia é dado ao sujeito pelo próprio sujeito, o sujeito conhece que é sujeito de uma simpatia. No **conhecimento fronético,** há uma fusão entre sujeito e objecto, o sujeito é o próprio objecto do conhecimento.” (SANTOS, Mário Ferreira dos. *Dicionário de Filosofia de Filosofia e Ciências Culturais*, volume II, p. 738, grifo do autor) Acrescento que o conhecimento do ser não é meramente teórico, porque estamos mergulhados no ser e somos *de*

conhecimento racional; mesmo porque antes de fazermo-nos pela primeira vez a pergunta *o que é o ser?* já vivíamos na sua convivência, pelo ar que respiramos, pelas pessoas que amamos, por nossas ficções, enfim, em nosso imo, no copo de leite da infância, na saudade da avó, já estamos na sua presença.

O ser é o fundamento de nossos esquemas cognitivos, de nossos esquemas afetivos, o fundamento de nossa sensibilidade, de nosso corpo, de nossa alma, da realidade fictícia, das imaginações, do nosso amor e da ira, porque tudo isso é alguma coisa e não nada; pois é da mesma raça do ser. Um bebê no ventre da mãe tem uma experiência do ser, pois nEle se move. Assim, quer falemos a verdade, quer mintamos, quer amemos ou transgridamos no amor, uma realidade anterior subjaz necessariamente a essas e outras possibilidades. Toda "definição" do ser se dá por palavras que já são alguma coisa. E antes que o definíssemos – o que vimos ser impossível – já estaríamos imersos, para usar livremente uma expressão pitagórica, *num mar sem bordas e sem termo*.

Assim, antes de uma explicação racional do ser, temos mesmo é "uma patência do seu conteúdo"; patência, de *pathos*, relativo à afectividade:

> Quando Suárez diz que ser é a *aptidão para existir* não o define, não o delimita, mas apenas dá uma patência do seu conteúdo, porque o que é, de certo modo pode existir, isto é, pode ser fora de suas causas, poderia dar-se no pleno exercício de seu ser, ou modo de ser, pois só não o pode o impossível, o absurdo, o que absolutamente não é. Seria êrro julgar que Suarez queria, com essa expressão, definir o ser. Era êle suficientemente filósofo para saber que não poderia reduzir o ser a outra coisa, porque outra coisa, que não o ser,

---

ser, dele participamos e temos acesso ao ser *tópica* e *atopicamente*, de toda maneira. Nossa capacidade intelectual, nossa capacidade afectiva e nossa sensibilidade são seres, por meio das quais alcançamos o ser. Não há escapatória: não temos como teorizar o ser sem estar mergulhados em sua presença. Quando o Mário diz que o ser é o fundamento de nossos esquemas é como se afirmasse que a inteligência que pensa o ser não é uma inteligência feita de nada, que a sensibilidade que sente os seres é ela propriamente alguma coisa, ser. Mesmo que não filosofássemos o problema do ser estaríamos aptos a amá-Lo, como o provam a Poesia e a Religião de todos os tempos.

> seria o nada, e êste não poderia ser gênero daquele, porque o ser não é uma espécie de nada [...]. (SANTOS, 1961a, p.40, grifo do autor).

Já em *A Sabedoria dos Princípios*, Mário Ferreira dos Santos reforma a noção suareziana de ser, como o que tem aptidão para existir, porque há coisas que *são* sem nenhuma aptidão para existir fora de suas causas, para exercitar seu ser. Um exemplo são aquelas possibilidades que ficaram no passado e que já não podem mais ser atualizadas, como D. Pedro II não tem mais a possibilidade de convocar a Marinha para garantir o regime monárquico ou Deodoro da Fonseca já não pode mais desistir da proclamação da república ou eu já não posso mais ter um filho aos 15 anos de idade. Todas essas são possibilidades que já não podem mais ser exercitadas, pois que ficaram no epimetéico do ser.

Epimeteu, o titã que só vê o degringolar das coisas depois que tudo se deu, dá o nome a essas possibilidades que – dadas as ocorrências da história – já não podem mais existir; elas não são simples nada, são algo, são possibilidades frustradas, mas são alguma coisa. Podemos efetivar as possibilidades contraditórias do futuro, os futuros contingentes ainda não atualizados, do prometéico do ser, mas não há nenhuma aptidão para existir para possibilidades do epimetéico. Assim, dos nomes de Prometeu e Epimeteu, Mário Ferreira dos Santos encontra dois tipos de possibilidade: as *prometéicas* conservam aptidão para existir, as *epimetéicas* não mais, mas ambas são seres, pois têm positividade, têm uma presença.

Um novo conceito de ser é formulado por Mário Ferreira dos Santos: “tudo quanto tem presença, adsência, e é positivo, e perdura nessa positividade, é ser” (SANTOS, 1967, p. 64). O termo adsência é aproveitado do próprio Suárez: algumas coisas são presentes – estão ante outras coisas – e Deus, por exemplo, é adsente: não está ante outro, mas se põe a si mesmo sem dualidade. Desta maneira saímos da noção do ser como o que tem aptidão para existir para uma outra que independe dessa aptidão, pois além das possibilidades do epimetéico do ser, poderíamos conceber ficções, ilusões, delírios sem quaisquer aptidões de existência, mas que são algo. Além disso, sem entrar nas minúcias do problema, cabe lembrar o capítulo XVII, SER – SISTÊNCIA E NADA, de *A Sabedoria dos Princípios*, em que mais informações são dadas sobre seres que não têm capacidade de se exteriorizar, como a triangularidade.

Para completar a compreensão do problema do ser, para bem desenharmos a dialéctica-*ontológica*, citamos o trecho abaixo em que se torna mais apurada a determinação conceitual da filosofia de Mário Ferreira dos Santos:

> *Ser* como entidade lógica: máxima extensão e mínima compreensão.
> *Ser* como entidade ontológica: máxima compreensão e máxima extensão.
> *Ser* como entidade ôntica: mínima extensão e mínima compreensão (porque é apenas essencial e existencialmente ser [...]).
> O primeiro é atribuído a todos os entes. O segundo é afirmado em todos os sêres, e refere-se a tôdas as perfeições, e o terceiro é o ser tomado apenas enquanto ser, na sua onticidade. (SANTOS, 1961a, p. 42, grifo do autor)

Começamos por notar que Mário Ferreira dos Santos afirma que na dialéctica-ontológica a captação do ser é mais *páthica* que racional e notamos que já estamos no ser desde todo o sempre, antes mesmo da fundação do mundo, porque já éramos possibilidades e não nada, e, tão logo exercitamos nossa possibilidade – inclusivamente em todas as fases inconscientes de nossa vida – já experienciamos da sua presença. Nossa intermitente captação racional do ser se estriba nesse fundo constante, ainda que por vezes ignorado, tecido de possibilidades. O que é ser? Ora um atributo, ora uma perfeição, ora uma presença individual quase de todo incompreensível, mas antes de tudo algo que já sabíamos do fundo de nossas paixões, do caráter *páthico* de nossas captações. Dessa maneira Mário Ferreira dos Santos atinge a compreensão concreta do problema do ser, sem transformar uma questão metafísica tão profunda numa resposta meramente lógica, ou vivencial, ou poética enfim; sem reduzir a dinamicidade da pergunta a uma fórmula restritiva por resposta. Acima vimos que ser pode ser visto sob o ponto de vista lógico, sob o ponto de vista ontológico, ou ainda ôntico.

3.1.3 O possível e o necessário, o lógico e o ontológico

A dialéctica-ontológica realiza operações que, na busca de *conteúdos ontológicos*, *nexos de necessidade* e *juízos apodíticos*, se deparam com o fato de que o filósofo, o dialecta, já estava imerso no ser, pois seus esquemas de captação da realidade são feitos de ser. E

posto que a dialéctica-ontológica é a fase ascendente do raciocinar tríplice e, assim, tem de transcender a transitoriedade das coisas, ela é a metodologia de captação da realidade consciente de ser um pedaço da realidade. Isso de ser pedaço não se entenda como uma fragilidade do método; de modo algum. É sua profunda consciência da magnitude do problema e daquilo a que se destina essa metodologia: "[...] o método dialéctico-ontológico, por nós escolhido como ocapaz [*sic*] de dar ao homem a *securitas* desejada, não se funda na esquemática que o homem constrói, mas na esquemática ontológica; isto é, na necessidade ontológica [...]." (SANTOS, 1961a, p. 59, grifo do autor)

A necessidade ontológica captada entre conceitos ou entre juízos tem de ser garantida por algum expediente lógico-ontológico que não redunde em fundamentação meramente mental, mas de realidade *extra mentis*, como vemos na relação de anterioridade e posterioridade algo que não é apenas temporal, pois o anterior precede o posterior em qualquer ordem, mesmo fora do tempo, como quando disséssemos que a honra precede o valor monetário numa escala axiológica, então, não estaríamos na ordem temporal, mas na ordem do valer.

Para captarmos o *nexo de necessidade* da dialéctica-ontológica, temos de levar em conta a diferença que Mário Ferreira dos Santos reitera entre o lógico e o ontológico. "A dialéctica ontológica, por nós preconizada e empregada nesta obra [Filosofia Concreta], usa a demonstração deductiva *a priori*, mas sempre sujeita ao rigor ontológico, e não apenas ao lógico, como fàcilmente se pode ver." (SANTOS, 1961a, p. 64) E completa: "A demonstração *a priori* ontológica distingue-se da demonstração *a priori* lógica." (SANTOS, 1961a, p. 73). Deste modo e de modos similares são muitas as passagens em que o filósofo apela para a separação entre conceitos lógicos e ontológicos e provavelmente um dos passos mais relevantes trata do argumento ontológico de Santo Anselmo, que fora desacreditado por supostamente conceber uma transição desautorizada do mental para o *extra mentis*, do lógico para o ontológico; não obstante, segundo Mário Ferreira dos Santos, a meditação anselmiana conserva toda sua atualidade e vigor.

Aqui, um breve parêntese para mostrar que, na Filosofia Concreta, mesmo o argumento ontológico conserva sua força.

O argumento *a simultaneo* (argumento ontológico) foi notabilizado no *Proslogion* e é considerado um dos pontos altos da filosofia, mormente porque seu autor inaugura toda uma zona da metafísica batizada de provas ontológicas da existência de Deus. A crítica que lhe recai – que Anselmo extravasara na hora de concluir de

suas premissas – são respondidas em *O Homem Perante o Infinito* e em *Filosofia Concreta*, em que Mário Ferreira dos Santos mostra que mesmo Santo Tomás de Aquino não compreendera o bastante do argumento, porque não lera as fontes originais.

Mário Ferreira dos Santos observa que Santo Anselmo era platônico e o argumento *a simultaneo* pressupõe o realismo das formas e, se não for lido dessa maneira e levando-se em conta a hierarquia das Perfeições, o Maior − o ser do qual algo maior não pode ser pensado – será aí sim transformado numa mera concepção lógica, sem fundamento fora da mente humana. O nó górdio está na concepção de **possível**. Certamente, um possível lógico não vai existir necessariamente, nem um necessário concebido como possibilidade em minha mente. Assim temos uma possibilidade lógica. Ontologicamente, portanto fora e independentemente de minha mente, se há um possível, ele pressupõe o necessário. Na lógica, digamos grosseiramente, o necessário é um possível, baseia-se nos possíveis. Na ontologia, os possíveis é que se fundamentam no necessário, porque um possível não se sustentaria a si mesmo, não encontraria em si a razão de ser de sua perfeição, mas uma Perfeição maior é que lhe daria a razão de ser.

Logicamente, o necessário é um tipo de possível que pode não ser efetivado de fato; ontologicamente, o necessário é o sustentáculo dos possíveis e só há possíveis porque há algo necessário, e não o inverso. Se temos um possível e esse é possibilidade de uma possibilidade, mesmo que recuemos mais ainda chegaremos à realidade incontornável: o necessário é que torna possíveis todas essas possibilidades. Em uma palestra intitulada *Sobre o ser e o nada*, Mário Ferreira dita esta regra: “Quando a realidade estatui uma possibilidade e esta nega, recusa *in limine* e absolutamente, a não possibilidade (que passa a ser contraditória), a possibilidade aponta à necessidade (não inclusa na possibilidade, mas indicada por ela por fazer ela parte de uma necessidade).” (Informação verbal)[48].

Por fim, não podemos negligenciar outro aspecto da dialéctica-ontológica: as suas razões se dão simultaneamente, concomitantemente. Não há relação de causa e efeito entre um juízo e outro da Filosofia Concreta; há implicação entre eles de modo que de um juízo se pode chegar a outro que está virtualizado no primeiro, porque de uma verdade ontológica podemos atingir outra e outras

---

[48] Informação retirada faixa 7 do CD FILOSOFIA CONCRETA: Mário Ferreira dos Santos. Palestra *Sobre o ser e o nada* (9 minutos 55 segundos e tempo seguinte).

verdades ontológicas, bastando que se analise o conteúdo da verdade original, que pode ser um conceito ou já uma sentença, de maneira a extrair as suas possibilidades latentes e patentes.

Mário Ferreira dos Santos diz: "[...] O raciocínio dialéctico-ontológico desdobra em premissas o que se dá simultâneamente. A razão ontológica quando paira apenas nessa esfera, é simultânea às outras [...]. Ontològicamente, no mundo dos sêres ontológicos [...], rege a simultaneidade [...]." (SANTOS, 1961a, p. 73 - 74). E completa mais à frente: "Ontològicamente, o necessário não é uma espécie do possível, nem êste uma espécie daquela. Na dialéctica ontológica não há relações de gênero e espécie, no modo por que foram estabelecidas por Aristóteles no 'Organon', e que permaneceram na Lógica Formal. Há, apenas, relações de simultaneidade, ou melhor, de *concomitância*, no que nós construímos, eidético-noèticamente." (SANTOS, 1961a, p. 75, grifo do autor). Podemos completar essas passagens com referência à página 34 de *A Sabedoria dos Princípios* em que fala, agora com outra linguagem, a linguagem assumida na última fase do seu pensamento, de *simultaneidade das leis matéticas*[49]: "[...] Alcança-se a simultaneidade, pois as leis matéticas são coexistentes com o primeiro princípio de tôdas as coisas. Se nós partimos de Deus, essas leis matéticas vão constituir o pensamento dêsse Deus." (SANTOS, 1967, p. 34)

Restrinjamo-nos aqui à esfera da Ontologia, uma vez que não temos tempo para abarcar também os problemas da Matese. Podemos dizer que as verdades ontológicas, por serem necessárias, apodíticas e válidas para todo o sempre, se dão sempre e concomitantemente, porque não ocorrem sucessivamente, na ordem do tempo e do espaço. Ainda vamos fazer uma mostra dessas verdades, sobretudo dos *princípios* que nos permitem chegar a outras verdades, e veremos que a articulação entre todas elas permitiu a Mário Ferreira dos Santos em *Filosofia Concreta*, mas também em outras obras, construir sua tão desejada *metamatemática*, *axiomática* de raiz pitagórica, que

---

[49] Matético é relativo à Matese, isto é, *Mathesis Megiste*, nome que Mário Ferreira dos Santos dá à derradeira fase de seu pensamento, a fase concreta. Em *A Sabedoria dos Princípios* isso é expresso assim: "*Máthesis Megiste* era a *suprema instrução*. A palavra *Máthesis* tem sua origem em dois radicais, *ma*, *man*, que significa pensamento e *thesis*, que significa *posição*. Pròpriamente, *Máthesis* quer dizer *pensamento positivo* e *megiste*, superlativo de *mega*, significa máximo, ou seja: o máximo pensamento positivo." (p.15, grifo do autor)

combinasse tudo o que já vimos de mais poderoso no raciocínio humano com elementos originais de nosso filósofo, a serviço da linguagem filosófica, que aqui é a metalinguagem de todos os saberes.

3.2 Em torno dos princípios

Princípio é o ponto de partida de onde algo se inicia. Aqui, é um ponto de partida especial: uma verdade absoluta, incondicionada, sobre a qual não paire qualquer dúvida e a partir da qual se inicia uma filosofia. Em outras palavras, é o *ponto arquimédico*:

> Deve-se chamar de **ponto arquimédico**, na Filosofia, por semelhança ao de Arquimedes — que pedia um ponto fixo e uma alavanca, e com ela, então, deslocaria o mundo — aquêle princípio, axioma, ou postulado válido de per si, por si mesmo suficiente, que pode servir de ponto de partida e de apoio para todo um especular filosófico ou científico. Assim, na 'Filosofia Concreta', o juízo '**alguma coisa há**' é o ponto arquimédico de tôda a sua construcção. O **cógito** de Descartes é um ponto arquimédico do seu filosofar. (SANTOS, 1966a, p. 1097, grifo do autor)

Mas como poderia o homem condicionado alcançar verdades incondicionadas, como atingiria uma sentença perene mesmo que sujeito à perecibilidade do tempo? Apesar de ser condicionado, nada impede o homem de desenvolver a Matemática, uma disciplina cujas verdades não são cingidas a elementos cronotópicos (do tempo e do espaço), o que prova que o ilimitado nos é atingível, o incondicionado nos é acessível em nossas condições.

Filosofia Concreta responde a esta pergunta: é possível que a Filosofia seja construída por juízos apodíticos, necessários, que valham para todo o sempre? Em outras palavras: é possível construir a Metafísica em bases sólidas, tão ou mais sólidas que a Ciência e a Matemática, apresentando verdades que não tenham fundamento meramente antropológico, axiológico etc., mas que sejam verdades absolutamente incedíveis, indubitáveis, eternas, que não possam ser preteridas por uma inteligência sã? A resposta é sim. Desta maneira ele substancia o que é a Filosofia Concreta: "[...] Esta é uma matematização da filosofia (no sentido mais elevado de metamatemática, que não se

cinge apenas ao campo do quantitativo), fundada em juízos apodíticos, universalmente válidos, que decorrem, segundo o nosso método dialéctico, de fundamentos ontológicos.” (SANTOS, 1961a, p.12-13).

A *dialéctica-ontológica* de Mário Ferreira dos Santos é o método que permite conexionar as verdades, partindo de uma verdade independente de um nexo anterior. A concepção dialéctica do filósofo impugna a idéia de que o dialecta seja um sofista, de que o dialecta manipule argumentos especiosos. Pelo contrário, a dialéctica é o caminho através dos *logoi*, através das razões, através das posições. Assim, a dialéctica-ontológica é, precisamente, uma axiomática ontológica, uma metamatemática, a metalinguagem que trabalha com noções próprias não apenas de uma área, mas presentes em quaisquer áreas, uma vez que seus juízos são de caráter ontológico. Essa dialéctica tem um começo em certos adágios que são desvelados intuitivamente. Em *A Sabedoria dos Princípios*, ele acrescenta que esses adágios podem ser achados inductivamente ou por reducções eidéticas. (SANTOS, 1967, p. 16-17). Esse é um ponto sobre o qual não tenho como discorrer aqui, mas não poderia camuflar o problema.

De todas as obras de Mário Ferreira dos Santos, *Filosofia Concreta* e *A Sabedoria dos Princípios* são as que melhor estabelecem a natureza e a história do problema dos princípios. Elas não postulam que toda verdade seja perene, porque verdades históricas, antropológicas, sociológicas etc. carregam uma forte dose de temporalidade; mas juízos como “o todo é quantitativamente a soma de suas partes e qualitativamente diferente delas”, “é impossível que um predicado se aplique e não se aplique sob o mesmo aspecto e ao mesmo tempo a um mesmo sujeito” e “alguma coisa há e o nada absoluto não há” não são de maneira alguma enunciados que flutuem segundo as conveniências do tempo.

Em *A Sabedoria dos Princípios*, o autor resenha as posições de Aristóteles, São Tomás de Aquino, Duns Scot, São Boaventura, Francisco Suárez e José Urráburu quanto à possibilidade de haver uma disciplina que tenha por objeto os *princípios*, axiomas evidentes por si mesmos, imediatos, óbvios e indubitáveis. Sem entrarmos nos detalhes da exposição, o filósofo chega à conclusão – baseada em extensíssima bibliografia – que os autores acima, *mutatis mutandis*, aceitam a necessidade de uma disciplina arquetípica que estude os princípios ou aceitam a necessidade de toda disciplina começar por um princípio. Ora, uma ou outra posição nos leva ao *princípio* como condição sem a qual uma Filosofia não pode, objetivamente, começar.

Com a Metafísica, ciência do ser enquanto ser, o problema não é de menor impacto, porque, uma vez dados os princípios, poderíamos progredir no conhecimento do ser. (SANTOS, 1961a, p.174; SANTOS, 1967, p.112-115). Como já expus, a Metafísica é uma disciplina que trabalha com o terceiro grau de abstração, distinguindo-se das Ciências e da Matemática, que são da esfera do primeiro e do segundo graus de abstração, respectivamente. Mas ainda que assim seja, a simples abstração não nos permite fundamentar a Metafísica. Ainda que use muitos expedientes lógicos em suas demonstrações, em suas distinções, não é a Lógica ou a abstração que permitem ao filósofo a obtenção de um ponto arquimédico seguro para seu pensamento. "Alcança-se o eterno através da *apophansis* e não através da *aphairesis*." (SANTOS, 1967, p. 107). Em outras palavras, alcançam-se verdades eternas através de uma intuição iluminadora, intuição apofântica, e não através de processos abstrativos. Ainda que a demonstração seja a única autoridade da Filosofia, a Filosofia não começa por uma verdade demonstrável, mas imediata. Ainda que a Metafísica seja do terceiro grau de abstração, não basta abstrair para fazer metafísica.

A sua Filosofia se chama Positiva e Concreta. Positiva porque parte da afirmação, parte de positividade que não pode ser recusada. É dita positiva sem qualquer alusão ao positivismo. É positiva porque é tética, uma vez que seu ponto de partida é uma tese impossível de ser cedida, isto é, *necessária*, e vai de positividade a positividade no seu processo de descobrimento, de desnudamento da realidade. Seu filosofar é concreto, mas sem qualquer filiação a doutrinas materialistas ou sensualistas. Concreto, "cuja origem etimológica vem do aumentativo *cum* e de *crescior*, ser crescido"; mas também *cum* pode ser entendido como a preposição *com*. A filosofia concreta é aquela que busca a estrutura ontológica de um ente, bem como as "coordenadas indispensáveis para o seu surgimento". (SANTOS, 1961a, p. 19). Igualmente, é uma filosofia que não se baseia em simples abstrações sem fundamento real, mas sim no fundamento ontológico, na realidade *concreta* e não simplesmente abstrata do ente:

> Para alcançarmos a concreção de algo, precisamos, não só do conhecimento sensível da coisa, se é objecto dos nossos sentidos, mas também da sua lei de proporcionalidade intrínseca, e da sua heceidade, que inclui o esquema concreto, que é a lei (logos) da

> proporcionalidade intrínseca da sua singularidade, e, também, das leis que presidem à sua formação, à sua existência e perduração, bem como ao seu término. (SANTOS, 1961a, p.19)

A lei de proporcionalidade intrínseca é o que os pitagóricos chamam de *arithmós*[50], é o *logos* de um dado ser. Cada ser repete um número (*arithmós*) à sua maneira e a participação no *arithmós* não impossibilita a singularidade. Os entes de uma mesma espécie se univocam ao participar dessa espécie, mas se singularizam mesmo que repitam o *logos* da espécie. Todos os cães repetem o *arithmós* do cão e não o de outra espécie. Todo cão é cão, mas cada um dos membros da espécie cão tem uma singularidade irrepetível, tem uma "istidade", por ser este cão e não outro, tem uma singularidade, uma heceidade, pois é *haec*, esta singularidade e não outra. A Ontologia não assassina a História. Dos princípios *per se* evidentes não temos como chegar aos seres singulares, mas temos como usar enunciados necessários para analisar situações singulares que nos são apresentadas.

3.2.1 Alguma coisa há

Em *Filosofia Concreta*, Mário Ferreira dos Santos parte de uma *intuição iluminadora*, ALGUMA COISA HÁ, e descobre uma seqüência de teses implicadas nesse juízo inicial. A própria origem dessa obra preenche superabundantemente de significado a expressão intuição, uma vez que a idéia diretriz de seu pensamento eclodiu na mente do filósofo quando ele dava uma aula e, de súbito, parou de falar – ele que era excelente orador – e, quando voltou a si, pediu licença aos alunos porque precisava de se retirar para colocar no papel uma idéia. Assim o fez: de um só golpe redigiu quase todas as teses do *Filosofia* Concreta, livro que a princípio fora editado em um único volume (em 1957), depois aumentado e publicado em dois volumes (em 1959), para finalmente ser publicado em três volumes (1961a) de umas duzentas páginas cada um. Vieram-lhe as teses por intuição, depois é que ele procurou as demonstrações. O próprio Mário Ferreira dos Santos assim o narra em documento citado por suas filhas na biografia ainda não publicada que lhe dedicaram:

---

[50] Indispensável para a compreensão disso é a obra do Mário Ferreira dos Santos *Pitágoras e o tema do número*, reeditada pela IBRASA. Ver, por exemplo, o capítulo "O número para Pitágoras".

> [...] porque a idéia da Filosofia Concreta nasceu numa aula, foi assim espontânea. Eu dava aulas diárias e disse aos alunos: "Vou suspender as aulas por uma semana porque neste momento tive uma idéia e vou escrever já." Então escrevi naquele dia as duzentas e setenta teses uma atrás da outra, depois foi que desenvolvi a demonstração, porque elas vieram decorrendo de mim, assim espontaneamente, sem nenhuma busca, foi uma coisa espontânea. No 'Tratado de Esquematologia' as teses de psicologia também foram espontâneas, depois é que fui procurar as demonstrações que vinham a favor delas. Isto me surgiu numa véspera de carnaval, passei o carnaval escrevendo. No carnaval, eu reajo. Todos tocam samba, então eu toco Bach, fico ouvindo os cantos gregorianos, e aquilo me inspira, me cria um ambiente favorável e tudo me sai espontâneo. Depois é que fui procurar as demonstrações e o que a experiência me apresentava de favorável para justificar as minhas disposições. Não foi assim um trabalho, mas uma graça, uma coisa misteriosa... e o subconsciente foi realizando, até hoje ainda não pude compreender claramente... alguns pontos. (SANTOS apud GALVÃO; SANTOS, 2001, p. 33).[51]

Alguma coisa há[52] é um juízo que não carece de demonstração, porque é evidente por si mesmo. Obviamente alguma coisa há, mesmo que seja a negação desse juízo, pois toda negação é alguma coisa; além disso, a simples formulação de que *alguma coisa há* já prova instantaneamente que há alguma coisa, inclusive prova lingüisticamente, enquanto proposição, ou o provaria como juízo. *Alguma coisa há* não pode ser demonstrado, porque demonstrar é mostrar a partir *de*, mas pode ser mostrado, explicado para que se evidencie de modo cada vez mais irretorquível sua obviedade. A princípio não precisamos determinar a natureza dessa *alguma coisa*,

---

[51] Deve haver algum erro de cálculo do Mário Ferreira aqui, porque na primeira edição há 258 teses, não chegando às 270 teses a que ele se refere. Na terceira edição há 327 teses.

[52] Olavo de Carvalho prefere *algo há*, porque esse *algo* não é necessariamente *coisa*; pode ser um processo, por exemplo.

apenas que ela não pode ser *nada*, pois o nada não é coisa alguma, porque se o nada fosse algo não seria nada. Se postulássemos que *alguma coisa* é uma ilusão, teríamos de admitir que qualquer ilusão é algo e não nada; se tomássemos *alguma coisa* como ficção, deparar-nos-íamos com o fato de que toda ficção é alguma coisa, é ficção de uma mente que ficciona como a ilusão é ilusão de alguém cujos sentidos se iludem; se enfim conservarmos alguma dúvida sobre a verdade de *alguma coisa há*, a dúvida há e a dúvida é alguma coisa – alguma coisa que, a propósito, se diferencia da certeza: a dúvida é alguma coisa e a certeza é outra coisa.

Alguma coisa há opõe-se contraditoriamente ao *nada absoluto*, como lemos na primeira tese do *Filosofia Concreta*: "*Alguma coisa há, e o nada absoluto não há.*" (SANTOS, 1961a, p. 30, grifo do autor). Alguma coisa há e alguma outra coisa não há, como podemos facilmente conceber da regra dos juízos sub-contrários, que podem ser simultaneamente verdadeiros, mas não simultaneamente falsos. Todavia, se alguma coisa há (qualquer coisa), não pode haver o nada absoluto, pois os contraditórios não podem ser verdadeiros ao mesmo tempo. Ou há alguma coisa ou há o nada absoluto; mas logo se vê que o nada não há, pois, se houvesse nada, este seria alguma coisa. A simples postulação *HÁ O NADA ABSOLUTO* já é alguma coisa; então, em absoluto, podemos afirmar *alguma coisa há, e o nada absoluto não há*.

Alguma coisa há não é uma verdade meramente psicológica, pois mesmo uma verdade psicológica é alguma coisa, como todo auto-engano psicológico é factualmente alguma coisa. *Alguma coisa há* é *extra mentis*, independe da mente humana que a formula, seja certa ou errada a formulação: uma formulação certa é alguma coisa, a errada é outra coisa, mas ambas provam que há alguma coisa. Logo, sobejamente se verifica que *alguma coisa há*, sendo que nada impede que alguma coisa há e outra coisa também há.

Alguma coisa (*áliquid*) é um dos conceitos transcendentais, que "são aquêles que se referem a atributos que convém a todos os seres, não apenas no que êles têm de comum, mas também no que têm de próprio". (SANTOS, 1966a, p. 1214). Assim sendo, a unidade é um atributo que convém a todos os seres porque todo ser tem unidade, como vemos nos objetos de nosso contato mais imediato, mas também podemos captar a unidade em realidades invisíveis, como Deus ou uma ficção, uma sugestão etc.; a bondade (valor) é também um atributo de toda entidade, porque o que é vale, e o que vale é, já que ser e valor se convertem, uma vez que só o nada nada vale, porque anonadado de todo valor, pois se tivesse algum valor seria algum ser,

seria algo; de igual maneira, a verdade é um conceito transcendental, porque ser é verdade e verdade é ser, só distintos pela razão, como podemos ver a verdade *dos* vegetais *nos* vegetais, *dos* minerais *nos* minerais e *dos* seres vivos *nos* seres vivos, de modo que toda Botânica bebe da fonte de verdade vegetal contida nas plantas e a Mineralogia das verdades minerais e as ciências vitais dos objetos vivos de onde captar essas verdades, como a Fisiologia brota não dos manuais médicos, mas os manuais é que brotam da observação dos organismos vivos, dos seres para os manuais pela nossa captação. A verdade que captamos dos seres é a verdade que, *nos* seres, já lhes é imanente.[53]

Alguma coisa (áliquid), verdade, unidade, bondade (valor), realidade (res), entidade (entitas) etc. são propriedades metafísicas que só se distinguem dos seres pela razão. *Ser é alguma coisa e alguma coisa é ser.* Alguma coisa é o contraditório de nada e, para ser alguma coisa, qualquer coisa, é necessário que tenha alguma positividade, ainda que seja a menor positividade, e esta é ser; o nada não é coisa alguma, positividade alguma, porque se tivesse algo de positivo, de tético, não seria nada. Onde há ser, há algo que se apresenta; onde há algo, qualquer algo, há ser em sua verdade, unidade, realidade, valor etc. *Alguma coisa há e o nada absoluto não há* significa a presença do ser, da unidade, da verdade, da realidade, da entidade e a conseqüente afirmação de que a negação total e absoluta não seria nem mesmo postulável, porque algo de positivo haveria na simples postulação, pois a postulação já é alguma coisa. Ademais, eu acrescentaria: *alguma coisa há e o nada absoluto não há* significa que *alguma verdade há e a falsidade absoluta não há* ou então que *algum valor há e a indiferença absoluta não há,* como vemos em *Filosofia Concreta dos Valores* (SANTOS, 1964), em que assim ficam determinados os rumos não só da Ontologia Geral, mas também das disciplinas que lhe são subordinadas. Em outras palavras: se com os escolásticos afirmamos que *ens et unum convertuntur*, *ens et bonum convertuntur*, *ens et verum convertuntur* etc., se postulamos que ser e um se convertem, ser e bem se convertem, ser e verdade se convertem, ser e unidade, ser e alguma coisa etc., dada a convertibilidade dos conceitos transcendentais, então o juízo *alguma coisa há e o nada absoluto não há* − que em sua profunda e inobjetável obviedade fundamenta esta axiomática ontológica – esplende também

---

[53] Para maiores informações sobre áliquid (alguma coisa) enquanto transcendental, ver o Capítulo X do segundo volume de *A Sabedoria do Ser e do Nada*, obra publicada postumamente. (SANTOS, 1968)

como a raiz de um novo vigor axiomático para a gnosiologia, para a axiologia e para as demais disciplinas filosóficas.

Alguma coisa há é uma verdade lógica, ontológica, ôntica e matética. Se provarmos a onticidade desse juízo, provamos sua ontologicidade e sua logicidade e, então, deixaremos seu caráter matético para depois. Mário Ferreira dos Santos afirma que "modernamente, costuma-se empregar o têrmo **ontológico,** como referente ao ser elucidado, ao ser em geral, à sua razão, ao seu **logos;** e **ôntico** ao ente, tomado determinadamente, como facto de ser." (SANTOS, 1966a, p. 1055, grifo do autor) E completa: "Em nossa linguagem filosófica, diríamos que **ôntico** se refere a tôda esquemática imanente ao ser, tomado **in genere** ou não, como facto de ser, **extra mentis,** independente do intelecto, isto é, dos esquemas noéticos de qualquer espécie. E **ontológico** refere-se a tais esquemas noéticos, (**logos** do **ontos**) à esquemática captada pelo **intellectus in actu,** cuja correspondência e alcance, paralelismo ou não, cabe à Ontologia elucidar." (SANTOS, 1966a, p. 1055 - 1056). São trechos do verbete *Ontologia (Conceito da)* do *Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais* cuja consulta nos reforça ainda mais o fato de que Mário Ferreira era um filósofo para quem a determinação de seus conceitos, a acuidade vocabular, a precisão do método, o rigor em língua portuguesa eram preocupações constantes.

A partir da citação acima, poderíamos afirmar a onticidade de alguma coisa? Há alguma coisa como um "facto de ser"? Ora, a mais subjectiva das verdades tem uma realidade objectiva, senão jamais se objectivaria na subjectividade de ninguém. A mais falsa das idéias já é alguma idéia de fato – já é um fato de ser, como ninguém negaria que o juízo "os porcos são minerais que voam" é factualmente falso e factualmente *algo* que *há* neste parágrafo. Se *alguma coisa há* não tivesse fartura de provas, mas abundância de razões em contraposição, essas razões já provariam com fartura que *alguma coisa há*; tão logo aumentassem as provas em contrário, maior a abundância de razões a favor.

Não está ainda determinada a natureza dessa *alguma coisa*, pois, quer seja uma ilusão, uma ficção, uma paixão, uma sentença, uma idéia falsa, um *flatus vocis*, um qualquer que seja de qualquer natureza, o importante é que *o nada absoluto não há*. Há uma presença, há um ser que, por menor que seja a sua determinação, já é algo de positivo, já é alguma coisa.

Fixei acima que o ser é, na dialéctica-ontológica, captado de modo mais *páthico* que racional. Igualmente, *alguma coisa há* é um

juízo captável também em toda sua força *páthica*, porque não há indivíduo que não se aperceba disso, porque todos que somos da raça do ser estamos na convivência dos seres, inclusive na convivência dos juízos como *alguma coisa há*: evidente em sua força intuitiva, como um *facto*, algo imanente à própria postulação, algo que tem presença, é positivo e perdura nessa positividade. Onticamente, há alguma coisa; há uma presença. A positividade desse juízo é um facto, é algo que se dá fisicamente, lingüisticamente, em nosso intelecto quando ajuizamos, em nossas vivências, enfim. O próprio juízo e suas negativas são realidades ônticas, são factos, têm imanência e a expressam em toda sua singularidade. Se essa positividade se dá *extra mentis*, independe do intelecto, pois há necessariamente as razões ontológicas que a sustentam; da análise de uma presença ôntica, captamos o logos dessa presença: “[...] a verdade ontológica é a revelação do logos da coisa”. (SANTOS, 1961a, p. 36). Alguma coisa há é uma verdade ôntica e, portanto, também ontológica.

Num passo incontornável do *Filosofia Concreta*, de consequências gravíssimas para a compreensão do que seja Filosofia, sobretudo ante os ataques da filosofia kantiana à Metafísica enquanto disciplina que nos dê conhecimento certo, verdadeiro e que progrida, com sentenças verdadeiramente *científicas*, no sentido de que é um saber por meio do qual encontramos respostas aos problemas graves por ela abrangidos, Mário Ferreira dos Santos afirma:

> *Alguma coisa há* é uma proposição analítica imediata (*per se notas*), quando ontològicamente considerada, pois alguma coisa implica, pelo menos, o haver de alguma coisa, já que a *habitudo* (a correlação) entre o sujeito e o predicado, é captada pela análise. Se quisermos considerá-la ônticamente, seria, então, uma proposição analítica mediata (*non per se notas*), cujo conhecimento decorreria da experiência (da nossa experiência).
> [...]
> Tanto de um modo como de outro, a proposição *alguma coisa há* impõe-se de modo necessário, por uma necessidade ontológica e por uma decorrência ôntica. Tais aspectos robustecem ainda mais a apoditicidade da tese fundamental da Filosofia Concreta que, por qualquer via

> pensamental seguida, é sempre necessàriamente evidente. (SANTOS, 1961a, p. 36, grifo do autor).

Como vimos, tanto *imediatamente* quanto *mediatamente* está fortalecido o caráter necessário do ponto arquimédico da Filosofia Concreta: *alguma coisa há*. A análise do logos de *alguma coisa* implica o *haver* e, quando algo há, é sempre o haver de alguma coisa: "Em 'alguma coisa há', o sujeito se reflete completamente no verbo, pois fora de 'alguma coisa' nada pode haver, pois o nada não há, e o haver é o haver de alguma coisa." (SANTOS, 1961a, p. 31) Ou seja: se pegássemos um espelho e o colocássemos entre o sujeito e o predicado, o reflexo do sujeito seria o predicado e, para toda vez que o predicado refletisse algo, seria o reflexo de *alguma coisa*, o sujeito[54]. Isso é algo que captamos sem o intermédio da experiência, independentemente da experiência; mesmo que não houvesse experiência, o nada absoluto não haveria, mas haveria alguma coisa, e qualquer haver seria o haver de alguma coisa. Porém, se queremos considerar esse juízo sob o ponto de vista da experiência, de fato algo há: o próprio juízo *alguma coisa há*. E a quem se antepusesse a esse raciocínio poderíamos objetar que toda anteposição já é alguma coisa factualmente, singularmente, imanentemente, determinadamente.

Estão preenchidos os critérios de declaração da apoditicidade do juízo *alguma coisa há*, mas faltam algumas palavras sobre sua verdade lógica e matética. "A verdade lógica dessa proposição decorre do facto de pertencer o predicado à razão do sujeito, mas é também ontológica por ser necessária." (SANTOS, 1961a, p. 38). Quando analisamos as razões do sujeito *alguma coisa*, *algo*, *outro que nada*, o *haver* se impõe como em outras proposições não se dá. Se digo "Amanda come feijão", "a uva está azeda", "a cama há", "João canta na mesma banda que Filipe", em nenhum desses casos os predicados pertencem às razões dos sujeitos, pois comer feijão não é do logos de Amanda, mas algo que eventualmente se dá, bem como haver ou não haver alguma cama. Diferentemente, em *alguma coisa há*, porque haver é o haver de alguma coisa, como se disséssemos *outro que nada há*, *algo que não é simples nada há*, *algo que não se nadifica se apresenta*.

Por fim, apenas anunciamos aqui que *alguma coisa há* é também uma *verdade matética*, isto é, que antecede a própria Ontologia,

---

[54] Essa idéia do espelho entre o sujeito e o predicado é sugestão do meu amigo engenheiro Gabriel Dalla Vecchia, membro do Grupo de Estudos de Filosofia Ibero-Brasileira "Mário Ferreira dos Santos".

porque a Matese é uma sabedoria dos princípios, uma sabedoria arquetípica. Não darei maiores explicações, apenas uma breve notícia desse fato: "além do lógico, do psicológico, do gnoseológico, do ontológico e do ôntico, 'alguma coisa há' é válido matèticamente, independente já do tempo, independente de todo aquêle ser que pensou em 'alguma coisa há'." (SANTOS, 1967, p. 35).

Filosofia Concreta é o décimo livro da primeira fase da *Enciclopédia de Ciências Filosóficas e Sociais*, é o cabeço dessa fase sintética. *A Sabedoria dos Princípios* é o primeiro livro da terceira e última fase da mesma Enciclopédia, a fase dita concreta, o encerramento da obra do Mário Ferreira dos Santos. Entre a fase sintética e a concreta, temos algumas dezenas de livros da fase analítica. *Filosofia Concreta*, um tratado de axiomática, começa por um princípio, um axioma que fundamenta as teses extraídas por sua dialéctica-ontológica; e *A Sabedoria dos Princípios* é a sabedoria dos axiomas, a ciência que nos ensina a extrair axiomas e desenvolver muitas filosofias concretas contidas nesses juízos apodíticos.

Em *Filosofia Concreta*, temos a seguinte seqüência:

> TESE 1 – *Alguma coisa há, e o nada absoluto não há.*
> TESE 2 – *O nada absoluto, por ser impossível, nada pode.*
> TESE 3 – *Prova-se mostrando e não só demonstrando.*
> TESE 4 – *A demonstração exige o têrmo médio; a monstração* [*sic*]*, entretanto, não o exige.*
> TESE 5 – *Há proposições não deduzidas, inteligíveis por si de per si evidentes (axiomas).*
> TESE 6 – *Pode-se construir a filosofia com juízos universalmente válidos.*
> TESE 7 – *O nada absoluto é a contradição de alguma coisa há.*
> TESE 8 – *O que há – é; é ser. O que não há é não-ser.*
> TESE 9 – *A proposição "alguma coisa há" é notada suficientemente por si mesma.*
> TESE 10 – *"Alguma coisa há" não é apenas um ente de razão, mas um ente real-real.* (SANTOS, 1961a, p. 30-38, grifo do autor).

Temos aí as dez primeiras teses do *Filosofia Concreta*. Interpretadas por Olavo de Carvalho, essas 10 teses podem ser lidas à

luz das 10 leis pitagóricas, conforme ele explica na aula *A filosofia de Mário Ferreira dos Santos*. Possivelmente em 1957 o Mário ainda não estivesse consciente de que fosse pitagórico, mas o fato é que se pegarmos seus estudos do *Pitágoras e o Tema do Número*, *Tratado de Simbólica* e *A Sabedoria das Leis Eternas* para iluminar nossa compreensão da axiomática do *Filosofia Concreta*, nós nos depararemos com sua extraordinária organização numérica.

As dez leis pitagóricas são: 1. unidade, 2. oposição, 3. relação, 4. reciprocidade, 5. forma, 6. harmonia, 7. evolução, evolução cósmica, 8. superação, assunção, evolução superior, 9. integração, integração universal, coerência final de todas as coisas, e 10. unidade transcendental. Observemos que a Tese 1 expressa a unidade: alguma coisa há. Não se trata da postulação da multiplicidade de opções, mas de algo. Na Tese 2, o problema da oposição: o nada absoluto, o contraditório de algo. Na Tese 3, é suscitado o caráter ternário do silogismo, demonstração que possui 3 termos − Maior, Médio e Menor −, em cuja *relação* se poderá obter a sentença conclusiva, cujo sujeito é o Menor e o predicado é o Maior, através do Médio. Na Tese 4, a lei do quaternário, em que é estabelecida uma proporção entre mostração e demonstração: esta exige termo médio, aquela é imediata e não o exige. Na Tese 5, a lei da forma, lei do quinário, que é simbolizada pelo homem, porque o homem é capaz de captar a forma: aqui Mário ressalta o caráter inteligível por si de certas sentenças, dos axiomas que servem de princípio. O homem capta a forma e capta as sentenças da filosofia positiva e concreta, porque opera gnosiologicamente, noologicamente, metafísicamente. Na Tese 6, a lei da harmonia, em que Mário aponta à possibilidade das teses axiomáticas se associarem a outras teses para a construção de uma estrutura ontologicamente harmônica, uma filosofia constituída por teses universalmente válidas, em que se expressa a "entrosagem e coordenação dos *logoi*" (SANTOS, 1961a, p.57, grifo do autor), porque há concomitância das razões ontológicas, como já estudamos acima, o que permite extrair de uma sentença universalmente válida outras sentenças universalmente válidas que se implicam entre si, porque há infinitos juízos virtuais contidos num único juízo atualmente enunciado; assim, podemos construir desse complexo de virtualidades as infinitas filosofias concretas que nelas estão contidas e harmonizadas. A Tese 7, lei senária, lei da evolução, em que o problema da *crise* é evidenciado. Por isso o sétimo livro da Enciclopédia é *Filosofia da Crise*, porque o sete é a quebra da harmonia. O nada, a contradição, a negação da positividade põem o problema da crise em dimensões ontológicas: a presença e a ausência de algo sob o mesmo aspecto e ao

mesmo tempo é crítico. A lei do octonário, lei da evolução superior, é expressa na Tese 8, em que há uma *assunção*, a subida da idéia de *alguma coisa* para a idéia de ser, afirma Olavo. Na Tese 9, a lei nonária, *alguma coisa há* é compreendida no aspecto noológico, e o nono livro da Enciclopédia é *Noologia Geral: A Ciência do Espírito*. A lei 10, lei da Unidade Transcendente, ou Lei Denária, expressa que: “Todas as coisas integradas no Todo seguem a direção do Bem que lhes é transcendente, em direção à *unidade transcendental*, à Unidade que está acima de todas as coisas, que é a fonte, a origem de todas as coisas, que é o Ser Supremo, que por sua vez é a Lei das leis, o *Logos* dos *logoi*, a lei da Unidade Transcendental, a lei que rege todas as coisas na sua aspiração ao Bem Supremo.” (SANTOS, 2001, p. 72, grifo do autor). A lei 10, aqui expressa na Tese 10, aponta para uma metafísica realista, ou seja, *alguma coisa* não é apenas um ente de razão, mas algo que transcende nosso intelecto em sua existência ontológica e ôntica. Além disso, o décimo livro da *Enciclopédia* é *Filosofia Concreta*, que expressa superabundantemente a lei 10: é o Livro dos livros da primeira série, o topo que não apenas nomeia a filosofia de Mário Ferreira, mas que dá sentido aos livros anteriores.

Abaixo, compendio algumas sentenças evidentes por si mesmas que encontrei em *A Sabedoria dos Princípios*. Acredito que, no futuro, podemos retirar conseqüências grandiosas desses juízos, similares às que Mário Ferreira dos Santos extraiu de *alguma coisa há*.

3.2.2 Há princípio

Há princípio é um juízo que, pela sua simples formulação, já o provamos imediatamente, porque esse juízo tem um princípio e uma composição, tem um começo em meu intelecto e um fundamento que, ainda que fosse fictício, tem um princípio. Mesmo que se tratasse de uma ficção, de uma imaginação, de um ente mental qualquer, de uma mentira, necessariamente a imaginação, a ficção, um ente de razão ou uma mentira têm princípio. Não asseveramos aqui qual a natureza desse princípio, se corpórea ou lingüística, se espiritual ou não, o que é patentemente absurdo é que algo seja sem princípio, em si ou em outro. *Há princípio* é uma proposição que tem princípio, como toda sentença, como toda proposição e, como já dissemos, como todo juízo, posto que não esteja determinada a essência desse princípio. *Há princípio* é uma verdade necessária, que existe desde toda eternidade, mas não é “proveniente de si mesma” (SANTOS, 1967, p.41), porque uma coisa é ser evidente por si mesma e a outra é ser proveniente de si mesma.

Os princípios da lógica clássica provam que há princípios, mas também a realidade sociológica aponta à existência de princípios – um gesto, uma declaração de guerra, a fórmula de consagração do pão e do vinho, um beijo ou a genealogia dos deuses −, assim como a literatura e os factos de nosso contorno confirmam que tudo quanto é do tempo tem um princípio, um fundamento, uma origem. Mesmo Deus, com sua morada transcendente, é o princípio de tudo quanto há, o alfa e o ômega, o termo de partida e o termo de chegada, princípio imprincipiado, pois encontra seu princípio em si mesmo. Mário Ferreira dos Santos diz que: “Tudo quanto há, houve, ou houver, teve, tem e terá um princípio, e isso é inevitável.” (SANTOS, 1967, p. 47). Mais à frente, na mesma obra: “O *princípio* é de certo modo o fundamento de qualquer coisa, pois esta tem seu fundamento no princípio.” (SANTOS, 1967, p. 50, grifo do autor). Ele não afirma que tudo quanto há, houve ou houver tem uma *causa*, e sim tem um princípio; assim, Deus é seu próprio princípio, fundamento, mas não é sua própria causa, uma vez que a idéia de *causa sui* depende de uma argumentação aporética.

A mim parece que, por conta do que tratamos aqui, *há princípio* tem de ser uma verdade *per se nota*, porque a formulação de suas contraditórias *não há princípio* ou *nenhum princípio há* são todas sentenças com começo, meio e fim, são juízos que tiveram um princípio. Temporalmente, não dá para formular juízos sem princípio, muito menos juízos que visam a impugnar a existência de princípio: a refutação de que há princípio tem um princípio. Obviamente que, se postulássemos que *há princípios evidentes por si mesmos* é certo, mas que *há princípio* é duvidoso, seria um passo bastante esquizofrênico. Não me recordo de ter visto Mário Ferreira dizer que *há princípio* é evidente por si mesmo, mas me parece uma conclusão óbvia, que pode ser evidenciada sob os pontos de vista ôntico, ontológico, lógico, gnosiológico, afetivo, enfim.

3.2.3 Lei da anterioridade e da posterioridade, Lei da antecedência e da conseqüência, Lei dos correlativos

O logos da anterioridade exige o da posterioridade em qualquer ordem em que seja analisado. O anterior precede o posterior sob o ponto de vista axiológico, cronológico, ontológico ou quaisquer outros a ser considerados. Todo anterior é anterior a um posterior e, enquanto correlativos, são um tipo de relação. Mário Ferreira dos Santos afirma que “o *logos* da anterioridade, verdadeiramente implica a prioridade de um antecedente ao conseqüente, implica, necessàriamente,

a prioridade a outro que lhe seja distinto, outro que êle, e que de certo modo seja outro que êle, o que é uma verdade *per se nota*.” (SANTOS, 1967, p. 27, grifo do autor)

A lei da anterioridade e da posterioridade independe de nosso intelecto, é *extra mentis*, imediata, óbvia e eu diria: pode ser facilmente confirmada lógico, ontológico e onticamente; sua validez não depende deste ou daquele anterior, deste ou daquele posterior, mas sim todo anterior e qualquer posterior é que dependem desta lei: “A lei (*logos*) da anterioridade e da posterioridade tem validez, mesmo que não existisse nenhum ente anterior nem posterior a outro [...].” (SANTOS, 1967, p. 29, grifo do autor)

No Capítulo 2 de *A Sabedoria dos Princípios*, temos um excelente exercício de Mário Ferreira dos Santos ao executar a sua *teoria dos juízos virtuais* através da análise do *logos* da anterioridade; pelo menos é o que eu consigo honestamente compreender do que se trata dessa teoria. Do conteúdo desse *logos* da anterioridade, de sua semântica, esplende incontornavelmente outro *logos*: a posterioridade, em seu conteúdo, em sua semântica. Mas também a sintaxe que os condiciona, que os conexiona, que os liga no juízo, na sentença e, sobretudo, na realidade.

Um *logos* contém embutidos outros *logoi* (SANTOS, 1967, p. 26), mas também encerra em si juízos, de maneira que podemos da essência das coisas derivar uma cadeia de juízos que se encontram inclusos, ocultamente, na realidade. Passo a passo, podemos completar a filosofia positiva e concreta extraindo as possibilidades implícitas e explícitas, latentes e patentes, que encontramos em um juízo como *o anterior precede o posterior* ou no simples *logos* de anterioridade.

Em *A Sabedoria dos Princípios*, Mário Ferreira dos Santos diz: “a lei da antecedência e da conseqüência, lei que preside, por exemplo o silogismo”. (SANTOS, 1967, p.42). Não creio ser equívoco dilatar essa afirmação ao ponto de ver sua presença em toda dedução – *modus ponens*, *modus tollens*, dilema etc. −, uma vez que a dedução exige um nexo de necessidade entre premissas e conclusão, entre antecedência e conseqüência lógicas.

Anterior e posterior, antecedente e conseqüente são correlativos e há para estes uma *lei da correlação*: “[...] A lei [...] da correlação, é alguma coisa que sentimos ultrapassar o tempo; ela é eterna, nunca teve um comêço, nunca principiou. Se não houvesse nenhum correlativo, mesmo assim essa lei seria passível de ser interligada por uma mente e seria válida, independentemente dessa mente [...]”. (SANTOS, 1967, p. 42). São também correlativos pai e

filho, senhor e escravo, mas mesmo que não houvesse o exercício da paternidade ou senhorio sobre a terra, haveria a lei da correlação a reger qualquer correlação no tempo ou na eternidade.

3.2.4 Lei do logos

No Capítulo 6 de *A Sabedoria dos Princípios*, *A Lei e os Logoi Eternos*, Mário Ferreira dos Santos persegue dos rastros impressos nos seres finitos as razões que lhes tornam unos, ordenados e inteligíveis. A negação absoluta de que as coisas afirmem algo, de que exista traço de inteligibilidade no cosmos, a negação do princípio de não-contradição, é um absurdo que violenta a inteligência, porque precisa de alguma inteligência positiva para negar a inteligência do positivo; isso é o que ele chama de "escândalo". A afirmação de que só há o *khaos*, de que não haja o *khosmos*, de que os contraditórios são sempre, em acto, simultâneos, é *escandalosa*.

Há um princípio ordenador, que exclui a contradição simultânea em suas determinações; "é o *logos* imanente da ordem, a qual implica uma actualidade e o afastamento da contradição." (SANTOS, 1967, p. 68 - 69, grifo do autor). Mais à frente acrescenta: "o *logos* de qualquer entidade é o que constitui a sua tectônica[55], e o que a constitui é o que ela inclui, se é positivo, e, conseqüentemente, exclui tudo quanto não está incluído nela." (SANTOS, 1967, p. 71, grifo do autor). A *Lei do Logos* postula que está incluso no *logos* tudo quanto o *logos* inclui e está dele excluso tudo quanto dele se exclui, o que é uma obviedade. Parece-me que, além do princípio de não-contradição, que segundo Mário Ferreira dos Santos é reafirmado nesse princípio matético da lei do logos, também o princípio de identidade e outros mais como "há ordem", "a indiferença absoluta não há" etc. são igualmente confirmados.

---

[55] "**TECTÔNICA —** (Do grego **Tekton**, o obreiro que trabalha a madeira, carpinteiro. **Tektonika,** cujo radical sânscrito é **taksatasti,** significa a arte da arquitetura, a arte da construcção).
a) Emprega-se o têrmo na Filosofia para referir-se à construcção filosófica. 'Tôda a tectônica escotista funda-se em...' **Tectônico** é tudo o que se refere à construcção.
b) Emprega-se na Matese para indicar a construcção de uma coisa. Assim a forma e a matéria aristotélicas constituem a téctônica [*sic*] da coisa." (SANTOS, 1966a, p. 1320, grifo do autor)

Acrescente-se que um *logos* não contém necessariamente só uma e apenas uma positividade; tudo quanto o *logos* afirma é afirmado e, desta maneira, uma constelação de possibilidades estão contidas numa lei, num termo, num ente, etc. Quando dizemos *homem*, estão embutidas nesse conceito possibilidades como racional, animal, gramático, filósofo, sensível, Nobel de Física e Nobel de Literatura; mas quando pensamos no termo *nada*, ainda que o nada não se dê ôntica ou ontologicamente, ele por seu turno indica um *logos* da negação, a idéia de anonadar uma positividade, o contraditório de alguma coisa, aquilo que não tem positividade; tudo isso é afirmado em nada:

> [...] o nada, tomado como um têrmo, sendo esvaziado de tôda e qualquer positividade, também tem o *logos*, o *logos* do esvaziamento, do vazio, da própria ausência. O que rege a razão, que é a razão de nada, é precisamente a ausência de qualquer coisa. Até o próprio nada 'tem' uma razão, um *logos*, uma lei; conseqüentemente, tudo quanto há tem uma certa racionalidade, tem de ter essa racionalidade [...]. (SANTOS, 1967, p. 71, grifo do autor).

Assim, cada termo, cada sentença, cada coisa ou cada juízo ou cada *arithmos* possui um feixe de possibilidades afirmadas em si e outras tantas possibilidades que lhe são negadas. A negação de que haja *logos* é a afirmação de que não há *logos*, o que já é uma afirmação que se pretende verdadeira, claramente verdadeira; é a afirmação de algo, obtido por um intelecto que existe e se distingue da coisa inteligida – sujeito conhecedor e conteúdo do conhecimento já se afirmam diferentemente, cada um com sua miríade de possibilidades. Se a negação do *logos* se dá oralmente ou num livro, mais cheio de autocontradições é o raciocínio: o livro existe e se distingue de suas sentenças, os termos se distinguem entre si, como o estilo de um capítulo se ordena diferentemente do outro.

Não posso ocultar por razões meramente de pudor academicista um fato surpreendente da exposição de Mário Ferreira dos Santos, ainda que ele o faça com uma determinação que soe tão longe do que a universidade sói compreender por discurso filosófico. Lá vai, sem maiores apresentações, o que ele mesmo diz em crítica aos que negam a lei do *logos*:

> Certos satanistas modernos dizem que é um escândalo que essa lei se dê. Escândalo haveria se não fôsse assim; escândalo se daria se o termo que afirma, não afirmasse o que afirma, por que, então, se aniquilaria, por que afirma, e simultâneamente repele o que afirma, estaria, simultâneamente, anulando a si mesmo, por que poderíamos reduzir a dois estados, nos quais estaria propondo falsidade quando afirma, e estaria propondo falsidade quando nega. Simultâneamente, êle seria falso, quer quando afirma, por que simultâneamente nega; quer quando nega, por que simultâneamente afirma. Então, sim, haveria escândalo.
> [...]
> Os satanistas não aceitam a eternidade dessa lei, por que estão em luta contra tôda afirmação, na defesa da negação [...]. (SANTOS, 1967, p. 69)

Esses satanistas não são por ele nomeados em *A Sabedoria dos Princípios*, mas, se aproveitarmos outras páginas da obra de Mário Ferreira dos Santos, encontraremos críticas ao demoníaco na cultura em geral e na filosofia em particular, como em *Invasão Vertical dos Bárbaros*, no prefácio a *Métodos Lógicos e Dialécticos*, em *Um Apólogo como Prelúdio – A maior façanha de Satã*, que dá início à obra *Grandezas e Misérias da Logística*, mas também em *Filosofia Concreta*. (SANTOS, 1961a, p. 146).

Se não há *logos*, está vedada a porta de acesso da inteligência humana à compreensão das coisas, bem como estaria confrontada a própria possibilidade de existência das coisas. Nossa consciência não passaria de um feixe de autocontradições, não saberíamos quem somos, não projetaríamos nosso futuro, não avaliaríamos nosso passado, não confessaríamos nossos erros, não declararíamos nosso amor, nossas declarações de guerra seriam sem sentido, ninguém as compreenderia; não haveria declaração de guerra porque não haveria o que entender por declaração, não haveria declaração de amor, porque não haveria amor, coisa amada, mulher; as coisas não passariam de um punhado de autonegações e, na verdade, não compreenderíamos sequer uma negação e, assim, muito menos uma autonegação.

3.2.5 Há ordem

Consoante o verbete ORDEM do *Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais*, podemos afirmar que: "[...] A idéia de **ordem** implica, em seu **logos**, quatro elementos essenciais: 1) a prioridade, e a posterioridade; 2) distinção dos têrmos elementares e 3) origem; 4) o **logos** (razão) [...]". (SANTOS, 1966a, p. 1062, grifo do autor). E completa a notícia desse conceito desta maneira: "[...] **Ordem** é, assim, a disposição de múltiplas coisas homogêneas ou não, fundada em certas relações, nas quais estão seriadas, segundo um **logos** [...]". (SANTOS, 1966a, p. 1062, grifo do autor)

No último capítulo de *A Sabedoria dos Princípios*, Mário Ferreira dos Santos afirma ser a ordem "uma verdade que se patenteia *per se nota*, a qualquer espírito, até ao céptico, pois êste não pode afirmar que entre as coisas exista uma separação abissal, que haja uma ruptura total entre as coisas." (SANTOS, 1967, p. 307, grifo do autor). Deste modo, podemos visualizar a profunda relação entre o juízo *há ordem* e a inexistência de fratura no ser, visto o ser como verdade, belo, bom. Não existe abismo que impossibilite, por exemplo, a atividade gnosiológica do homem ou abismo que obstaculize a interferência de Deus, pressupondo aqui a sua existência. Não há buracos no ser em que nada se analogue a nada, em que haja uma estranheza total, repulsa total entre as coisas, porque afinal tudo o que há, é. O nada nada é. Assim, sob algum *logos* podemos captar as coisas – podemos organizar as coisas segundo a cor, o valor, a feiúra, a santidade, a luminosidade, os graus axiológicos, segundo a capacidade de sofrer ou de agir.

Eu diria: mesmo o céptico absoluto teria de aceitar a prioridade de certas razões sobre outras, na defesa de seu cepticismo, bem como distinguiria os termos básicos de defesa do seu pensamento antepondo ou pospondo um a outro conforme as razões lhe conviessem. A defesa do cepticismo, do ficcionalismo, do nihilismo não tem como sequer ser esboçada a contrapelo do fato de que ela segue raciocínios hierarquicamente melhores ou piores, supostamente melhores do que o daqueles contra os quais argumenta. Há ordem de exposição, há critérios melhores ou piores para avaliar argumentos – senão não poderíamos falar de falácia ou de argumento válido, não distinguiríamos *modus ponens* e falácia da afirmação do conseqüente −, há prioridade e posterioridade de ilação entre premissas e conclusão, há algum *logos* que harmoniza e dispõe adequadamente as razões de uma teoria etc.

Mas esses foram apenas exemplos de que disponho para o caso de um céptico que afirme não haver ordem. Porém, enquanto

verdade *per se nota*, essa obviedade está presente em todos os setores do ser: não há mesmo uma região fictícia ou qualquer outra região do ser, actual ou potencial, espiritual ou material, valorativa, física, espacial, matemática etc., em que não haja ordem.

> [...] Tôdas as coisas estão ordenadas e desordenadas. Ordenadas, segundo a disposição subordinada à normal dada por um princípio, e desordenadas, se considerarmos segundo outro princípio ordenador.
> Dêste modo, pode-se falar em tantas ordens quantas são as relações de disposição e de subordinação, que podemos conceber. Há ordem ontológica, cronológica, axiológica, lógica, espacial, psicológica, matemática, cósmica, jurídica, moral, ética, econômica, política etc. e também nas sub-classes em que se pode examinar e considerar todo o acontecer." (SANTOS, 1966a, p. 1063).

Dos quatro elementos essenciais da idéia de ordem citados acima, atenho-me ao derradeiro: para haver ordem, é necessária a presença do *logos*, da razão ordenativa. Todas as coisas estão relacionadas de alguma maneira e, eventualmente, divorciadas sob outro ponto de vista. Porém, não há uma distância absoluta entre os seres, mas apenas relativa; e essa relação entre todas as coisas está no fato de que todas são seres.

"[...] Não pode o céptico negar que há relação, nem os ficcionalistas, porque as ficções se relacionam [...]", diz Santos (1967, p. 306). Porém, acrescenta:

> Onde há ordem, há relação; onde há relação, nem sempre há ordem. A dependência não é mútua; é não-mútua. A relação implica ordem quando um termo está *in ordinem ad* outro, há uma ordenação. A ordem é a disposição dos têrmos com anterioridade e posterioridade, segundo o *logos;* implica, numèricamente, mais de um têrmo, como implica tôda relação para ser real, que exige, pelo menos, dois têrmos reais, e também um logos analogante, mas exige mais: *hierarquia* [...]. (SANTOS, p. 305, grifo do autor)

As coisas não apenas estão relacionadas, mas também *ordenadas*, respeitante uma hierarquia disposta por um *logos analogante*. Há algo, visto sob o ângulo desse *logos*, que dispõe todas as coisas ordenadas: minha mesa, atolada de livros, caneta, lápis, borracha, enfim, está em ordem para o estudo; mas, se a uso para uma refeição, retiro tudo, toda a "bagunça", e a disponho segundo um novo interesse. Mas se ela está cheia de comida, quando preciso dela para estudar, desfaço o arranjo preparado para a refeição e volto à disposição anterior. Na guerra há ordem e cada exército está sob certas ordens. A própria guerra tem um *logos* próprio, que a distingue do tempo de paz: é a refrega dos combatentes que me permite, em meio ao que parece desordem generalizada, dizer que nessa desordem do terror, da morte, do medo é que se impõe a organização de guerra.

A presença do logos analogante como elemento da ordem reforça ainda mais a importância da doutrina pitagórica da participação. Tudo está ordenado sob certo logos e desordenado sob outro, mas "a ordem é universal, e a desordem apenas relativa", pois há sempre uma razão unitiva de tudo quanto há, pois o ser não é quebradiço, não há rachaduras no ser. (SANTOS, 1967, p.306). Além disso, como não há indiferença absoluta, há sempre hierarquia.

Eu diria que a simples negação da ordenação já é uma negação ordenada, sob o ponto de vista lógico, gramatical e, sobretudo, ordenada para o fim último a que se pretende: a negação, que é colocada no topo da hierarquia de suas razões.

3.2.6 Lei da heterogeneidade, lei da identidade e adágio matético de que "a afirmação de uma distinção nem sempre é necessàriamente uma negação de identidade"

Uma outra "verdade patente *per se nota*" (SANTOS, 1967, p. 288) é o postulado em que se afirma "há a heterogeneidade" (*Idem*, p. 288) e mais: "nota-se que as coisas se assemelham e distinguem-se umas das outras, umas mais e outras menos, verdade que pode ser adquirida, inclusive pelo ficcionalista" (*Ibidem*, p. 288). Se tudo fosse ficção, uma ficção se distinguiria da outra e todas se diferenciariam do intelecto que as ficciona, da mente que as suporta. Se tudo fosse fruto de ilusões, ainda assim as ilusões se distinguiriam entre si e seriam notavelmente diferentes de quem as concebe. Ainda que tudo fosse falso, a tola certeza de que tudo é falso já resplandece em certeza e se aparta do que supõe falso, já julga que tudo é falso – afora sua própria postulação −, sobretudo as teses contrárias, e assim distingue mais do que gostaria.

Acrescento ainda que a simples tentativa de confutar que HÁ A HETEROGENEIDADE só pode se dar com um raciocínio heterogêneo ao que pretende impugnar e também se daria por juízos heterogêneos entre si, expressos por heterogêneas palavras a um interlocutor que, ainda que imaginário ou hipotético, tampouco se homogeneíza com o autor da confutação.

No próprio juízo "há a heterogeneidade" julgo correto afirmar: a heterogeneidade de sujeito e predicado, a heterogeneidade das palavras e letras e sons e conceitos expressos, a heterogeneidade de possibilidades que o juízo comporta, como ser verdadeiro ou falso, a heterogeneidade entre o *verbo* HAVER e o *nome* HETEROGENEIDADE etc. O simples enunciado da lei da heterogeneidade já é suficiente para que ela haja; e, se um dia ela não houve, esse dia se distinguiria do dia de hoje..., despencando assim essa possibilidade. Quaisquer tentativas de impugnar que há a heterogeneidade apenas completa a miríade de razões a favor de que ela há, pois não se pode negá-la senão caindo em flagrante autocontradição. Assim, se há a heterogeneidade aqui neste papel, sempre houve a heterogeneidade, tanto que pode ser atualizada neste papel, quanto poderia não o ter sido. Se possível fosse não haver num dado momento nada de heterogêneo, esse momento se distinguiria deste aqui; e este aqui seria uma possibilidade vinda de outro, de um outro que já havia na época da suposta completa homogeneidade... ou isso ou esta heterogeneidade veio do nada. O acréscimo de razões contra a heterogeneidade só adita razões heterogêneas que provam a heterogeneidade, pela heterogeneidade das razões contrárias e pela heterogeneidade das razões a favor.

A lei da identidade também é *per se nota* e não carece de maiores explicações, dado que é bem conhecida de todos: uma coisa é idêntica a si mesma, enquanto tomada como ela mesma; "uma coisa é idêntica a si mesma, se não é outra que si mesma." (SANTOS, 1967, p. 288).

Por fim, tratemos do adágio matético que postula que "a afirmação de uma distinção nem sempre é necessàriamente uma negação de identidade" (*Ibidem*, p. 296), que me parece uma combinação perfeita da lei da identidade e da lei da heterogeneidade. Em *A Sabedoria dos Princípios*, Mário Ferreira dos Santos não afirma que esse adágio seja *per se nota*, mas também não o nega, simplesmente nada declara. Todavia, por ser um adágio matético damos por garantido ser válido para todo o sempre. Em Deus como Uno e Trino captamos distinção sem atribuir tripla natureza a cada Pessoa divina; no homem

distinguimos a inteligência, a vontade e a afectividade, mas também a animalidade e a racionalidade. No Espírito Santo, há sete dons, isto é, numa só Pessoa, a terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Num livro distinguimos sua unidade expositiva e a divisão dos capítulos, sem que necessariamente falemos de dois ou mais livros.

3.3 Contribuições do Método Dialéctico-Ontológico

Ainda que o título deste tópico esteja no plural, a exposição será circunscrita a uma contribuição singularíssima da Filosofia Positiva e Concreta de Mário Ferreira dos Santos. Podemos certamente falar de *contribuições* do método dialéctico-ontológico: a prova de que a filosofia pode ser construída sobre juízos universalmente válidos; a solução dada para a união entre Axiomática e Ontologia; a interpretação que Mário Ferreira dos Santos dá da filosofia de Platão (que segundo Olavo de Carvalho antecede em mais de quarenta anos a de Giovanni Reale); o arsenal lógico-ontológico disposto em *Filosofia Concreta* para uso numa guerra cultural; a sua contribuição para aquilo que se chama de Filosofia *do* Brasil e não apenas Filosofia *no* Brasil; o modo como a busca de verdade *per se nota* pode alterar o investigador − dado que a filosofia é *amor à sabedoria* e, assim, o encontro com verdades válidas para todo o sempre pode determinar a natureza dessa *sabedoria*.

Encontramos o caso mais emblemático do uso da dialéctica-ontológica no livro *Pitágoras e o Tema do Número* em que, por meio do método desenvolvido em *Filosofia Concreta*, o filósofo brasileiro reconstrói a filosofia de Pitágoras com base nos fragmentos considerados mais seguros, como os de Filolau (mas não apenas dele), e a partir desses pontos arquimédicos do pensamento do mestre de Samos são extraídas as possibilidades − que lhes estão embutidas − pelo uso da *coerência objectiva* que se supõe entre as idéias. É claro que não se pode provar que Pitágoras fosse coerente em sua exposição, não se pode provar sua *coerência subjectiva*; mas podemos supor que, enquanto filósofo, possuía coerência objectiva.

Filolau fora considerado um traidor, por revelar os segredos da Escola de Crotona, e, uma vez que o *segredo* era um ponto que requeria absoluta observância dos pitagóricos, se ele era verdadeiramente um traidor, é porque o conteúdo revelado era de fato ortodoxo e sua condenação aos olhos da fraternidade nos dá certa segurança quanto à veracidade da filosofia revelada. Lembremos de uma citação de Édouard Schuré que demonstra que o pitagórico que violasse

certas regras da escola era expulso do instituto e lhe faziam um túmulo em vida, reuniam-se em torno do túmulo e anatematizavam-no: "Ele está mais morto do que os mortos, pois que regressou à má vida; o seu corpo passeia por entre os homens, mas a sua alma morreu: choremo-la." (SCHURÉ, 1961a, p. 201.)

Além de Filolau, Arquitas, Nicômaco de Gerasa, Jâmblico, Teon de Esmirna, Hiérocles, e da tradição exegética que interpreta os *Versos Áureos de* Pitágoras, ricamente representados na obra de Mário Ferreira dos Santos – que também traduziu os comentários de Hiérocles e comentou os comentários −, encontram-se também nomes como Fabre d'Olivet, Mathyla Ghyka e, segundo o Padre Carlos Beraldo, S.I., no verbete de que já tratamos, Sakellariou, da Universidade de Atenas.

A partir de uma bibliografia sufocantemente monstruosa e no uso de seus critérios interpretativos, ele expõe o pensamento de Pitágoras mais coerentemente possível: não é o que Pitágoras *de fato* falou, mas o que ele não poderia deixar de aceitar a partir dos elementos mais certos da sua filosofia; não é o Pitágoras histórico, mas o Pitágoras ontológico.

Darei um exemplo bem pragmático: a citação de uma PRECE PITAGÓRICA, reproduzida por Mário Ferreira, e um parágrafo em que ele extrai algumas conseqüências do conteúdo dessa oração.

Prece Pitagórica:

> Abendiçoa-nos, número divino, tu que engendraste os deuses e os homens! Ó Santa, Santa Tetractys, tu que conténs a raiz e a fonte do fluxo eterno da criação! Pois o número divino inicia-se da unidade pura e profunda, e atinge depois o quatro sagrado; e engendra, após, a mãe de tudo, que realiza tudo, o primogênito, o que não se desvia nunca, que não se cansa nunca, o Dez sagrado, que detém a chave de todas as coisas. (SANTOS, 2000, p. 143)

O *philosophus brasiliensis*, para usar expressão com que o Professor Olavo lhe designa, então comenta:

> Foi o número divino que engendrou os homens e os deuses. Mas o número divino não é o UM (*Hen*) Supremo, pois já vimos que este não é número. Quem engendra tudo é a Mãe Sagrada, a Criação. Ela é a Década, o Dez Sagrado, a Santa

> Tetractys. O número divino inicia-se da unidade pura e profunda, o Um Supremo. Portanto, o número divino é ontologicamente posterior ao Um, ao Ser Supremo. E nem poderia deixar de ser. (SANTOS, 2000, p. 144)

Da análise da Década, a Santa Tetractys, Mário Ferreira dos Santos retira consequências ontológicas, como pudemos ver quando tratamos das dez primeiras teses da *Filosofia Concreta*, mas que poderíamos ter expandido para outros terrenos como a simples análise de um composto como a água, que tem uma *unidade*, mas unidade de elementos que se opõem, como a matéria e a forma, ou seja, a unidade é expressa com elementos *opositivos*, duais, mas que se relacionam (a presença do *ternário*) e se reciprocam – o *quaternário* −, tudo organizado numa forma, o *quinário*, e assim sucessivamente. Mário Ferreira passo a passo reconstrói a filosofia de Pitágoras sob os mais variados ângulos, da gnosiologia à filosofia do ser, a partir das possibilidades contidas nos extratos tomados como os mais certamente ortodoxos e, pelo seu método dialéctico, captou os elementos virtuais, os juízos virtuais ali contidos, como aproveitara do método de George Cuvier:

> [...] O que nos interessa, à semelhança do método de Cuvier, é usar das providências da nossa decadialéctica e da dialéctica concreta, que consideramos como meios mais hábeis para o exame de um pensamento e reconstruir a doutrina pitagórica, partindo de uns postulados, considerados como inequivocamente válidos. E, deles, através das decorrências ontologicamente rigorosas, à semelhança do que fizemos em *Filosofia Concreta*, restaurar o verdadeiro pensamento de Pitágoras [...]. (SANTOS, 2000, p. 211)

Para a compreensão do pensamento de Pitágoras, Mário Ferreira dos Santos usa por padrão aquilo que ele já havia feito em *Filosofia Concreta*, sobretudo através do método dialéctico-ontológico, chamado também de *dialéctica concreta*. É notável um trecho do capítulo *Justificação do Método Usado N*este *Livro* (de *Pitágoras e o Tema do Número*) em que praticamente repete um parágrafo de *Filosofia Concreta* do tópico *O Método desta Obra*. Enquanto em

Filosofia Concreta está escrito "nossa dialéctica ontológica" (SANTOS, 1961a, p.20), em *Pitágoras e o Tema do Número* está dito "nossa *dialética concreta*", Santos (2000, p. 78): "[...] a nossa *dialética concreta*, que inclui a pentadialética, a decadialética, a dialética simbólica e a dialética noética". Como não domino plenamente a terminologia do Mário Ferreira dos Santos e tenho apenas alguma suficiência, mas não proficiência, na compreensão de sua obra, e sabendo que na terceira fase de sua *Enciclopédia* há um livro inédito intitulado *Dialéctica Concreta*, não posso afirmar peremptoriamente que a dialéctica-ontológica é idêntica à dialéctica concreta em todos os casos, porque é bem *possível* que esse segundo termo engula o primeiro e acrescente algo mais durante a digestão.

A interpretação do Pitágoras de Mário Ferreira dos Santos é positiva e concreta, porque parte de tudo aquilo que é tético na obra do filósofo de Samos, uma vez que toma das suas afirmações herdadas dos mais autorizados discípulos da escola itálica e analisa essas posições segundo um critério ontológico, conforme as disposições metodológicas da dialéctica-ontológica, da dialéctica concreta. Temos desta maneira a reconstrução da filosofia de um dos maiores representantes do pensamento ocidental, sobretudo pelo seu caráter enigmático, misterioso, mas também por tudo aquilo que o pitagorismo fez pela cultura helena, presente nas obras de arquitetura, na escultura, na matemática de Euclides, na poesia de Píndaro, e numa personalidade absolutamente determinante para os destinos do Ocidente: Platão. O que Mário Ferreira dos Santos faz em *Filosofia Concreta* e *Pitágoras e o Tema do Número*, e igualmente em *A Sabedoria das Leis Eternas, Tratado de Simbólica* e nos seus comentários aos *Versos Áureos de Pitágoras*, no que diz respeito à exegese de um texto filosófico e à reconstrução "paleontológica" de uma filosofia, é suficiente para que tenhamos uma belíssima imagem do quão extraordinário é seu pensamento. *Extraordinário*, a justo termo, uma vez que não há nada de similar que se possa comparar ao que ele fez; não havia e não há estudos clássicos no Brasil que possam ombrear seu trabalho. Ademais, sacam de seus livros um Pitágoras difícil de não aceitar, uma vez que baseado em sentenças apodíticas, e absolutamente atual, porque a *Filosofia Positiva e Concreta* incorpora elementos da filosofia pitagórica, o que faz do Mestre de Samos um mestre do Mário Ferreira, dando à filosofia de Pitágoras um destino que será ouvido e atingido pela Filosofia Brasileira.

CONCLUSÃO: INTRODUÇÃO A UM NOVO COMEÇO

Dos três capítulos precedentes, não me permito tirar uma conclusão lógica, como no encerramento de um raciocínio, mas acima de tudo alinhavar certos pontos para posteriores investigações. Abaixo, não tenho propriamente conclusões, na acepção precisa, mas sugestões a que este trabalho me levou, sobretudo no que ele possui de possibilidade de novos estudos. O que encontrei de plenamente terminante posso dizer que é a resposta de Mário Ferreira dos Santos à possibilidade de encontrarmos verdades *per se notae* e, destas verdades, construirmos uma teia de juízos embutidos no juízo matriz, o ponto arquimédico, conforme ele o faz em *Filosofia Concreta*. Mário Ferreira não só prova a existência dessas verdades, mas também as articula numa filosofia que, na minha opinião, se configura como original em razão da forma como entrosa fundamentação ontológica com exposição axiomática.

Porém, mais do que apelar para sua originalidade, acredito que essa filosofia tem de responder a certos problemas; em seguida elenco algumas possíveis tarefas a ser cumpridas pela filosofia positiva e concreta e que podem, pela sua execução, demonstrar a força desse pensamento.

Primeiramente, consideremos que a formação do filósofo, a pergunta pelo que é o homem e seu método dialéctico-ontológico têm, de certa maneira, um fundo formativo, pedagógico, antropológico, para não repetir o termo *noológico*. Essa formação do filósofo Mário Ferreira e sua concepção de homem e de verdade haveriam de contribuir para nossa formação? Seria possível uma *Escola Mário Ferreira dos Santos* ou tudo deveria parar até onde ele chegou? Neste trabalho, revisitei o problema da fundamentação metafísica, das verdades evidentes por si mesmas, dos juízos apodíticos que, se eu estiver mesmo certo quanto ao exposto, poderá haver novo impulso ao tipo de filosofia por ele desenvolvida e ao tipo de formação que essa filosofia requer. E mais: quais as consequências culturais de certezas filosóficas, sobretudo num mundo permeado pela insegurança? Obviamente que não estou anulando a diferença entre validade lógica e utilidade cultural; quero dizer que a idéia de juízos virtuais, de juízos embutidos em outros juízos, a idéia do método dialéctico-ontológico e outras mais que aqui expus teriam um efeito cultural, que poderia ser hipnótico, é claro, dando a falsa impressão de que estamos totalmente seguros, mas que poderia também ter efeito positivo. Não pressuponho, portanto, que a idéia de certeza seja sempre positiva, porque precisamos sim causticar um pouco a vida com dúvidas sinceras; porém, certezas válidas impõem igualmente seus

efeitos. Assim, há o efeito cultural que essa filosofia pode ter, efeito inclusive psicológico, porque as razões de um livro plasmam de certa maneira as expectativas do leitor, como as razões da filosofia positiva e concreta podem traçar certas expectativas e certas mudanças de atitude. Se a filosofia tem uma tarefa pedagógica, esta também pode vir a tê-la. Porém, ainda que Mário Ferreira dos Santos tenha essa pretensão, de fato ele ainda não deu frutos.

Uma segunda consideração é concernente à aplicação do método dialéctico-ontológico e aos demais recursos metodológicos criados pelo filósofo. Em *Lógica e Dialéctica*, ele aplica a decadialéctica à Revolução Francesa, à substância de Aristóteles e ao tema do valor na Economia; já em *Métodos Lógicos e Dialécticos*, vol. 2, afirma:

> Para que possamos saber aplicar a **dialéctica ontológica** (que chamamos de **dialéctica concreta),** aproveitando as providências oferecidas em nossos trabalhos sôbre dialéctica, impõe-se que se parta do início, que é a formação de uma terminologia rigorosamente filosófica e apodìticamente bem fundada, com conteúdo ontológico. (SANTOS, 1959, p. 177)

Contudo esses métodos têm de ser empregados na compreensão da realidade e não só na análise de conceitos, como Olavo de Carvalho nos mostra em seu curso de Richmond ao analisar o comunismo histórico e não só o *conceito* de comunismo.

Em terceiro lugar, posso dizer que um dos problemas que mais me tocou durante a minha pesquisa foi o da *afectividade*, que aqui e ali aparece no corpo do texto. Tocou-me, sobretudo, porque já no primeiro volume da *Enciclopédia*, *Filosofia e Cosmovisão*, Mário Ferreira dos Santos afirma que se deve desenvolver uma Metafísica da Afectividade. Lembro-me de que São João Paulo II, quando de uma de suas vindas ao Brasil, disse que o brasileiro é católico só no sentimento, mas não na Fé, o que daria para afirmar *ex cathedra*. Não obstante, ainda que não temos uma fé tão inteligente quanto a de muitos, ou todos, os povos europeus, por exemplo, os nossos sentimentos nos têm protegido de práticas como aborto e eutanásia, tão comuns entre nações mais cultas e mais afeitas a esses tipos de homicídio. Penso que a Renovação Carismática e os evangélicos em geral poderiam encontrar em Mário Ferreira dos Santos um alimento filosófico precioso para sua fome de compreensão da dor espiritual do ser humano e dos transes que

a euforia no Senhor lhes causa, assim os nossos sentimentos poderiam talvez se encontrar com a Fé.

Um quarto tema é a INTELIGÊNCIA QUE CAPTA OS PRINCÍPIOS, que certamente encontro em *A Sabedoria dos Princípios*. Tratei em muitas páginas dos princípios, mas será necessário muito mais, como por exemplo determinar todos os possíveis meios de captação desses axiomas. Convém, acredito, comparar o que o Mário Ferreira desenvolve com o que outros autores descobriram, como o *Doutor Profundo*, o filósofo português do século XVII João de Santo Tomás, como lemos pelas palavras autorizadas de Pinharanda Gomes: "Há três ordens de virtudes: intelectuais, morais (adquiridas e infusas) e teologais, na esfera das intelectuais se situando três assimiláveis a dons, quais sejam a inteligência dos primeiros princípios, a sabedoria e a ciência." (GOMES, 1985, p. 86) Em seguida, igualmente afirma: "Os dons são sete: a inteligência (que penetra as verdades eternas) [...]" (GOMES, 1985, p. 86). Destarte, será necessário apurar a relação entre a atividade do Filósofo e a infusão do Espírito de Verdade, Aquele que renova a face da terra; momento no qual podemos perfeitamente tirar os frutos devidos da verdade presente numa sentença e da Verdade presente numa Pessoa.

São essas minhas considerações mais anunciativas que conclusivas. A retomada do estudo dessa obra traz à tona temas velhos da Metafísica clássica, numa estrutura interna que é toda sua, a *Filosofia Positiva e Concreta*, sobretudo como podemos ver em *Filosofia Concreta*, quando da enunciação e exposição de suas Teses: "*Alguma coisa há e o nada absoluto não há*; *o nada absoluto por ser impossível nada pode*; *prova-se mostrando e não só demonstrando*..." etc. como vimos nas dez primeiras (SANTOS, 1961a, p.30-38) Resta saber quão forte será essa filosofia e como ela responderá às questões atuais. Acredito que essa obra tem possibilidades especiais junto a nós brasileiros, primeiro, porque reúne o que há de melhor da tradição lusitana, segundo, porque reúne o que há de melhor na filosofia de todos os tempos, incluso o contemporâneo. O que poderemos fazer com ela, só o tempo nos dirá.

Confiemos no poder transformador do Espírito de Verdade, a quem rezamos "*renovareis a face da Terra*" e que certamente tem o poder de *renovar a face do Brasil*. Ele, de quem a Virgem concebeu. Ela, de quem se pergunta *Quae est ista?* ("Quem é esta?", Ct 8,5), é quem nunca deixou e nunca deixará a nossa face se degenerar. Ela, que prometeu a fé sem termo para Portugal, tenho certeza de que conduzirá também para a direção certa a face do Brasil.

Viva Nossa Senhora de Fátima!!

Florianópolis-SC, 19 de março de 2019.
(Solenidade de São José)

REFERÊNCIAS

A INFLUÊNCIA da oratória na formação dos líderes. Palestrante: Mário Ferreira dos Santos. **Palestras**. São Paulo, Othon Palace Hotel, 16 ago. 1967. Coletânea de palestras não publicadas de Mário Ferreira dos Santos. v.1, cap. 6, 70p.

AMARAL, Giana Lange do. **O Gymnasio Pelotense e a Maçonaria**: uma face da história da educação em Pelotas. Pelotas: Seiva Publicações; Ed. Universitária – UFPel, 1999.

ANDERSEN, Dan. **Se a Esfinge Falasse**. São Paulo: Sagitário, 1944. Dan Andersen é um pseudônimo de Mário Ferreira dos Santos.

ARISTÓTELES. **Das Categorias** (Órganon). Tradução, notas e comentários de Mário Ferreira dos Santos. 2. ed. São Paulo: Matese, 1965.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. 20 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BERALDO, Carlos SI. Mário Ferreira dos Santos. In: SANTOS, Mário Ferreira dos. **Pitágoras e o tema do número**. São Paulo: IBRASA, 2000.

BERALDO, Carlos. Meu Depoimento Simples e Panorâmico. In: LADUSÃNS, Pe. STANISLAVS (Org.). **Rumos da Filosofia Atual no Brasil em auto-retratos**. São Paulo: Loyola, 1976. v.1. cap. 6.

CARTON, Dr. Paul. **Vida Perfeita**: Comentários aos Versos de Ouro dos Pitagóricos. Prólogo, nótulas e apêndices do Prof. Mário Lôbo Leal. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1954.

CARVALHO, Olavo de. **Programa True Outspeak**. Richmond – Virgínia, EUA, 18 dez. 2006. Disponível em: https://archive.org/details/TrueOutspeak/003.+True+Outspeak+-+18-12-2006.mp3. Acesso: 24 maio 2019. 1 áudio (55 min.18s)

CARVALHO, Olavo de. **Aristóteles em nova perspectiva**: introdução à teoria dos quatro discursos. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

CARVALHO, Olavo de. **A filosofia de Mário Ferreira dos Santos**. Inédito. Aulas do Seminário de Filosofia de 25 e 26 de julho de 1997, transcritas por Fernando Antonio de Araujo Carneiro sem revisão do autor.

CARVALHO, Olavo de. Mário Ferreira dos Santos e o nosso futuro. **Revista Dicta & Contradicta**, São Paulo, n. 3, 2009. Disponível em: http://dicta.com.br/edicoes/edicao-3/mario-ferreira-dos-santos-e-o-nosso-futuro/. Acesso em: 29 mar. 2019.

CARVALHO, Olavo de. **O Futuro do Pensamento Brasileiro**: estudos sobre o nosso lugar no mundo. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 1997.

CARVALHO, Olavo de. Guia breve para o estudioso da Obra Filosófica de Mario Ferreira dos Santos. In: SANTOS, Mário Ferreira dos. **A Sabedoria das Leis Eternas**: introdução, edição de texto e notas de Olavo de Carvalho. São Paulo: É Realizações, 2001.

CARVALHO, Olavo de. **O Imbecil Coletivo I**: atualidades inculturais brasileiras. São Paulo: É Realizações, 2006. (Coleção Olavo de Carvalho)

CARVALHO, Olavo de. **O Imbecil Coletivo II**: a longa marcha da vaca para o brejo e, logo atrás dela, os filhos da PUC. 2. ed. São Paulo: É Realizações, 2008. (Coleção Olavo de Carvalho; 5)

CARVALHO, Olavo de. **Palestra de Olavo de Carvalho ao I Encontro da Juventude Conservadora da UFMA.** São Luís, UFMA, 5 ago. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ImDpkUxEyZU&t=5s Acesso: 30/01/2019). 1 vídeo (32 min. 43s)

CARVALHO, Olavo de. **Mário Ferreira dos Santos**. 2017. Disponível em: seminariodefilosofia.org/mario-ferreira. Acesso em: 2 jan. 2019. (Curso Online)

CARVALHO, Olavo de. **Palestra de Olavo de Carvalho ao III Encontro da Juventude Conservadora da Universidade Federal do Maranhão.** São Luís, UFMA, 1 out. 2018. Disponível em:

https://youtu.be/H38NissxuAQ. Acesso: 20 mar. 2019. 1 vídeo (20 min. 24s)

CESAR, Constança Marcondes. **O Grupo de São Paulo**. [S.l]: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000.

COHN, Sérgio (Org.). **Gilberto Freyre.** [S.l]: Azougue Editorial, 2010. Coleção Encontros.

CUBERO, Jaime. **Entrevista de Jaime Cubero**. 15 nov. 1997. In: Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://anarkio.net/Pdf/entrevistasjaimecubero.pdf&ved=2ahUKEwjpuorV6ZrgAhUNtlkKHU6vCDQ4MhAWMAl6BAgFEAE&usg=AOvVaw3JEikRJBlzSPfor8oMkGq8. Acesso: 2 fev. 2019.

DEELY, John. A Filosofia moderna e o pensamento pós-moderno vistos através do pensamento de João Poinsot (Joannes a Sancto Thoma ou Frei João de S. Tomás). **Revista Portuguesa de Filosofi**a, Braga – Portugal, jul./dez., tomo LI, 1995, fasc. 3-4, p. 615-676.

DIALÉTICA concreta. Palestrante: Mário Ferreira dos Santos. **Palestras**. São Paulo, Faculdade de Filosofia da PUC, 14 out. 1966. Coletânea de palestras não publicadas de Mário Ferreira dos Santos. v.1. cap. 3, 70p.

ESCOTO, João Duns. **Tratado do Primeiro Princípio**. Tradução do latim e nótula introdutória por Mário Santiago de Carvalho. Lisboa: Edições 70, 1998.

ESCRIVÁ, São Josemaría. **Caminho**. Trad. Alípio Maia de Castro. 9. ed. São Paulo: Quadrante, 1999.

FARIA, Felipe. **George Cuvier**: do estudo dos fósseis à paleontologia. São Paulo: Associação Filosófica Scientia Studia; Editora 34, 2012.

FILOSOFIA concreta: Mário Ferreira dos Santos. Produção: É Realizações. São Paulo: Àgata Tecnologia Digital Ltda, 2009. 1CD (2h:9 min.).

GALVÃO, Nadiejda Santos Nunes; SANTOS, Yolanda Lhullier dos. **Monografia sobre Mário Ferreira dos Santos**. 2001.

GASSET, José Ortega y. Ensimesmamento e alteração. In: ______. **O homem e a gente**. São Paulo: Livro Ibero-Americano, 1960.

GOMES, Pinharanda. **João de Santo Tomás na filosofia do século XVII**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1985.

GOMES, Pinharanda. **Os Conimbricenses**. Lisboa: ICALP, 1992.

JAIME, Jorge. **Mário Ferreira dos Santos**: O portentoso criador da filosofia concreta. In: ______. **História da filosofia no Brasil**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Faculdades Salesianas, 2000. v. 2. p. 339 – 358.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. **O Círculo Vicente Ferreira da Silva**. In: CÉSAR, Constança Marcondes. **O Grupo de São Paulo**. [S.l]: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000.

LEMBRANÇA do Gymnasio Gonzaga. Pelotas – RS: Livraria Commercial, 1923.

LEMBRANÇA do Gymnasio Gonzaga. Pelotas – RS: Officinas d'A Guarany, 1924.

MACHADO NETO, Wadson. **Perspectivas Filosófico-sociais na Obra de Mário Ferreira dos Santos**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Juiz de Fora – MG, Juiz de Fora-MG,1988.

MARTINS, António Manuel. **Lógica e Ontologia em Pedro da Fonseca**. [S.l.]: Fundação Calouste Gulbenkian; [S.l.]: Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1994.

MATTÉI, Jean-François. **Pitágoras e os Pitagóricos**. Tradução de Constança Marcondes Cesar. São Paulo: Paulus, 2000. (Coleção Filosofia em questão)

MONTEIRO, Ângelo. Tratado da lavação da burra ou introdução à transcendência brasileira. In:______. **Escolha e sobrevivência**: ensaios de educação estética. São Paulo: É Realizações, 2004.

MOURÃO, Gerardo Mello. **O País dos Mourões**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

O CONCEITO de filosofia. Palestrante: Mário Ferreira dos Santos. **Palestras**. São Paulo, Ginásio São Luís, 26 out. 1966. Coletânea de palestras não publicadas de Mário Ferreira dos Santos. v.1. cap. 2, 70p.

OS CICLOS culturais. Palestrante: Mário Ferreira dos Santos. **Palestras**. São Paulo, Centro Cultural, 14 nov. 1965. Coletânea de palestras não publicadas de Mário Ferreira dos Santos. v.1, cap.1, 70p.

OS OCÚLOS do vovô [Francisco Santos 1913]. Comédia. [S.l.]: Cinemateca Popular Brasileira: filmografias & cronologias, 2015. 1 vídeo (4 min e 42 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=A7byQu967ww&t=11s. Acesso em: 7 fev. 2018.

OS PINGOS nos Is. **Entrevista especial com Olavo de Carvalho.** Jovem Pan, 25 dez. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=v8rQ2lxOH4Q. Acesso: 30 jan. 2019. 1 vídeo (1h17min 27s).

PADRE Paulo Ricardo. **"Bendito sejam os palavrões do Olavo de Carvalho!" – Padre Paulo Ricardo defende o filósofo.** Disponível em: https://youtu.be/wVa5PFDw5uU. Acesso: 20 mar. 2019. 1 vídeo (11 min. 18s)

PORFÍRIO. **Isagoge**: introdução às categorias de Aristóteles. Tradução, notas e comentários de Mário Ferreira dos Santos. São Paulo: Matese, 1965.

PORFÍRIO. **Isagoge**: introdução às categorias de Aristóteles. Tradução, prefácio e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães, 1994.

SANTO Tomás e a Sabedoria. Palestrante: Mário Ferreira dos Santos. **Palestras**. São Paulo, Instituto Teológico Pio XI, 7 mar. 1967. Coletânea de palestras não publicadas de Mário Ferreira dos Santos. v.1. cap. 4, 70p.

SANTOS, Maira Moraes dos. **Jaime Cubero**: uma trajetória de práticas libertárias para a educação e para a vida. Dissertação (Mestrado em

Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Comentário aos “Versos Áureos” de Pitágoras** (com tradução dos Comentários de Hiérocles). Obra não publicada.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Dialéctica Concreta.** Obra não publicada.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Psicologia**. 2. ed. São Paulo: Logos, 1956.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Filosofia Concreta**. 1. ed. São Paulo: Logos, abr./1957.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Noologia Geral**. 2. ed. São Paulo: Logos, 1958.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Filosofia Concreta**. 2. ed. São Paulo: Logos, ago./1959. 2v.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Filosofias da Afirmação e da Negação**. São Paulo: Logos, 1959.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Tratado de Simbólica**. 2. ed. São Paulo: Logos, 1959.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Páginas Várias**. São Paulo: Logos, 1960a.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Pitágoras e o Tema do Número**. São Paulo: Logos, 1960b.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Teoria do conhecimento** (Gnosiologia e Criteriologia). 4.ed. São Paulo: Logos, 1960c.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Filosofia Concreta**. 3. ed. São Paulo: Logos, set./1961a. v.1

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Filosofia Concreta**. 4. ed. São Paulo: Logos, nov./1961b. 3v.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Filosofia e Cosmovisão**. 5. ed. São Paulo: Logos, 1961c.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **O Homem Perante o Infinito** (Teologia). 4. ed. São Paulo: Logos, 1962.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Filosofia da Crise**. 5. ed. São Paulo: Logos, 1964.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Lógica e Dialéctica**. 5. ed. São Paulo: Logos, 1964.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Filosofia Concreta dos Valores**. 3. ed. São Paulo: Logos, 1964.

SANTOS, Mário Ferreira dos. A luta pela liberdade. **O homem livre**, São Paulo, ano I, n. 2, mar. 1965.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Métodos Lógicos e Dialécticos**. São Paulo: Logos, 1959. 2v.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais**. 4. ed. São Paulo: Matese, 1966a. 4v.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Grandezas e Misérias da Logística**. São Paulo: Matese, 1966b.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **A Sabedoria dos Princípios**. 1. ed. São Paulo: Matese, 1967.

SANTOS, Mário Ferreira dos. Do áliquid (alguma coisa). In: ______. **A Sabedoria do ser e do nada**. São Paulo: Matese, 1968. Cap. X. 2 volumes.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**. Apresentação de Luiz Felipe Pondé. São Paulo: É Realizações, 2012. Coleção abertura cultural.

SANTOS, Mário Ferreira dos. Meu Filosofar Positivo e Concreto. In: LADUSÃNS, Pe. Stanislavs (Org.). **Rumos da Filosofia Atual no Brasil em auto-retratos**. São Paulo: Loyola, 1976. v.1. cap. 23.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Meu Filosofar Positivo e Concreto**. Soundcloud, 14 abr. 2015. Disponível em: https://soundcloud.com/m-rio-ferreira-santos/mario-ferreira-dos-santos-prof-dr-pestanislavs-ladusans-inquerito. Acesso em: 31 jan. 2019. Áudio (53 min. 20s)

SANTOS, Mário Ferreira dos. **O Romantismo na Filosofia**. Obra não publicada.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Ontologia e Cosmologia**. 4. ed. São Paulo: Logos, 1964.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Origem dos Grandes Erros Filosóficos:** erros crítico-ontológico. São Paulo: Matese, 1965.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Pitágoras e o tema do número**. São Paulo: IBRASA, 2000.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **A Sabedoria das Leis Eternas**: introdução, edição de texto e notas de Olavo de Carvalho. São Paulo: É Realizações, 2001.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Platão – O um e o múltiplo**: comentários sobre o Parmênides. São Paulo: IBRASA, 2001.

SANTOS, Mário Ferreira dos. ***Cristianismo***: a religião do homem. São Paulo: EDUSC, 2003.

SANTOS, Yolanda Lhullier; CALDAS, Pedro Henrique. **Francisco Santos**: Pioneiro no Cinema do Brasil. Pelotas – RS: Semeador, 1995.

SANTOS, Yolanda Lhullier; CALDAS, Pedro Henrique. **Guarany:** o grande teatro de Pelotas. Pelotas – RS: Semeador, 1994.

SCHURÉ, Édouard. Pitágoras. In: SANTOS, Yolanda Lhullier dos; SANTOS, Cláudia. (Org., Trad.). **Moisés, Buda, Pitágoras**. 2. ed. São Paulo: Logos, 1961.

TEILHARD de Chardin e a filosofia atual. Palestrante: Mário Ferreira dos Santos. **Palestras**. São Paulo, 16 ago. 1967. Coletânea de palestras não publicadas de Mário Ferreira dos Santos. v.1, cap. 7, 70p.

TEIXEIRA, António. Haverá uma “Escola de São Paulo”? In: CÉSAR, Constança Marcondes. **O Grupo de São Paulo**. [S.l]: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000.

TEMAS brasileiros e filosóficos. Palestrante: Mário Ferreira dos Santos. **Palestras**. São Paulo, 2 maio 1967. Coletânea de palestras não publicadas de Mário Ferreira dos Santos. v.1. cap. 5, 70p.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. **Verdade e conhecimento**. Tradução, estudos introdutórios e notas de Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. 2013. Disponível em: http://www.aquinasonline.com/Topics/Humor/aqqq1220.html. Acesso em: 5 nov. 2018.

VITA, Luís Washington. Resenha do Filosofia e Cosmovisão (1952). **Revista Brasileira de Filosofia**, São Paulo, v. III, fasc. 4, out./dez. 1953.

ANEXOS

ANEXO A – Mário Ferreira dos Santos no Gymnasio Gonzaga

Abaixo, as respostas a um e-mail que enderecei à direção atual do Ginásio Gonzaga, precisamente à vice-diretora Sra. Rosane Marques, que o encaminhou à Sra. Ana Berenice Reis, responsável por satisfazer tão conspicuamente minhas demandas. Reitero aqui meus agradecimentos às duas. No e-mail, requeri informações sobre 5 tópicos, que receberam as seguintes respostas, transcritas *ipsis litteris*:

1. Qualquer registro sobre Mário Ferreira dos Santos e seus pais;

Mário Dias Ferreira dos Santos estudou no Colégio Gonzaga, à época Gymnasio Gonzaga, de 1916 até 1924, constando nos registros:
Ano: 1916 – 1º Ano do Curso Preliminar A
Recebeu Menção Honrosa Caligrafia e no Conjunto de Matérias
1º Lugar em Leitura
Ano de 1917 – 2º Ano do Curso Preliminar A
Recebeu Menção Honrosa: Conjunto de Matérias, Gramática, Aritmética e Geografia
1º Lugar em Ortografia e em Leitura
Ano de 1918 – 3º Ano do Curso Preliminar A
Não há registros deste ano, mas o estudante em tela foi aprovado
Ano 1919 – Curso Médio
Menção Honrosa – Conjunto de Matérias, Português
1920 – 1º Ano do Ensino Secundário
Menção Honrosa – Conjunto de Matérias e em Francês
1921 – 2º Ano do Ensino Secundário
Menção Honrosa – Conjunto de Matérias e em Francês
1922 – 3º Ano do Ensino Secundário
Menção honrosa – Conjunto de Matérias, Religião, Português
1º Lugar em Francês e em Inglês
1923 – 4º Ano do Ensino Secundário
Menção Honrosa no Conjunto de Matérias , em Francês e em Inglês
1º Lugar em Física
1924 – 5º Ano do Ensino Secundário
Menção Honrosa no Conjunto de Matérias

Alguns registros encontrados nas crônicas do Colégio, do ano 1924
No dia 07 de abril deste ano, Mário Dias Ferreira dos Santos faz um discurso de saudação do Padre reitor pela passagem de seu aniversário no Salão de Atos ;
No dia 29 de junho desse mesmo ano, é fundada a Academia Literária "Ruy Barbosa", em que um dos fundadores e presidente é Mario D F Santos;
Dia 31 de agosto, a Academia Literária apresenta uma peça teatral: "Afoito e Medroso" com um sucesso total, em que um dos atores foi Mario Santos no papel do Professor Afoito, surpreendendo a todos pela sua extraordinária desenvoltura.
No dia 7 de setembro como parte de um variado programa a Academia Literária apresentou várias peças, dentre as quais a tragédia escrita e representada por Mário Santos: " O Dever";
No dia 19 de novembro profere uma saudação à Bandeira

2. Qualquer registro sobre os padres jesuítas que ensinavam na escola no período;

Nesse período os padres ministravam aulas no Curso Preliminar e Médio. No Curso Secundário eram professores leigos (não padres)

Por 31 anos os Padres da Companhia de Jesus dirigiram o então Gymnasio Gonzaga. A partir de 1926 assumiram os Irmãos das Escolas Cristãs (La Sallistas). Assim, até 1925 o colégio oferecia 6 anos dos chamados estudos literários, com possibilidades de escolha de 2 anos do curso do comércio e disciplinas optativas, com avaliações em pontos de zero a 1.000, oferecendo menções honrosas, classificações em 1º e 2º lugar e Prêmios por Excelência.

A partir de 1926, o curso literário foi trocado pelo curso de estudos do comércio, inclusive com a criação do banco modelo para atividades práticas do curso e as avaliações passaram a ser por notas de 0,0 a 10,0, agora explicitando a classificação de todos os alunos aprovados, mas sem as menções honrosas e prêmios de excelência.

3. Qualquer registro sobre o Padre Bücher;

No dia 28 de setembro de 1921 foi feita uma festa de homenagem ao Jubileu de Ouro do Padre Pedro Bucher na Companhia de Jesus. Padre

Bucher celebra uma missa solene na presença do Governador da Diocese.

Foi o único registro encontrado neste período para o Padre Pedro Bucher

4. Os livros de filosofia que eram usados na época;

Não temos registros dos livros de filosofia da época.

5. Qualquer informação sobre o currículo da época.

Desde o início das atividades do Colégio Gonzaga, ano após ano mudanças eram realizadas no currículo, ainda que a filosofia de educação não mudasse. Assim, durante os 6 anos que envolve o período em tela, a formação humanística, centrada nas artes, nas diferentes formas de expressão, inclusive com aluas de oratória, de caligrafia, de ortografia e formação de um pensamento crítico, com o estudo de história universal e do brasil, trazendo, inclusive renomados brasileiros para palestras e encontros. Esse foi um período muito rico na formação humanista e cultural dos alunos. À partir de 2016 o colégio teve uma mudança radical na sua filosofia educacional, centrando o trabalho na formação para o trabalho e para a vida econômica, reduzindo de forma drástica a ênfase na cultura e nas humanas. Assim, o Mario Dias Ferreira dos Santos, viveu um momento muito rico na linha de trabalho que seguiu.

O Currículo mudava de ano para ano, por isso, apresentamos a base curricular cursada pelo Mário. O Ensino no Colégio Gonzaga se constituía:
1. Curso de Preliminar – 3 Anos
1º Ano **-** Caligrafia, Leitura, Aritmética, Ortografia, Religião;
, Gramática, Religião e Desenho;
3º Ano – Caligrafia, Geografia, Leitura, Aritmética, Religião, História do Brasil e Português, Desenho;
2. Curso Médio – 1 Ano
Caligrafia, Desenho, Francês, História do Brasil, Geografia, Geometria, Aritmética, Português, Religião;
3. Curso Secundário – 5 Anos
1º Ano – Religião, Português, Francês, Aritmética, Geografia, Desenho;

2º Ano – Curso A (Literário): Religião, Português, Francês, Aritmética, Geografia, Alemão, História Universal

Curso B (Comercial) Religião, Português, Francês, Aritmética, Geografia Comercial, Alemão, Escrituração Mercantil;

3º Ano - Curso A (Literário)Religião, Português, Francês, , Aritmética, Alemão, História Universal, Inglês, Latim, História do Brasil, Geografia;

Curso B (Comercial) Religião, Português, Francês Comercial, Aritmética, Alemão, Inglês, Latim, História do Brasil, Cálculo Comercial e Escrituração Mercantil

4º Ano – Religião, Francês, Alemão, Latim, Álgebra, Geometria, História Universal, Física;

5º Ano – Religião, Latim, Geometria, História Natural, Física, Química e Filosofia.

Obs. Canto e Música não reprovavam, não tinham notas ou registro de aproveitamento.

Os Programas dos Componentes Curriculares eram os mesmos do Colégio Pedro II do Rio de Janeiro. O Curso Secundário (também chamado de Ginasial) constituído por 5 anos preparava para os Vestibulares e Exames Preparatórios.

No Curso Secundário, nos 2º e 3º Anos o estudante poderia optar por Ensino Comercial ou Ensino Literário

O Currículo mudou muito no decorrer dos anos, por exemplo já em 1925 o 3º Ano já sofreu desdobramentos nos cursos Literário e Comercial, introduzindo, por exemplo, Mecanografia, Correspondência Comercial, Cálculo Comercial além da Escrituração Mercantil. No Literário Latim que só tinha até 2º Ano.

Os Estudantes eram avaliados por Bancas constituídas por professores nomeados pelo Governo Federal, sob a inspeção de um professor da Faculdade de Direito do RJ.

Por exemplo, em 1919 consta nos registros do Colégio a seguinte relação:

inspetor. Dr. Luiz Nunes Ferreira.

Primeira Banca: Português, Francês, Latim: Srs. Drs. Bruno G. Chaves, João da Costa Goulart J., Francisco Paula Alves da Fonseca;

Segunda Banca: Alemão, Inglês: Dr[Helena Pillmann, Drs. Antônio S. de Paiva, Pedro Freitas;

Terceira Banca: Matemática: Dr. Serafim Gomes de Freitas, 1º Tenente Januário Coelho da Costa, Joaquim Alves da Fonseca;

Quarta Banca: Geografia, História Universal, História do Brasil: Drs. Bruno G. Chaves, João da Costa Goulart J. Antero Moreira Leivas;

Quinta Banca: História Natural, Física e Química: Drs. Manoel Serafim Gomes de Freitas, Urbano Garcia, Victor Russomano.

ANEXO B – Um filósofo jovem

"Ao bom amigo Joaquim / Com um abraço do Mário" (Dedicatória de Mário Ferreira dos Santos a seu amigo Joaquim Monteiro da Cunha, escrita no verso da foto de 29/01/1926)

ARQUIVO PESSOAL DE JOAQUIM ALFREDO LHULLIER DA CUNHA

ANEXO C – Mário entre colegas do Gymnasio Gonzaga

Fotografia contida no livro de "Lembrança do Gymnasio Gonzaga – Pelotas", ano escolar de 1924, turma V ano.

ANEXO D – Menção honrosa ao estudante Mário

V Anno

No conjuncto das materias

MERECEU O PREMIO DE EXCELLENCIA

Pedro Dias Carduz 583

DIGNOS DE MENÇÃO HONROSA

Procopio G. de Freitas | João Alfredo Pitrez

Armando Maffei | Mario D. Ferreira Santos
Paulo da Cunha Echenique

RELIGIÃO

M. H. Pedro D. Carduz | Procopio G. de Freitas
João Alfredo Pitrez

LATIM

M. H. Pedro Dias Carduz

GEOMETRIA

Primeiro Lugar: *Procopio Gomes de Freitas*
M. H. Pedro D. Carduz

HISTORIA NATURAL

M. H. Pedro D. Carduz

PHYSICA

Primeiro Lugar: *Pedro Dias Carduz*
M. H. Procopio G. Freitas

CHIMICA

M. H. Pedro D. Carduz

Informação fotografada da página 27 do livro de “Lembrança do Gymnasio Gonzaga – Pelotas”, ano escolar de 1924, turma V ano. Nesse ano Mário Dias Ferreira dos Santos foi um dos DIGNOS DE MENÇÃO HONROSA.

ANEXO E – Fotografia do amigo Joaquim Monteiro da Cunha e eventuais conhecidos

No verso da foto, a descrição: “Paulo Favali, Adolfo Nunes, Joaquim Monteiro da Cunha e Frank Nunes.”
Joaquim Monteiro da Cunha era amigo do Mário, confrade com quem conversava em latim e francês.
ARQUIVO PESSOAL DE JOAQUIM ALFREDO LHULLIER DA CUNHA

ANEXO F – Fotografia da família da esposa

Daura Duro Lhullier, Mozart Duro Lhullier, Antônia Duro Lhullier com Francisco Humberto Duro Lhullier, Helena Duro Lhullier, Yolanda Duro Lhullier [esposa do Mário] e João Alfredo Duro Lhullier. 17.04.1930
ARQUIVO PESSOAL DE JOAQUIM ALFREDO LHULLIER DA CUNHA

ANEXO G – A filha e o sobrinho

Yolanda Lhullier dos Santos (filha de Mário Ferreira dos Santos) e seu primo Joaquim Alfredo Lhullier da Cunha
Pelotas, 21 de outubro de 1958.
ARQUIVO PESSOAL DE JOAQUIM ALFREDO LHULLIER DA CUNHA

ANEXO H – Arquivos de jornais obtidos na Bibliotheca Pública Pelotense

1. JURY.

Diário Popular de 14 de novembro de 1928, em que está registrada a estréia de Mário Ferreira dos Santos como advogado.

2. PORQUE FUI DETIDO

A Opinião Pública de 19 de dezembro de 1930.

3. A HISTÓRIA QUE AINDA NÃO FOI CONTADA

Diário Popular de 16 de abril de 1942.

4. UMA NOVA IDADE MÉDIA

Diário Popular de 13 de maio de 1942.

JURY

Ante-ontem sob a presidencia do integro magistrado, nosso amigo, sr. dr. Samuel Figueiredo da Silva, proseguiram os trabalhos do jury.

O conselho de sentença ficou constituido dos srs. dr. Ildefonso Carvalho, Victor Paradeda, Gabriel Fagundes, dr. Alvim Lopes Prietto e Ildefonso Badia.

Entrou em julgamento Gentil Marques Ferreira accusado de crime de morte.

Produziu a accusação de forma altamente brilhante, como soe acontecer, o talentoso promotor publico, nosso amigo, sr. dr. Poty de Medeiros.

A defeza esteve a cargo dos talentosos academicos de direito sr. João de Barros Cassal e Mario Santos.

Houve replica e treplica.

Os trabalhos do julgamento prolongaram-se até a 1 hora da madrugada de ontem.

O accusado foi absolvido por 4 votos contra 1.

O integro promotor publico, sr. dr. Poty de Medeiros appelou para o Superior Tribunal do Estado.

O talentoso academico sr. Mario Santos, que fez brilhantissima estréa na tribuna judiciaria, mostrou reaes dotes de tribuno, além de predicados de estudiosos, demonstrando assim, que um futuro promissor lhe aguarda na vida pratica.

O distincto academico recebeu muitas felicitações de seus amigos e admiradores.

— Ontem entrou em julgamento Vidal Penalvo da Silva, praça do 4°. B. I. M., accusado de ter assassinado sua esposa, em desaggravo da honra.

O Conselho de Sentença ficou constituido dos srs. Antonio André Sobrinho, Victor Paradeda, capitão Bernardino Nunes de Azeredo, dr. Alvim Lopes Prietto e dr. Ildefonso Carvalho.

Desenvolveu a accusação o talentoso promotor publico nosso amigo, dr. Poty Medeiros. A defeza esteve a cargo do nosso amigo sr. Aristides Bittencourt, conceituado advogado e do talentoso academico de direito sr. José Pio de Lima Antunes, que se extreou na tribuna judiciaria, revelando excellentes dotes de orador bem como cultura apreciavel.

O joven academico recebeu muitas felicitações.

Os debates estiveram animados.

Vidal Penalvo da Silva, foi, por unanimidade, absolvido.

Presidiu o acto o integro magistrado nosso amigo, sr. dr. Samuel Figueiredo da Silva.

Hoje, será julgado Francisco Vidal Otero, accusado do crime de morte.

JURY

Ante ontem sob a presidencia do integro magistrado, nosso amigo, sr. dr. Samuel Figueiredo da Silva, proseguiram os trabalhos do jury.

O conselho de sentença ficou constituido dos srs. dr. Ildefonso Carvalho, Victor Paradeda, Gabriel Fagundes, dr. Alvim Lopes Prietto e Ildefonso Badia.

Entrou em julgamento Gentil Marques Ferreira accusado de crime de morte.

Produziu a accusação de forma altamente brilhante, como soe acontecer, o talentoso promotor publico, nosso amigo, sr. dr. Poty de Medeiros.

A defeza esteve a cargo dos talentosos academicos de direito sr. João de Barros Cassal e Mario Santos.

Houve replica e treplica.

Os trabalhos do julgamento prolongaram-se até a 1 hora da madrugada de ontem.

O accusado foi absolvido por 4 votos contra 1.

O integro promotor publico, sr. dr. Poty de Medeiros appelou para o Superior Tribunal do Estado.

O talentoso acadêmico sr. Mario Santos, que fez brilhantissima estréa na tribuna judiciaria, mostrou reaes dotes de tribuno, além de predicados de estudiosos, demonstrando assim, que um futuro promissor lhe aguarda na vida pratica.

O distincto acadêmico recebeu muitas felicitações de seus amigos e admiradores.

— Ontem entrou em julgamento Vidal Penalvo da Silva, praça do 4º. B. I. M., accusado de ter assassinado sua esposa, em desaggravo da honra.

O Conselho de Sentença ficou constituido dos srs. Antonio André Sobrinho, Victor Paradeda, capitão Bernardino Nunes de Azeredo, dr. Alvim Lopes Prietto e dr. Ildefonso Carvalho.

Desenvolveu a accusação o talentoso promotor publico nosso amigo dr. Poty Medeiros. A defeza esteve a cargo do nosso amigo sr. Aristides Bittencourt, conceituado advogado e do talentoso academico de direito sr. José Pio de Lima Antunes, que se extreou na tribuna judiciaria, revelando excellentes dotes de orador bem como cultura apreciavel.

O joven academico recebeu muitas felicitações.

Os debates estiveram animados.

Vidal Penalvo da Silva, foi, por unanimidade, absolvido.

Presidiu o acto o integro magistrado nosso amigo, sr. dr. Samuel Figueiredo da Silva.

Hoje, será julgado Francisco Vidal Otero, accusado do crime de morte.

PHASE NOVISSIMA
ANNO XXXV — ORGAM DOS INTERESSES GERAES — JORNAL INDEPENDENTE
PELOTAS, SEXTA-FEIRA, 19 DE DEZEMBRO DE 1930
Director: Mario Santos — Redactor secretario: Carlos L. Cassanovas — Gerente: Antonio de Abreu Santos — N. 128

PORQUE FUI DETIDO

O facto succedido commigo em Porto Alegre, que, creio, deve estar no conhecimento de todos, se foi recebido por muitos com surpreza, para mim assumiu as proporções do inaudito.

Não o esperava como nada, até então, me poderia determinar tal espectativa.

Já não quero falar de coisas secundarias, como principios liberaes ou outros principios, porque não vem ao caso nem nada collaboram para a explicação publica que quero dar. Como todos sabem fui á Porto Alegre prestar meus ultimos exames na Faculdade de Direito, em vista de ter renunciado os favores immoraes de um decreto que me concedia o diploma, sem que necessario fosse, ante conspicua banca de egregios lentes, mostrar os conhecimentos que adquirira para a conquista de um titulo illustre.

Sahi de Pelotas ao segundo dia da declaração da greve dos trabalhadores da Light and Power.

Quando lá me achava, no mesmo dia em que iniciava os meus exames, fui detido, sob a *grave* accusação de ser um dos promotores dum movimento justo, em que alguns homens, levados pela luta pela vida, após todos os pedidos amistosos, pugnavam em conquistar alguns mil reis a seus parcos ordenados, abandonando o trabalho.

Não cabe aqui justificar essa greve. Pelotas a assistiu melhor que eu, estremeceu por ella e lutou por ella. Serviram como provas contra mim o facto de ter enviado ao jornal que dirijo um telegramma, no qual dava a linha de conducta a portar, não ante o movimento que havia, porque a este, consentaneo com o nosso programma, já tinhamos dado a nossa solidariedade, mas a nossa attitude ante os novos acontecimentos que me chegavam confusos.

Alem deste telegramma, serviu uma carta que estava abandonada em minha mesa de estudo, na qual aconselhava a «A Opinião» a lançar um vehemente protesto contra os factos succedidos, pedindo todo o apoio do povo, inclusive do commercio e da industria.

Não quero accusar ninguem. Guardo a superioridade que sempre me assistiu em todos os actos da minha vida.

Entretanto cumpre-me declarar, e o faço em alto e bom som, que absolutamente não tive a honra de dirigir a greve dos empregados da Light, nem fui seu fomentador.

Disso poderia dar o testemunho insuspeito dos proprios grevistas, como, tambem, o do illustre dr. João Py Crespo que está sciente do quanto fiz para solucionar o caso sem mais delongas, pedindo, até, á s. excia, que me permittisse dirigir aos grevistas, propondo a estes, o dr. prefeito como arbitro da questão.

Desnecessario, creio, seriam esses depoimentos, porque Pelotas inteira sabe que o movimento paredista foi expontaneo, tendo os grevistas se portado sempre dentro do maior respeito ás leis (se é que existem com a dictadura), á ordem publica e ás autoridades.

Scientificado o dr. Flores da Cunha da realidade dos factos fui chamado depois á sua presença, tendo s. exa. me declarado nada existir contra mim, podendo dirigir-me livre para a minha terra, quando bem me conviesse. Posteriormente, tendo outro encontro com o dr. Flores da Cunha soube, tambem, da intervenção do dr. Py Crespo em meu favor, dando sciencia sobre o que se passára, declarando o que sabia a meu respeito.

Resta aqui agradecer a todos os meus collegas de advocacia, tanto daqui como de Porto Alegre, aos meus collegas de bancos academicos e aos meus amigos da metropole e de Pelotas, que tanto interesse mostraram em meu favor, estendendo esse agradecimento a todos os companheiros de trabalho da «A Opinião» que cumpriram fielmente os seus deveres em todos os momentos.

Em particular quero agradecer ao bonissimo varão e homem de largo descortino liberal que é o dr. Py Crespo, que tanto empenho mostrou, esforçando-se com carinho sobre o meu caso.

Agradeço-os a todos com effusão de alma.

Este momento da minha vida mostrou-me claro, aquelles que são meus amigos sinceros. Guardo no amago do meu ser os seus nomes, as suas individualidades.

Ainda estou vivo e salvo. Isso desgostará os meus adversarios. Que fazer? Nem tudo pode correr como elles queiram.

Por outro lado estou supinamente orgulhoso. O «crime» de que fui accusado só me ennobrece, porque corporifica-se no facto de ter defendido alguns humildes operarios brasileiros contra a exploração infame de «goriots» yankees.

Já expliquei como foi e o limite da minha participação.

Estou duplamente diplomado Por um lado, bacharel em direito, por outro em jornalismo, a despeito dos meus pobres adversarios que absolutamente não os desejo mal algum, embora não possa deixar de deplora-los

Diplomado em jornalismo, sim, porque a minha prisão de poucas horas embora, foi o effeito de meu sacrificio, de minha abnegação, em lutar contra todos os exploradores do povo pelotense, sem nunca me ter dobrado ás tentativas «doiradas»...

MARIO SANTOS

A gravidade do momento

E' de indisfarçavel gravidade a situação economica brasileira.

Em entrevista concedida ha dias ao "Diario de Noticias", da capital do Estado, o dr Getulio Vargas delineou, sem rebuços, a realidade de nossa situação economica e financeira.

Entre outras cousas disse:

"O Brasil viu desapparecer, em nove mezes, quasi a totalidade do ouro que lastreava sua circulação e que eram quasi 30 milhões de esterlinos. Pois nada menos de vinte e dois milhões de esterlinos emigraram do paiz. E os compromissos deixados pela administração passada obrigam o actual governo a remetter para o exterior o saldo desse lastro, para garantir as obrigações do erario federal."

Ora essas palavras são cathegoricas e definitivas. Impossivel qualquer tentativa que queira diminuir as côres fortes de uma realidade chocante.

O Brasil encontra-se numa ruina insophismavel. E essa ruina não é só financeira, como economica.

A paralysação forçada ou atonia da producção industrial, a saturação nos mercados e nos stocks, do café e do assucar, a desvalorisação da borracha e das outras materias primas nacionaes, que a Europa pouco procura porque tem a fonte inesgotavel do colonialismo, são as causas emergentes da crise que atravessamos.

Mas a gravidade do problema não quer dizer insolubilidade.

As soluções existem.

Mas ao procura-las, ao coordena-las, ao dispo-las para a objectivação, requer-se methodo scientifico e uma acuidade quasi genial.

Um ponto, porém, não se pode desprezar, por ser vital, á solução.

E' o que se refere á economia mundial. O Brasil não é um mundo aparte. A sua vida está ligada á vida dos outros povos.

Não vive por si, mas necessita dos outros, do intercambio internacional. Para a solução do nosso caso interessa-nos directa ou indirectamente o que succede em todos os paizes do mundo.

A propria revolução chineza contribue para a nossa crise economica, porque China é um grande mercado da Europa que as perturbações da ordem tornaram-na sem poder acquisitivo algum. Europa pouco vende hoje e pouco compra.

Ha um reajustamento quasi autonomo.

Emfim, qualquer manual de economia politica ou de politica economica pode explicar isso.

"Miss Universo e o "Dia da Manon"

A malharia de seda "Bic", do Rio de Janeiro, acaba de enviar ao sr. Raphael Mazza, proprietario do "Bazar da Moda", uma artistica caixa com 12 pares das finissimas meias "Manon", para ser offerecida á "rainha da belleza universal".

O sr. Romulo Braga, chefe dos escriptorios da mencionada fabrica, desejando prestar sua homenagem executou bellissimo quadro de "Miss Universo", que lhe será entregue pelo sr. Mazza.

A entrega dos referidos presentes será no dia 21 e como nesse dia, o "Bazar da Moda" completa o seu terceiro anniversario, instituiu o "Dia da Manon" e offerece em regosijo á data e em homenagem á senhorinha Yolanda Pereira, um fino par de meias "Manon" (valor

No Amazonas

Organização de bata[lhões] — A adminis[tração] do Estado

Manáos, 19 — Foi definiti[vamente] organisado o 27 batalhão de caçadores. O commandante coronel Ran[dolpho] Guasque, que estive[ra] afastado temporariamente foi reintegrado no seu pos[to]. Sob um ambiente de sympathia, a administração do Estado prosegue com [a] direcção do interventor, no trabalho de reorganização geral dos serviços publicos mostrando-se a população satisfeita

PORQUE FUI DETIDO

O facto succedido commigo em Porto Alegre, que, creio, deve estar no conhecimento de todos, se foi recebido por muitos com surpreza, para mim assumiu as proporções do inaudito.

Não o esperava como nada, até então, me poderia determinar tal espectativa.

Já não quero falar de coisas secundarias, como principios liberaes ou outros principios, porque não vem ao caso nem nada collaboram para a explicação publica que quero dar. Como todos sabem fui á Porto Alegre prestar meus ultimos exames na Faculdade de Direito, em vista de ter renunciado os favores immoraes de um decreto que me concedia o diploma, sem que necessario fosse, ante conspicua banca de egregios lentes, mostrar os conhecimentos que adquirira para a conquista de um título illustre.

Sahi de Pelotas ao segundo dia da declaração da greve dos trabalhadores da Light and Power.

Quando lá me achava, no mesmo dia em que iniciava os meus exames, fui detido, sob a *grave* accusação de ser um dos promotores dum movimento justo, em que alguns homens, levados pela luta pela vida, após todos os pedidos amistosos, pugnavam em conquistar alguns mil reis a seus parcos ordenados, abandonando o trabalho.

Não cabe aqui justificar essa greve. Pelotas a assistiu melhor que eu, estremeceu por ella e lutou por ella. Serviram como provas contra mim o facto de ter enviado ao jornal que dirijo um telegramma, no qual dava a linha de conducta a portar, não ante o movimento que havia, porque a este, consentaneo com o nosso programma, já tinhamos dado a nossa solidariedade, mas a nossa attitude ante os novos acontecimentos que me chegavam confusos.

Alem deste telegramma, serviu uma carta que estava abandonada em minha mesa de estudo, na qual aconselhava a "A Opinião" a lançar um vehemente protesto contra os factos succedidos, pedindo todo o apoio do povo, inclusive do commercio e da industria.

Não quero accusar ninguem. Guardo a superioridade que sempre me assistiu em todos os actos da minha vida.

Entretanto cumpre-me declarar, e o faço em alto e bom som, que absolutamente não tive a honra de dirigir a greve dos empregados da Light, nem fui seu fomentador.

Disso poderia dar o testemunho insuspeito dos proprios grevistas, como, tambem, o do illustre dr. João Py Crespo que está

sciente do quanto fiz para solucionar o caso sem mais delongas, pedindo, até, á s. excia que me permittisse dirigir aos grevistas, propondo a estes o dr. prefeito como arbitro da questão.

Desnecessario, creio, seriam esses depoimentos, porque Pelotas inteira sabe que o movimento paredista foi expontaneo, tendo os grevistas se portado sempre dentro do maior respeito ás leis (se é que existem com a dictadura), á ordem publica e ás autoridades.

Scientificado o dr. Flores da Cunha da realidade dos factos fui chamado depois á sua presença, tendo s. exa. me declarado nada existir contra mím, podendo dirigir-me livre para a mínha terra, quando bem me conviesse. Posteriormente, tendo outro encontro com o dr. Flores da Cunha soube, tambem, da intervenção do dr. Py Crespo em meu favor, dando sciencia sobre o que se passára, declarando o que sabia a meu respeito

Resta aqui agradecer a todos os meus collegas de advocacia, tanto daqui como de Porto Alegre, aos meus collegas de bancos academicos e aos meus amigos da metropole e de Pelotas, que tanto interesse mostraram em meu favor, estendendo esse agradecimento a todos os companheiros de trabalho da “A Opinião” que cumpriram fielmente os seus deveres em todos os momentos.

Em particular quero agradecer ao bonissimo varão e homem de largo descortino liberal que é o dr. Py Crespo, que tanto empenho mostrou, esforçando-se com carinho sobre o meu caso.

Agradeço-os a todos com effusão de alma.

Este momento da minha vida mostrou-me claro, aquelles que são meus amigos sinceros. Guardo no amago do meu ser os seus nomes, as suas individualidades.

Ainda estou vivo e salvo. Isso desgostará os meus adversários. Que fazer? Nem tudo pode correr como elles queiram.

Por outro lado estou supinamente orgulhoso. O “crime” de que fui accusado só me ennobrece, porque corporifica-se no facto de ter defendido alguns humildes operarios brasileiros contra a exploração infame de “goriots” yankees.

Já expliquei como foi e o limite da minha participação.

Estou duplamente diplomado Por um lado, bacharel em direito, por outro em jornalismo, a despeito dos meus pobres adversários que absolutamente não os desejo mal algum, embora não possa deixar de deplora-los

Diplomado em jornalismo, sim, porque a minha prisão de poucas horas embora, foi o effeito de meu sacrifício, de minha

abnegação, em lutar contra todos os exploradores do povo pelotense, sem nunca me ter dobrado ás tentativas “doiradas”.

MÁRIO SANTOS

A HISTÓRIA QUE AINDA NÃO FOI CONTADA...

Mário D. Ferreira SANTOS
"Esp. para o Diário Popular"

As notícias de guerra geravam-me horas de severas preocupações.
Não podia, por mim mesmo, satisfazer minhas perguntas nem
permanecer na anestesia nirvanica daqueles que ocasionalmente
se lembram que existe uma guerra. Talvez isso lhes conceda
um certo bem estar e lhes ofereça a agradabilidade de umas horas afas-
tadas das realidades da hora presente, o que, para muitos, pode ser uma
inefável libertação.

No entanto sou daqueles que fitam os acontecimentos e tenho a
desagradavel mania de querer interpretá-los lobrigando nos longes dos
fatos humanos, tran cendentais expilcações, condicionalidades misterio-
sas, obscuras, escondidas em desvãos de bastidores politicos, motivos te-
lúrico que partem da morna umidade da terra, cósmicos e enigmáticos,
razões raciais, fôrças econômicas, determinismos psicológicos, num aco-
modamento interior do desiquilibrio desconcertante que me provocam
os fatos inesperados.

A chegada da primavera, na Europa, é sempre uma interrogati-
va apremiante. A luta já nos interessa demais para que não nos preo-
cupemos com a marcha do termôme'ro. Nós, agora, começamos, cada
dia, a ter mais conciência de que existe uma guerra na Europa. Até
aqui havia um certo diletantismo de turistas sôbre os acontecimentos
do mundo.

Comentavamos como se fos em fatos de quem eramos simples es-
pectadores. Julgavamos as cenas bem ou mal jogadas. Admiravamos,
comentavamos, comba'iamos, negavamos, em suma, contradiziamos em
cada uma de nossas atitudes, as atitudes anteriores, quando observáva-
mos os acontecimentos. Eramos assim. Hoje, não ! Hoje compreende-
mos que não somos mais os simples espectadores dêsse grande melo-
drama, somos, agóra, os intérpretes que entraram depois do espetáculo
começado.

Retardatários, mas nem por isso menos importantes, e como
personagens desse drama, subimos á ribalta com a convicção da ine-
lutabilidade do destino. Procuramos, é certo, abstrairmo-nos do con-
flito europeu, quando êle era simplesmente europeu. Eramos o que
sempre haviamos sido: americanos. Não tínhamos o direito de intervir
alí, se alí não houvéramos sido chamados. Mas os fatos seguiram um
caminho diferente.

Os imperialistas ressentidos da Europa desejavam e desejam o
dominio do mundo, porque já disse "...quem dominar a Europa quer
dominar o mundo !"

Esses imperialistas insatisfeitos e ressentidos — Alemanha na-
zista e a Itália fascista — não trepidaram em procurar a adesão duvi-
dosa do Japão. Buscaram um inimigo — esses são os bárbaros do século
vinte — para a cumplicidade de um assalto ao mundo, á mão armada.
Não havia mais lugar para neutralidade, porque não há mais neutros
no mundo. E' que se não joga, agora, o destino de um povo, nem de
uma cultura, nem de uma civilização, nem de uma idéia : joga-se o
destino da raça humana !

Pitágoras falava assim e eu assentia com êle. Dizia-me entre ou-
tras coisas : — Enganam-se os homens se, neste momento humano, o
mais trágico de todos, porque, tu o reconheces, estamos vivendo uma
idade trágica, estejamos resolvendo os dèstinos de um povo, de uma
nação, de um continente, de uma idéia, de um partido, de úma raça, de
uma ideologia.

Estamos, neste momento, assistindo a gestação do maior confli-
to de conciências que o mundo já assistiu. Estamos, agora, jogando o
destino da raça humana. E' demasiadamente importante o que nos po-
de reservar o futuro. O problema é mais grave e mais preocupante do
que se julga. Muitos, ainda, estão na superficialidade da luta de or-
dem politica, outros perscrutam razões econômicas, outros lobrigam
problemas raciais, mas vejo um problema cósmico, que transcende até
a própria biologia. Estamos na encruzilhada do destino humano. Esta-
mos ás portas de algo de definitivo para os homens, e isso, há mais de
cinquenta anos, foi previsto, foi proclamado, foi anunciado. E, no en-
tanto, muitos vivem adormecidos ao embalo do progresso, acreditando
que os magnos problemas teriam soluções práticas. Enganam-se ao jul-
gar que os instintos humanos já haviam adormecido e que o esquema
ótico do homem já se acomodara ao interêsse coletivo da humanidade.
E agora, aí temos a colisão suprema: a maior de todas as guerras e
que apenas inicia. Ela irá revolver tudo, arrastar na sua fúria proble-
mas transcendentais, só porque um grupo de ressentidos, não conven-
cidos de sua derrota, enquanto o mundo esquecia a outra guerra e lhes
atirava um olhar de simpatia, preparavam-se para a vingança. Falo
na Alemanha. E tenho razão. Ela jamais se se convenceu de sua der-
rota. Desejou, acalentou, animou essa vingança. Alimentou-a com es-
peranças e angústias. Tudo quanto disse, tudo quanto fez, escondia sua
ansia de retôrno ao poderio. Quando o mundo esquecia as feridas que
ela havia feito na carne dos outros povos, ela lembrava. Ameaçava e
os outros calavam. Poderiam tê-la destruido de uma vez, mas perdoa-
vam. Ela não. Açulou sua juventude, embriagou-a de marchas selva-
gens, combateu todo o sentimentalismo, encheu de cerveja, empan-
turrando êsses terríveis intestinos alemães donde nascem sempre suas
obscuras filosofias e suas vinganças misticas, intoxicou o povo de rei-
vindicações sangrentas, chegou-lhe ás narinas o sangue fresco dos que
caiam mortos dos crimes não praticados. Imputou culpados para a sa-
tisfação da caincalha das ruas. E em nome da Alemanha, da vingança
de uma Alemanha derrotada, lançou o rastilho da guerra. Desceu, as-
sim, o plano inclinado do grande conflito que o mundo lutou para im-
pedir. E não parará, agora. Não, porque essa mesma Alemanha foi
despertar para a luta um povo místico e feroz, sangrento e insatisfei-
to, o maior inimigo da Alemanha : o Japão !

Parece um paradoxo ! Pois acredita : o Japão é o inimigo da
Alemanha e a derrota de Hitler será somente um capítulo dessa histó-
ria.

Há outro que os povos da América, da Asia e da Africa vão
contar...

A HISTÓRIA QUE AINDA NÃO FOI CONTADA...

Mário D. Ferreira SANTOS
"Esp. para o Diário Popular"

As notícias de guerra geravam-me horas de severas preocupações. Não podia, por mim mesmo, satisfazer minhas perguntas nem permanecer na anestesia nirvanica daqueles que ocasionalmente se lembram que existe uma guerra. Talvez isso lhes conceda um certo bem estar e lhes ofereça a agradabilidade de umas horas afastadas das realidades da hora presente, o que, para muitos, pode ser uma inefável libertação.

No entanto sou daqueles que fitam os acontecimentos e tenho a desagradavel mania de querer interpretá-los lobrigando nos longes dos fatos humanos tran cendentais explicações, condicionalidades misteriosas, obscuras, escondidas em desvãos de bastidores políticos, motivos telúrico que partem da morna umidade da terra, cósmicos e enigmáticos, razões raciais, fôrças econômicas, determinismos psicológicos, num acomodamento interior do desiquilíbrio desconcertante que me provocam os fatos inesperados.

A chegada da primavera, na Europa, é sempre uma interrogativa apremiante. A luta já nos interessa demais para que não nos preocupemos com a marcha do termômetro. Nós, agora, começamos, cada dia, a ter mais conciência de que existe uma guerra na Europa. Até aqui havia um certo diletantismo de turistas sôbre os acontecimentos do mundo.

Comentavamos como se fossem fatos de quem eramos simples espectadores. Julgavamos as cenas bem ou mal jogadas. Admiravamos, comentavamos, combatiamos, negavamos, em suma, contradiziamos em cada uma de nossas atitudes, as atitudes anteriores, quando observávamos os acontecimentos. Eramos assim. Hoje, não ! Hoje compreendemos que não somos mais os simples espectadores dêsse grande melodrama, somos, agóra, os intérpretes que entraram depois do espetáculo começado.

Retardatários, mas nem por isso menos importantes, e como personagens desse drama, subimos á ribalta com a convicção da inelutabilidade do destino. Procuramos, é certo, abstrairmo-nos do conflito europeu, quando êle era simplesmente europeu. Éramos o que sempre haviamos sido: americanos. Não tínhamos o direito de intervir alí, se alí não houvéramos sido chamados. Mas os fatos seguiram um caminho diferente.

Os imperialistas ressentidos da Europa desejavam e desejam o domínio do mundo, porque já disse "...quem dominar a Europa quer dominar o mundo!"

Êsses imperialistas insatisfeitos e ressentidos – Alemanha nazista e a Itália fascista – não trepidaram em procurar a adesão duvidosa do Japão. Buscaram um inimigo – esses são os bárbaros do século vinte – para a cumplicidade de um assalto ao mundo, á mão armada. Não havia mais lugar para neutralidade, porque não há mais neutros no mundo. É que se não joga, agora, o destino de um povo, nem de uma cultura, nem de uma civilização, nem de uma idéia : joga-se o destino da raça humana !

Pitágoras falava assim e eu assentia com êle. Dizia-me entre outras coisas : − Enganam-se os homens se, neste momento humano, o mais trágico de todos, porque, tu o reconheces, estamos vivendo uma idade trágica, estejamos resolvendo os destinos de um povo, de uma nação, de um continente, de uma idéia, de um partido, de uma raça, de uma ideologia.

Estamos, neste momento, assistindo a gestação do maior conflito de consciências que o mundo já assistiu. Estamos, agora, jogando o destino da raça humana. É demasiadamente importante o que nos pode reservar o futuro. O problema é mais grave e mais preocupante do que se julga. Muitos, ainda, estão na superficialidade da luta de ordem política, outros prescrutam razões econômicas, outros lobrigam problemas raciais, mas vejo um problema cósmico, que transcende até a própria biologia. Estamos na encruzilhada do destino humano. Estamos ás portas de algo de definitivo para os homens, e isso, há mais de cinquenta anos, foi previsto, foi proclamado, foi anunciado. E, no entanto, muitos vivem adormecidos ao embalo do progresso, acreditando que os magnos problemas teriam soluções práticas. Enganam-se ao julgar que os instintos humanos já haviam adormecido e que o esquema ótico do homem já se acomodara ao interêsse coletivo da humanidade. E agora, aí temos a colisão suprema: a maior de todas as guerras e que apenas inicia. Ela irá revolver tudo, arrastar na sua fúria problemas transcendentais, só porque um grupo de ressentidos, não convencidos de sua derrota, enquanto o mundo esquecia a outra guerra e lhes atirava um olhar de simpatia, preparavam-se para a vingança. Falo na Alemanha. E tenho razão. Ela jamais se se convenceu de sua derrota. Desejou, acalentou, animou essa vingança. Alimentou-a com esperanças e angústias. Tudo quanto disse, tudo quanto fez, escondia sua ansia de retôrno ao poderio. Quando o mundo esquecia as feridas que ela havia feito na carne dos outros povos, ela lembrava. Ameaçava e os outros

calavam. Poderiam tê-la destruído de uma vez, mas perdoavam. Ela não. Açulou sua juventude, embriagou-a de marchas selvagens, combateu todo o sentimentalismo, encheu de cerveja, empanturrando êsses terríveis intestinos alemães donde nascem sempre suas obscuras filosofias e suas vinganças místicas, intoxicou o povo de reivindicações sangrentas, chegou-lhe ás narinas o sangue fresco dos que caíam mortos dos crimes não praticados. Imputou culpados para a satisfação da cainçalha das ruas. E em nome da Alemanha, da vingança de uma Alemanha derrotada, lançou o rastilho da guerra. Desceu, assim, o plano inclinado do grande conflito que o mundo lutou para impedir. E não parará, agora. Não, porque essa mesma Alemanha foi despertar para a luta um povo místico e feroz, sangrento e insatisfeito, o maior inimigo da Alemanha : o Japão !

Parece um paradoxo! Pois acredita : o Japão é o inimigo da Alemanha e a derrota de Hitler será somente um capítulo dessa história.

Há outro que os povos da América, da Ásia e da África vão contar.

Uma nova idade média

Mário D. Ferreira SANTOS
Esp. para o "Diário Popular"

Não podemos fugir ao fascínio avassalador dos acontecimen-
tos asiáticos que se processam magnéticos, exigindo o me-
lhor de nossa atenção:
Não estamos ainda esquecidos do testemunho de tantos es-
critores, de tantos jornalistas, de tantos políticos, viajantes e sa-
cerdotes, que viveram seus dias nas terras mágicas do Oriente e
que de lá trouxeram para para as repousadas regiões do Ocidente,
uma mensagem. O berço do mundo civilizado foi ali. Os orientais
não esquecem essa particularidade histórica.
As raças brancas avassalando a Europa, conquistaram, pelo
prodígio material, o contrôle dessa "peninsúla asiática, e, daí, o
mundo que ainda hoje dominam. E isso permite que se alcem an-
seios orientais com novas premissas, com o postulado fatalista de
um destino impostergável.
As potências democráticas não podem abandonar a luta da
China contra o Japão. E' preciso que, mais uma vez, se aproveite
essa contradição dos amarelos para benefício de toda Humanida-
dade. Os paises democráticos compreendem isso: Não se pode ad-
mitir que o domínio do mundo seja obra de um povo, de uma ra-
ça ou de um continente.
Desde a libertação da América, após batalhas sangrentas, a
Europa compreendeu o término de sua hegemonia. E êsse canto de
cisne da hegemonia européia está nessa sinfonia trágica de ca-
nhonaços. Isso, porém, não implica que a América não traga ao
mundo seu quinhão de compreensão e de solidariedade. Não há,
aqui, anseios de dominação nem imperialismos avassalantes. E isso
nos distingue dos últimos conquistadores.
Somos um povo, em toda a América, que se irmaniza. Nossos
braços estão abertos para o mundo. E, pela voz dos nossos ho-
mens mais proeminentes, pregamos sempre a aproximação huma-
na. Se falharam muitas dessas tentativas, á América não cabe a
culpa. Os eternos insatisfeitos da Europa balcanizada quizeram
perpetuar a balcanização. Se, alí, havia uma maior penetração de
idéias, se se falava e se aceitava uma mentalidade EUROPÉIA,
uma cultura EUROPÉIA, uma moral EUROPÉIA, que fizeram os
europeus que não souberam fixar êsses alicerces subjetivos ?
Estamos entre os fatos, á beira dos fatos, em face dos fatos.
A América foi arrastada á guerra porque seu destino estava
ligado ao da Europa. Os conquistadores, saidos das massas ululan-
tes dos ressentidos, ameaçavam outra vez o mundo. A Alemanha
sem colônias, quer o mundo, agora. Aliás essa ambição ecumêni-
ca sempre formou o lastro do seu complexo de superioridade. Ou-
çam, agora, a voz do Japão que quer "japonizar" o mundo. Os mes-
mos erros do passado, geram erros do presente. Mas há tempo,
agora, de abrir os olhos e revisar orientações.
O mundo está á beira de uma nova idade média. Os barba-
ros ameaçam-na... Os bárbaros do século vinte são os totalizado-
res que impõem uma só ideologia, uma só vontade, um só chefe,
uma só raca de senhores. E grande, agora, é o papel que cabe
áqueles que desejam uma aproximação humana, onde não hajam
dominadores nem dominados.
Era com Pitágoras que expunha êsses pontos de vista. Ele
me ouvia, mas me interrompeu para dizer mansamente:
— Há fatos no passado da história humana que não devem
ser esquecidos. E este instante nos impõe recordações. Num dos seus
ensáios filosóficos, Renan, com aquela sua profundidade que lhe
emprestava olímpicas manifestações geniais, dizia que os servi-
ços prestados aos homens, por algumas nações, terminavam por
esgotá-las. Esse fenômeno é tão repetido que é quasi uma lei his-
tórica. Há o exemplo de Portugal e Espanha que se esgotaram pelo
progresso do resto do mundo. Na antiguidade a Judéia, a Grécia,
Roma, são outros exemplos. A Fenícia, também posso acrescen-
tar... E mais ainda: hoje a França é outro exemplo. O mundo
sempre gozou do progresso á custa do sacrifício de um grupo de
povos predestinados. O esfôrço do Ocidente na civilização do Ori-
ente gastou em parte a sua vitalidade. Houve, muitas vezes, uma
tentativa de aproximação humana. Os obstinados de todas as ho-
ras não quizeram ouvir êsses apêlos. Mas ainda não sôou a última
hora para que não reste mais uma esperança. O Japão, agora, na
Ásia, tenta alçar um movimento anti-europeu. Procura, por todos
os meios erguer a hostilidade dos povos, por uma propaganda
hábil, penetrante, insistente. A resistência indú tem fundamen-
tos mais profundos. A China é socavada. O heroismo das hostes
de Chang-Kai-Shek encontra, é certo, grandes obstáculos para
transpor. O perigo amarelo, pode-se dizer, não existe ainda no
universal que se proclamou. Existe, sim, um perigo nipônico. Ja-
pão, insulado, tornou-se imperialista por determinismo geográfi-
co. O mesmo se deu com a Inglaterra, antes. A guerra de 14 foi
uma guerra de imperialistas. Mas esta é uma guerra que se tor-
nará a liquidadora dos imperialistas. América, por exemplo, em-
presta êsse sentido continental que é um exemplo edificante.
Ela sempre admitiu a Ásia para os asiáticos, a Africa para
os africanos, como a América para os americanos. Não há lugar
para imperialismos, porque eles são a guerra. E as guerras não
formam mais uma necessidade econômica da vida humana. Elas,
hoje, teem um sentido mais psicológico, porque mesmo a de 14 pro-
vou que os vencedores acabam vencidos
O Japão, porém, desperta tarde. Quer empregar uma filo-
sofia tardia aos acontecimentos da hora que passa. Esse é um
grande perigo.
Mas, estou certo, a barbárie japonesa da China foi tão ter-
rivel que está imunizando a Ásia de sua influência. Resta-nos, ao
menos, essa esperança. E isso, nesta hora das agitadas inquieta-
ções, tem o efeito de um refrigério.

Uma nova idade média

Mário D. Ferreira SANTOS
Esp. para o "Diário Popular"

Não podemos fugir ao fascínio avassalador dos acontecimentos asiáticos que se processam magnéticos, exigindo o melhor de nossa atenção.

Não estamos ainda esquecidos do testemunho de tantos escritores, de tantos jornalistas, de tantos políticos, viajantes e sacerdotes, que viveram seus dias nas terras mágicas do Oriente e que de lá trouxeram para para as repousadas regiões do Ocidente, uma mensagem. O berço do mundo civilizado foi ali. Os orientais não esquecem essa particularidade histórica.

As raças brancas avassalando a Europa, conquistaram, pelo prodígio material, o contrôle dessa "península asiática, e, daí, o mundo que ainda hoje dominam. E isso permite que se alcem anseios orientais com novas premissas, com o postulado fatalista de um destino impostergável.

As potências democráticas não podem abandonar a luta da China contra o Japão. É preciso que, mais uma vez, se aproveite essa contradição dos amarelos para benefício de toda Humanidade. Os países democráticos compreendem isso. Não se pode admitir que o domínio do mundo seja obra de um povo, de uma raça ou de um continente.

Desde a libertação da América, após batalhas sangrentas, a Europa compreendeu o término de sua hegemonía. E êsse canto de cisne da hegemonia européia está nessa sinfonia trágica de canhonaços. Isso, porém, não implica que a América não traga ao mundo seu quinhão de compreensão e de solidariedade. Não há, aqui, anseios de dominação nem imperialismos avassalantes. E isso nos distingue dos últimos conquistadores.

Somos um povo, em toda a América, que se irmaniza. Nossos braços estão abertos para o mundo. E, pela voz dos nossos homens mais proeminentes, pregamos sempre a aproximação humana. Se falharam muitas dessas tentativas, á América não cabe a culpa. Os eternos insatisfeitos da Europa balcanizada quizeram perpetuar a balcanização. Se, alí, havia uma maior penetração de idéias, se se falava e se aceitava uma mentalidade EUROPÉIA, uma cultura EUROPÉIA, uma moral EUROPÉIA, que fizeram os europeus que não souberam fixar êsses alicerces subjetivos ?

Estamos entre os fatos, á beira dos fatos, em face dos fatos.

A América foi arrastada á guerra porque seu destino estava ligado ao da Europa. Os conquistadores, saídos das massas ululantes dos ressentidos, ameaçavam outra vez o mundo. A Alemanha sem colônias, quer o mundo, agora. Aliás essa ambição ecumênica sempre formou o lastro do seu complexo de superioridade. Ouçam, agora, a voz do Japão que quer "japonizar" o mundo. Os mesmos erros do passado, geram erros do presente. Mas há tempo, agora, de abrir os olhos e revisar orientações.

O mundo está á beira de uma nova idade média. Os barbaros ameaçam-na...Os bárbaros do século XX são os totalizadores que impõem uma só ideologia, uma só vontade, um só chefe, uma só roca de senhores. E grande, agora, é o papel que cabe áqueles que desejam uma aproximação humana, onde não hajam dominadores nem dominados.

Era com Pitágoras que expunha êsses pontos de vista. Ele me ouvia, mas me interrompeu para dizer mansamente:

— Há fatos no passado da história humana que não devem ser esquecidos. E êste instante nos impõe recordações. Num dos seus ensáios filosóficos, Renan, com aquela sua profundidade que lhe emprestava olímpicas manifestações geniais dizia que os serviços prestados aos homens, por algumas nações, terminavam por esgotá-las. Êsse fenômeno é tão repetido que é quasi uma lei histórica. Há o exemplo de Portugal e Espanha que se esgotaram pelo progresso do resto do mundo. Na antiguidade a Judéia, a Grécia, Roma, são outros exemplos. A Fenícia, também posso acrescentar... E mais ainda: hoje a França é outro exemplo. O mundo sempre gozou do progresso á custa do sacrifício de um grupo de povos predestinados. O esfôrço do Ocidente na civilização do Oriente gastou em parte a sua vitalidade. Houve, muitas vezes, uma tentativa de aproximação humana. Os obstinados de todas as horas não quizeram ouvir êsses apêlos. Mas ainda não soou a última hora para que não reste mais uma esperança. O Japão, agora, na Ásia, tenta alçar um movimento anti-europeu. Procura, por todos os meios erguer a hostilidade dos povos, por uma propaganda hábil, penetrante, insistente. A resistência indú tem fundamentos mais profundos. A China é socavada. O heroísmo das hostes de Chang-Kai-Shek encontra, é certo, grandes obstáculos para transpor. O perigo amarelo, pode-se dizer, não existe ainda no universal que se proclamou. Existe, sim, um perigo nipônico. Japão, insulado, tornou-se imperialista por determinismo geográfico. O mesmo se deu com a Inglaterra, antes. A guerra de 14 foi uma guerra de imperialistas. Mas esta é uma guerra

que se tornará a liquidadora dos imperialistas. América, por exemplo, empresta êsse sentido continental que é um exemplo edificante.

Ela sempre admitiu a Ásia para os asiáticos, a África para os africanos, como a América para os americanos. Não há lugar para os imperialismos, porque eles são a guerra. E as guerras não formam mais uma necessidade econômica da vida humana. Elas, hoje, teem um sentido mais psicológico, porque mesmo a de 14 provou que os vencedores acabam vencidos.

O Japão, porém, desperta tarde. Quer empregar uma filosofia tardia aos acontecimentos da hora que passa. Êsse é um grande perigo.

Mas, estou certo, a barbárie japonesa da China foi tão terrível que está imunizando a Ásia de sua influência. Resta-nos, ao menos, essa esperança. E isso, nesta hora das agitadas inquietações, tem o efeito de um refrigério.